# (n.t.)

## Revista Literária em Tradução

Ano I - Set/2010 - Edição bilíngue semestral – Ilha de Desterro/Brasil

### Nesta edição:



“Sou um cidadão do mundo!”
Diógenes o Cínico

ISSN: 2177-5141

1

INTRO

"Não temas. Esta é a linguagem de tua alma!

Estas são as palavras de teu espírito!"

Cocom Pech

# EDITORIAL

Quando interrogado sobre sua pátria, sobre sua condição citadina, Diógenes o Cínico, seguidor de Antístenes, discípulo de Sócrates, respondeu: "Eu sou um cidadão do mundo". Essa declaração seria lida com ênfase pela posteridade como a primeira a abordar o princípio do cosmopolitismo, em favor de uma filiação universal independente do critério de pertença a uma dada comunidade. Para Diógenes, que considerava a si mesmo um desterrado, a verdadeira natureza humana estava entregue ao *cosmos*. E nesse sentido não há como não pensar, analogamente, no caráter cosmopolita da tradução, que desconhece barreiras, que perpassa fronteiras, que aproxima costumes, que rompe distâncias, uma vez que é detentora de um caráter universal e um saber *sui generis* que lhe são intrínsecos. A tradução, antes que geográfica, é linguística, cognitiva. Para ela, parece não existir "língua morta" ou hieróglifos que sejam indecifráveis. E este, pode-se dizer, é o seu *modus operandi*, o seu *ποιεῖν*, a maneira como se projeta e atua no mundo, mostrando-nos que as fronteiras, especialmente em literatura, se existem — já que preferimos pensar nos sistemas linguísticos como uma grande constelação —, são mais contíguas do que comumente percebemos.

E esse é o nosso entendimento: a tradução não só vislumbra, mas aponta horizontes. E os sistemas linguísticos, isto é, as línguas em seu caráter funcional e literário, não são fronteiras, mas a expansão desse cosmos, dessa constelação. E o tradutor é esse "cidadão do cosmos", como nos falava Diógenes, esse "decifrador de signos", como nos dizia Baudelaire, que atua por detrás do texto traduzido, em sua eterna condição de presença-ausência. Pois todo tradutor "é um cidadão do mundo", no sentido diogeniano do termo, cuja pátria não tem fronteiras. E nessa condição haveria como trair todo um *cosmos*, que é uno e plural ao mesmo tempo? Frente à velha sentença *traduttore-traditore* opomos à máxima *traduttore-tradizione*. Pois, é a essa figura, de contornos às vezes imprecisos, de silhueta às vezes disforme, que dedicamos o surgimento desta revista. E por que uma revista literária *em* tradução?

Nos últimos anos, a tradução literária, de poesia e prosa, tem ganhado um espaço notável tanto nas páginas das revistas de cultura quanto nas páginas científicas, ocupando um lugar dentre as

**www.notadotradutor.com**
notadotradutor@gmail.com

ILHA DE DESTERRO/SC – BRASIL

(n.t.)

**TRADUTORES/AS DA EDIÇÃO**

Veronica Filíppovna
Théo de Borba Mossburger
Magdalena Nowinska
Camilo Prado
Fernando Klabin
Leonardo da Fonseca
Juliana Steil
Sandra M. Stroparo
Floriano Martins
Scott Ritter Radley
João Cabral de Melo Neto

**AGRADECIMENTOS**
[direitos de texto e imagem]

Lílian Santos Gomes (BRA)
Jorge M. Cocom Pech (MÉX)
Muhsin Al-Ramli (ESP)

•

•

•

(n.t.)



ISSN: 2177-5141

chamadas seções temáticas. Nesse universo, impresso e virtual, há revistas que têm se dedicado exclusivamente à tradução de textos literários, entre as quais os *Cadernos de Literatura em Tradução*; ao estudo e pesquisa da tradução, sobretudo literária, como os *Cadernos de Tradução* e *Tradução em Revista*; outras à publicação de contos ou seleções poéticas, em edições temáticas ou não, cuja lista se estende, e das quais citamos a *dEsEnrEdoS*.

Todas, no conjunto, e preservando suas particularidades editoriais, *percebem* o espaço ocupado pela tradução, e muitas se propõem à publicação de textos integrais mais concisos ou traduzidos mediante um recorte ou seleção. Desta forma, ampliam o campo da tradução, deixando entrever o esboço, o extrato, uma parte do todo, o próprio fragmento, que ainda não possui um formato de livro propriamente, e do qual, se espera, seja esse o seu fim. Eis onde reside o interesse de nosso projeto: naqueles textos poéticos comumente deixados ou esquecidos na "gaveta do tradutor", com atenção especial àquelas línguas e autores, especialmente de poesia, que ainda têm pouca visibilidade no sistema literário de traduções no país.

A **(n.t.)** representa, portanto, a soma dessas iniciativas, das referências antes citadas, na busca, sobretudo, por ampliar não o *corpus* mas o *cosmos*, de captar não o *espectro* mas a *substância* das traduções literárias no país, além de divulgar o trabalho da nova geração de tradutores, assim como têm feito grandes iniciativas editoriais, que têm desempenhado um papel importante nesse sentido. A revista se propõe também a ser estritamente literária *em* tradução, uma vez que nos interessa o texto literário traduzido propriamente dito, isto é, aquele clássico, acompanhado de *notas do tradutor*.

A nova e antiga geração de tradutores o confirma. Os textos selecionados para esta 1ª edição contemplam dois milênios de nossa história literária mediante onze registros linguísticos distintos. Na rubrica "Poesia Seleta" apresentamos sete poetas estrangeiros, alguns ainda inéditos no Brasil. A seção abre com a tradução de Veronica Filíppovna das *Poesias* (*Стихотворения*), da poeta russa Marina Tsvetáeva; Théo de Borba Mossburger traduz o poeta grego Kóstas Karyotákis, numa tradução de três poemas de *Elegias e Sátiras* (*Ελεγεία και Σάτιρες*); Magdalena Nowinska apresenta a seleção intitulada *Mais uma lembrança* (*Jeszcze jedno wspomnienie*), da poeta polonesa Halina Poświatowska; Camilo Prado propõe a tradução

do conjunto de poemas *Os doze gozos* (*Los doce gozos*), do poeta e escritor portenho Leopoldo Lugones; Roger Sulis apresenta a tradução dos *Epigramas* (*Ἐπιγράμματα*) do poeta grego Rufinos; Fernando Klabin traz o poeta surrealista romeno Max Blecher, numa tradução de sete poemas de *Corpo Transparente* (*Corpo transparent*); Leonardo da Fonseca a tradução dos versos do poeta turco Nâzın Hikmet, na seleção *Preso na Fortaleza de Bursa* (*Yatar Bursa Kalesinde*). Já Juliana Steil, na rubrica "Drama", convida o leitor a se iniciar no imaginário poético de William Blake, na tradução de *O Fantasma de Abel* (*The Ghost of Abel*), acompanhada de ilustrações do autor.

Na rubrica "Prosa poética", Sandra M. Stroparo apresenta a tradução de *Gaspard de la nuit*, do poeta e escritor francês Aloysius Bertrand, e Floriano Martins a tradução de cinco poemas em prosa do venezuelano José Antonio Ramos Sucre, na seleção intitulada *O mensageiro* (*El mensajero*). Na rubrica "Contos & excertos" apresentamos três traduções inéditas e distintas entre si. Fedra Rodríguez Hinojosa traz uma seleção de três contos do escritor iraquiano naturalizado na Espanha, Muhsin Al-Ramli, em *Laranjas e giletes em Bagdá* (*Naranjas y cuchillas en Bagdad*); Scott Ritter Hadley propõe a tradução de três *exemplus* do clássico medieval latino *Gesta Romanorum*; e Gleiton Lentz apresenta a tradução de dois relatos do escritor e poeta maia Jorge Miguel Cocom Pech, na seleção *Dois contos do avô* (*Muk'ult'an in nool*). Na rubrica "Memória da tradução", recordamos a tradução de *Quinze poetas catalães*, publicada em 1949 na *Revista brasileira de poesia*, e traduzida pelo poeta João Cabral de Melo Neto.

Na seção "Ilustração", a artista plástica Aline Daka apresenta a aquarela sobre papel "A sede", realizada a partir do poema "Caminhos do espelho" (*Caminos del espejo*), da poeta argentina Alejandra Pizarnik.

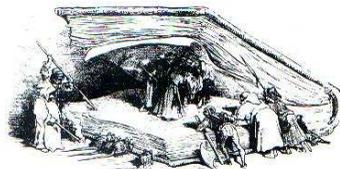
No Suplemento de Arte (www.notadotradutor.com/galeria), convidamos a artista plástica gaúcha Lílian Santos Gomes, cujas fotografias ilustram as vinhetas no interior da revista, e dela expomos o ensaio visual "Decomposição: Tempo, Lugar e suas Marcas", e também homenageamos a pintora norte-americana Dorothea Tanning, que este ano completa cem anos, na mostra virtual "Um Século: do sonho à insônia da pintura".

A **(n.t.)** é uma revista virtual, e poderá ser acessada, para leitura *online*, através dos portais interativos Calaméo [França] e Scribd [EUA], e para *download* da edição em PDF através do servidor Rapidshare.

Comentários e colaborações devem ser encaminhados para o email da revista.

Boa literatura traduzida!

*Os editores*

Ilha de Desterro, setembro de 2010.

[(n.t.) nº 1 acabou-se de editar em 15 de setembro de 2010]
Fontes: **Book Antiqua**, **Palatino Linotype**, **Baramond**.

## Sumário

### POESIA SELETA



### DRAMA

**PROSA POÉTICA**
**(SELETA)**



**CONTOS & EXCERTOS**
**(SELETA)**



**MEMÓRIA DA TRADUÇÃO**



**ILUSTRAÇÃO**

# Poesia

## Seleta

# Poesias

## Marina Tsvetáeva

**O texto:** Mais que tirar da terra as próprias rudezas, a poesia de Marina Tsvetáeva é sempre indicativo da *poíesis*. Seus versos não são tecidos apenas por palavras. Neles, poesia e canção doam-se mutuamente onde cada palavra configura uma cosmovisão geradora de mundo e sentido. Os poemas aqui selecionados pertencem ao livro *Poesias*. Trata-se de uma coletânea de poemas escritos entre 1908 e 1941, na qual se destaca o ciclo "Insônia", e poucos são os versos que recebem um nome. Mas o que é um nome quando estamos diante do convite para perscrutar o inefável? Através de imagens densas e suaves, líricas e trágicas, percebemos que, para a poeta, insônia é quando o sol anoitece, fazendo-se poesia, enquanto que o crepúsculo persiste em ser tempo e memória. Parte dos poemas apresenta uma métrica um tanto alheia aos padrões formais, e a maioria dos versos são rimados.

**Texto traduzido:** Цветаева, Марина. *Стихотворения*. Казан: Татарское книжной издателсьтво, 1983.

**A autora:** Poeta, tradutora e ensaísta. Nasceu na cidade de Moscou em 9 de outubro de 1892 — ou, conforme sua preferência pelo calendário antigo, em 16 de setembro. Desde tenra idade teve contato com as artes. Sua mãe fora pianista e o pai professor de história da arte na Universidade de Moscou e fundador de museus. Aos dezoito anos publicou seu primeiro livro de poemas *Álbum da tarde*. A crítica da época recebeu-o com entusiasmo. Entretanto, não suportando as vicissitudes da vida, cometeu suicídio em 1941, na cidade de Kazan.

**A tradutora:** Veronica Filíppovna é tradutora e ensaísta. Graduanda do curso de Letras Português-Russo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), atua como docente de curso de extensão sobre mitologia, literaturas brasileira e russa na Faculdade de Letras da mesma instituição. Já publicou artigos sobre literatura e filosofia em livros e revistas especializadas.

# Стихотворения

*“Освободите от дневных уз,*
*Друзья, поймите, что я вам – снюсь.”*

**МАРИНА ЦВЕТАЕВА**

Моим стихам, написанным так рано,
Что и не знала я, что я — поэт,
Сорвавшимся, как брызги из фонтана,
Как искры из ракет,

Ворвавшимся, как маленькие черти,
В святилище, где сон и фимиам,
Моим стихам о юности и смерти,
— Нечитанным стихам! —

Разбросанным в пыли по магазинам
(Где их никто не брал и не берёт!),
Моим стихам, как драгоценным винам,
Настанет свой черёд.

*Май 1913*
*Коктебель*

***

Два солнца стынут, — о Господи, пощади! —
Одно — на небе, другое — в моей груди.

Как эти солнца, — прощу ли себе сама? —
Как эти солнца сводили меня с ума!

И оба стынут — не больно от их лучей!
И то остынет первым, что горячей!

*5 октября 1915*

## БЕССОННИЦА

### 2

Руки люблю
Целовать, и люблю
Имена раздавать,
И ещё — раскрывать
Двери!
— Настежь — в тёмную ночь!

Голову сжав,
Слушать, как тяжкий шаг
Где-то легчает,
Как ветер качает
Сонный, бессонный
Лес.

Ах, ночь!
Где-то бегут ключи,
Ко сну — клонит.
Сплю почти.
Где-то в ночи
Человек тонет.

*27 мая 1916*

**3**

В огромном городе моём — ночь.
Из дома сонного иду — прочь.
И люди думают: жена, дочь, —
А я запомнила одно: ночь.

Июльский ветер мне метёт — путь,
И где-то музыка в окне — чуть.
Ах, нынче ветру до зари — дуть
Сквозь стенки тонкие груди — в грудь.

Есть чёрный тополь, и в окне — свет,
И звон на башне, и в руке — цвет,
И шаг вот этот — никому — вслед,
И тень вот эта, а меня — нет.

Огни — как нити золотых бус,
Ночного листика во рту — вкус.
Освободите от дневных уз,
Друзья, поймите, что я вам — снюсь.

*17 июля 1916*
*Москва*

**4**

После бессонной ночи слабеет тело,
Милым становится и не своим, — ничьим.
В медленных жилах еще занывают стрелы —
И улыбаешься людям, как серафим.

После бессонной ночи слабеют руки
И глубоко равнодушен и враг и друг.
Целая радуга — в каждом случайном звуке,
И на морозе Флоренцией пахнет вдруг.

Нежно светлеют губы, и тень золоче
Возле запавших глаз. Это ночь зажгла
Этот светлейший лик, — и от тёмной ночи
Только одно темнеет у нас — глаза.

*19 июля 1916*

**7**

Нежно-нежно, тонко-тонко
Что-то свистнуло в сосне.
Черноглазого ребенка
Я увидела во сне.

Так у сосенки у красной
Каплет жаркая смола.
Так в ночи моей прекрасной
Ходит по сердцу пила.

*8 августа 1916*

**8**

Чёрная, как зрачок, как зрачок, сосущая
Свет — люблю тебя, зоркая ночь.

Голосу дай мне воспеть тебя, о праматерь
Песен, в чьей длани узда четырёх ветров.

Клича тебя, славословя тебя, я только
Раковина, где ещё не умолк океан.

Ночь! Я уже нагляделась в зрачки человека!
Испепели меня, чёрное солнце — ночь!

*9 августа 1916*

**11**

Бессонница! Друг мой!
Опять твою руку
С протянутым кубком
Встречаю в беззвучно —
Звенящей ночи.

— Прельстись!
Пригубь!
Не в высь,
А в глубь —
Веду...
Губами приголубь!
Голубка! Друг!
Пригубь!
Прельстись!
Испей!
От всех страстей —
Устой,
От всех вестей —
Покой.
— Подруга! —
Удостой.
Раздвинь уста!
Всей негой уст
Резного кубка край
Возьми —
Втяни,
Глотни:
— Не будь! —
О друг! Не обессудь!
Прельстись!
Испей!
Из всех страстей —
Страстнейшая, из всех смертей —
Нежнейшая... Из двух горстей
Моих - прельстись! — испей!

Мир без вести пропал. В нигде —
Затопленные берега...
— Пей, ласточка моя! На дне
Растопленные жемчуга...

Ты море пьёшь,
Ты зори пьёшь.
С каким любовником кутёж
С моим
— Дитя —
Сравним?

А если спросят (научу!),
Что, дескать, щёчки не свежи, —
С Бессонницей кучу, скажи,
С Бессонницей кучу...

*Май 1921*

***

Как правая и левая рука —
Твоя душа моей душе близка.

Мы смежены, блаженно и тепло,
Как правое и левое крыло.

Но вихрь встаёт — и бездна пролегла
От правого — до левого крыла!

*10 июля 1918*

***

Я счастлива жить образцово и просто —
Как солнце, как маятник, как календарь.
Быть светской пустынницей стройного роста,
Премудрой — как всякая божия тварь.

Знать: Дух — мой сподвижник и Дух — мой вожатый!
Входить без доклада, как луч и как взгляд.
Жить так, как пишу: образцово и сжато —
Как бог повелел и друзья не велят.

*22 ноября 1918*

**ТЕБЕ — ЧЕРЕЗ СТО ЛЕТ**

К тебе, имеющему быть рождённым
Столетие спустя, как отдышу, —
Из самых недр, — как на смерть осуждённый,
        Своей рукой — пишу:

— Друг! Не ищи меня! Другая мода!
Меня не помнят даже старики.
— Ртом не достать! — Через летейски воды
        Протягиваю две руки.

Как два костра, глаза твои я вижу,
Пылающие мне в могилу — в ад, —
Ту видящие, что рукой не движет,
        Умершую сто лет назад.

Со мной в руке — почти что горстка пыли —
Мои стихи! — я вижу: на ветру
Ты ищешь дом, где родилась я — или
        В котором я умру.

На встречных женщин — тех, живых,
                                        счастливых, —
Горжусь, как смотришь, и ловлю слова:
— Сборище самозванок! Все мертвы вы!
        Она одна жива!

Я ей служил служеньем добровольца!
Все тайны знал, весь склад её перстней!
Грабительницы мёртвых! Эти кольца
        Украдены у ней!

О, сто моих колец! Мне тянет жилы,
Раскаиваюсь в первый раз,
Что столько я их вкривь и вкось дарила, —
        Тебя не дождалась!

И грустно мне ещё, что в этот вечер,
Сегодняшний — так долго шла я вслед
Садящемуся солнцу, — и навстречу
Тебе — через сто лет.

Бьюсь об заклад, что бросишь ты проклятье
Моим друзьям во мглу могил:
— Все восхваляли! Розового платья
Никто не подарил!

Кто бескорыстней был?! — Нет, я корыстна!
Раз не убьёшь, — корысти нет скрывать,
Что я у всех выпрашивала письма,
Чтоб ночью целовать.

Сказать? — Скажу! Небытие — условность.
Ты мне сейчас — страстнейший из гостей,
И ты окажешь перлу всех любовниц
Во имя той — костей.

*Август 1919*

## ДИАЛОГ ГАМЛЕТА С СОВЕСТЬЮ

— На дне она, где ил
И водоросли... Спать в них
Ушла, — но сна и там нет!
— Но я её любил,
Как сорок тысяч братьев
Любить не могут!
                    — Гамлет!

На дне она, где ил:
Ил!.. И последний венчик
Всплыл на приречных брёвнах...
— Но я её любил,
Как сорок тысяч...
                    — Меньше
Всё ж, чем один любовник.

— На дне она, где ил.
— Но я её —
                    любил??

*5 июня 1923*

***

Ты, меня любивший фальшью
Истины — и правдой лжи,
Ты, меня любивший — дальше
Некуда! — За рубежи!

Ты, меня любивший дольше
Времени. — Десницы взмах! —
Ты меня не любишь больше:
Истина в пяти словах.

*12 декабря 1923*

***

Вскрыла жилы: неостановимо,
Невосстановимо хлещет жизнь.
Подставляйте миски и тарелки!
Всякая тарелка будет — мелкой,

Миска — плоской.
Через край — и мимо
В землю чёрную, питать тростник.
Невозвратно, неостановимо,
Невосстановимо хлещет стих.

*6 января 1934*

***

Когда гляжу на летящие листья,
Слетающие на булыжный торец,
Сметаемые — как художника кистью,
Картину *кончающего* наконец,

Я думаю (уж никому не по нраву
Ни стан мой, ни весь мой задумчивый вид),
Что явственно жёлтый, решительно ржавый
Один такой лист на вершине — забыт.

*20-е числа октября 1936*

***

В синее небо ширя глаза —
Как восклицаешь: — Будет гроза!

На проходимца вскинувши бровь —
Как восклицаешь: Будет любовь!

Сквозь равнодушья серые мхи —
Так восклицаю: — Будут стихи!

*1936*

# Poesias

*"Amigos, libertem-se dos laços do dia,*
*Lembrem-se de que nós – sonhamos."*

MARINA TSVETÁEVA

Para meus versos, escritos de repente,
Quando eu nem sabia que era — poeta,
Jorrando como pingos da nascente,
Como centelhas do foguete,

Irrompendo como pequenos demônios,
No santuário, onde há sono e incenso,
Para meus versos sobre juventude e morte,
— Versos que não são lidos! —

Espalhados em sebos poeirentos
(Onde ninguém os pegou ou pegará!)
Para meus versos, como os vinhos raros,
Chegará o seu tempo.

*Maio de 1913*
*Koktebel*

***

Dois sóis congelam, — ó senhor, piedade! —
Um — no céu, outro — no meu peito.

Como estes sóis, — pergunto se sou eu mesma? —
Como estes sóis levaram-me à loucura!

Ambos congelam — enfraquecidos de sua luz!
E aquele que gela primeiro é o mais, ardente.

*5 de outubro de 1915*

## INSÔNIA[1]

### 2

As mãos gosto
De beijar, e gosto
Dos nomes compartilhar,
E ainda — escancarar
As portas!
— De par em par! — na noite escura!

Apertando a cabeça,
Escutar, como o mais pesado passo
Nalgum lugar é leve,
Como o vento acalanta
Sonolento, a floresta
Insone.

Ah, noite!
Alhures correm nascentes,
Estou com — sono.
Durmo um pouco.
Algures, na noite,
Um homem se afoga.

*27 de maio de 1916*

[1] Trata-se de um ciclo de onze poemas. Para esta tradução, encontram-se enumerados, consoante o original, seis poemas. (n.t.)

**3**

Na minha vasta cidade — noite.
Deixo a casa adormecida e sigo — adiante.
As pessoas pensam: esposa, filha, —
Eu apenas lembrei: é noite.

O vento de julho assinala — o caminho,
Nalguma janela a música mal — se ouve
Ah, por entre as finas veias — do peito,
O vento sopra até — a aurora!

Há um negro álamo e na janela — luz,
Há um som na torre e na mão — flor,
Há este passo — e ninguém — atrás,
Há esta sombra, mas não — estou.

Fogos — são como fios dourados,
Da folhinha noturna na boca — o gosto.
Amigos, libertem-se dos laços do dia,
Lembrem-se de que nós — sonhamos.

*17 de julho de 1916*
*Moscou*

**4**

Após uma noite insone, o corpo esmorece,
Torna-se querido e já não é meu — nem de ninguém.
Na fleuma das veias ainda doem as flechas —
Mas sorrio para as pessoas, como um serafim.

Após uma noite insone as mãos afrouxam.
Inimigo e amigo são tão parecidos.
Há todo um arco-íris — em cada som,
E o frio de Florença traz outro perfume.

Suave os lábios empalidecem, e a sombra dourada
Perto dos olhos fundos. Esta noite deixou
Esse rosto mais iluminado — e da escuridão noturna,
Apenas a penumbra em nossos — olhos.

*19 de julho de 1916*

**7**

Terno-terno, fino-fino
Algo assoviou no pinheiro.
Um menino de olhos negros
Eu vi em sonhos.

Assim no pinheirinho vermelho
Goteja a quente resina
Assim minha noite bela
Segue ao coração da montanha.

*8 de agosto de 1916*

**8**

Negra, como pupila, como pupila, sorvendo
A luz — amo-te, noite elevada.

Dá-me voz para cantar-te, ó mãe de todas as canções,
Cujo canto é levado pelos quatro ventos.

Louvando-te, clamando-te, sou apenas uma
Concha onde ainda não cabe o oceano.

Noite! Já cansei de mirar na pupila dos homens!
Incinera-me, negro sol — é noite!

*9 de agosto de 1916*

**11**

Insônia! Meu amigo!
Outra vez na tua mão
Com a taça erguida
Encontro no silêncio —
Da noite o som.

— Encanta-te!
Prova!
Não no alto,
Mas no fundo —
Levarei...
Com os lábios, acaricia!
Pombinha! Amigo!
Prova!
Encanta-te!
Bebe!
De todas as paixões —
Firmeza,
De todas as chances —
Sossego.
— Amiga! —
Concede.
Abre os lábios!
Com toda a volúpia dos lábios
A taça com a borda esculpida
Agarra,
Sorve —
Traga:
— Não seja! —
Ó, amigo! Não leves a mal!
Encanta-te!
Bebe!
De todas as paixões —
A mais ardente, de todas as mortes —
A mais terna... Das duas palmas
Minhas — encanta-te! — bebe!

A paz sem novidades perdeu-se. Nalguma parte —
Submersas margens...
— Bebe, andorinha minha! No fundo
Derretidas algemas...

Tu o mar bebes,
Tu a aurora bebes.
Com que amante é a orgia
Com minha
— Criança —
Incomparável?

Se perguntarem (ensinarei!),
Quer dizer, as bochechas não estão flácidas, —
Curtimos com a insônia, digo,
Curtimos com a insônia...

*Maio de 1921*

***

Como a mão direita e esquerda —
Nossas almas estão próximas.

Estamos juntos na beatitude que abrasa
Como a direita e esquerda asa.

Mas se o turbilhão levanta — o abismo
Atravessamos da direita — à esquerda asa.

*10 de julho de 1918*

***

Sou feliz por viver exemplar e simples:
Como o sol — o pêndulo — o calendário.
Ser ermitã de porte alinhado,
Sábia — como toda criação divina.

Saber: o Espírito — meu companheiro — meu guia!
Entrar sem anunciar, como um raio e um olhar.
Viver assim como escrevo: exemplar e sucinto —
Como deus ordena e os amigos condenam.

*22 de novembro de 1918*

**TU — DAQUI UM SÉCULO**

A ti, que nascerás daqui um século
Quando meu sopro de vida tiver cessado —
Do fundo das entranhas — como condenado à morte
Com minhas mãos — escrevo:

— Amigo, não me procures! A época é outra!
Até a geração passada não me lembra mais!
— Com a boca não se alcança! — Nas águas do Letes
As mãos estendo.

Teus olhos são duas fogueiras
Acesas sobre o meu sepulcro — no inferno —
Iluminando a mão imóvel,
Morta há cem anos.

Na minha mão — quase um punhado de poeira —
Meus versos! — Vejo que no vento
Procuras a casa onde nasci — ou
Onde eu Morri.

Ao contrário das mulheres — aquelas, vivas,
felizes —
Orgulho, como olhas, e eu pego as palavras
— Impostoras! Todas já estão mortas!
Apenas ela vive!

Eu a servi voluntariamente!
Conheci todos os seus segredos e desejos!
Ladrão de mortos! Estes anéis
Pertencem a ela!

Oh, meus cem anéis! Minhas veias doem,
Arrependo-me, pela primeira vez,
Que para todos os lados eu tanto oferecia —
Não te esperei!

E ainda estou triste, nessa noite
De hoje — eu seguia por muito tempo
O pôr-do-sol — e encontro
Tu — após cem anos.

Estou batendo o texto, no qual tu jogas a maldição
Para meus amigos nas suas tumbas escuras:
— Todos enaltecem! O vestido rosa
Ninguém me ofereceu!

Quem foi glorificado?! — Não, eu sou egoísta!
Já que não mata — não renuncie o proveito,
Que eu implorava cartas a todos
Para à noite beijar.

Dizer? — Digo-te! O não-ser — é a coisa vigente.
Tu és agora — a mais apaixonante das visitas,
E dispensas a beleza de todos os amantes
Em nome daqueles — ossos.

*Agosto de 1919*

## DIÁLOGO DE HAMLET COM A CONSCIÊNCIA

— No fundo ela, onde é lodo
E algas.... Ela foi dormir
Com eles — mas lá não há sono!
— Mas eu a amei,
Como quarenta mil irmãos
Não podem amar!
                    — Hamlet!

— No fundo ela, onde é lodo:
Lodo!.. E a última grinalda
Surgiu num tronco no riachinho...
— Mas eu a amei,
Como quarenta mil...
                    — Menos
Porém, do que um amante.

— No fundo ela, onde é lodo.
— Mas eu a —
             amei?

*5 de julho de 1923*

***

Tu, que me amaste com a falsidade
Da verdade — e a verdade da mentira,
Tu que me amaste — além
Do espaço, dos limites!

Tu, que me amaste além
Do tempo — direita ao alto! —
Tu não me amas mais:
É a verdade em cinco palavras.

*12 de dezembro de 1923*

***

Abri a veia: incessante,
Irreprimível jorra a vida.
Coloquem vasos e vasilhas!
As vasilhas serão — rasas,

Os vasos — parcos.
Pelas bordas — *entre* —
À terra escura, o doce alimento verte.
Irrevogável, incessante,
Irreprimível jorra o verso.

*Janeiro de 1934*

***

Quando vejo as folhas voando,
Indo em direção à torre,
Surge — como na arte plástica
Um quadro *que termina* enfim,

Eu penso (já não agrada a ninguém
Nem meu porte, nem meu rosto pensativo),
Nem meu aspecto tão amarelo, ferruginoso
Uma dessas folhas no cimo — é esquecida.

*20 de outubro de 1936*

***

No céu azul os olhos fitos
Como exclamas: — Será tempestade!

Para o *flâneur* a erguer a sobrancelha
Como exclamas: — Será amor!

Entre a indiferença cinza dos musgos
Assim exclamo: — Será verso!

*1936*

# ELEGIAS E SÁTIRAS

## KÓSTAS KARYOTÁKIS

**O TEXTO:** Os três poemas ora apresentados pertencem à obra *Elegias e Sátiras*. O livro compreende cinquenta e três poemas e mais dezoito traduções de poetas franceses e alemães (Verlaine, Baudelaire, Villon, Heine etc.). Os versos das *Elegias e Sátiras* pronunciam-se como a expressão madura de um homem que desvela o fim da vida, a nulidade das coisas, mas que, sobretudo, versa em tom de corrosivo sarcasmo sobre a ruína do mundo, de si próprio, contrapondo a pureza à destruição, a esperança à desesperança, a vida ao ocaso, sem perder, muitas vezes, a ternura pelo que é simples e belo. Formalmente, segue a tendência das gerações anteriores (parnasiana e simbolista), mas seu discurso poético é original e inovador, bastante idiossincrático. Daí uma grande dificuldade de enquadrá-lo num movimento literário, ou mesmo de compreender-lhe a ideologia (certamente não se trata de um romântico decadente fora de época). *Ode a um menininho* deve ter sido escrita a um sobrinho do poeta, de nome Áris. Tanto este quanto *Noite* apresentam rimas; *Os amores*, diferentemente, foi escrito em eneassílabos brancos.

**Texto traduzido:** Καρυωτάκης, Κ. Γ. *Τα λόγια σαν κομμάτια*: όλα τα ποιήματα και πεζά. Αθήνα: Μοντέρνοι Καιροί, 1998.

**O AUTOR:** Kóstas Karyotákis (1896-1928) é um dos melhores e mais importantes poetas gregos do séc. XX. Sua obra, marcada por forte pessimismo, mas entremeada de fino humor, foi concebida em décadas negras da história grega, e, entre outras coisas, vê-se nela uma tendência decadentista. Karyotákis nasceu na cidade de Trípoli (Peloponeso), e morreu – suicidou-se – em Préveza (Épiro). Apesar de o suicídio fazer jus ao teor de seus versos, parece que a sífilis o levou a dar fim à própria vida. Formou-se em direito, mas não obteve sucesso atuando como advogado, e viveu como funcionário público. Editou a primeira de suas três coletâneas poéticas (*A dor dos homens e das coisas*) em 1919, a segunda (*Nepentes*) em 1921, e a terceira (*Elegias e Sátiras*) em 1927, um ano antes de morrer. É principalmente esta última — obra madura e de muitas qualidades — aquela que lhe garante lugar cativo entre os poetas neogregos canônicos.

**O TRADUTOR:** Théo de Borba Moosburger nasceu em Curitiba, em 1981. Formou-se em letras (grego antigo) na UFPR (2004), fez curso de grego moderno na Universidade Nacional de Atenas (2001) e concluiu o mestrado em Estudos da Tradução na UFSC (2008). É tradutor e professor de grego (antigo e moderno), e de nórdico (islandês) antigo.

# Ελεγεια και Σατιρες

*“Ούτε κανείς πια ξέρει αν πάλι*
*θ’ ανατείλουν τα παιδικά σου μάτια.”*

---

ΚΩΣΤΑΣ ΚΑΡΥΩΤΑΚΗΣ

**ΟΙ ΑΓΑΠΕΣ**

Θα ’ρθουν όλες μία μέρα, και γύρω μου
θα καθίσουν βαθιά λυπημένες.
Φοβισμένα σπουργίτια τα μάτια τους,
θα πετούνε στην κάμαρα μέσα.
Ωχρά χέρια θα σβήνουν στο σύθαμπο
και θανάσιμα χείλη θα τρέμουν.

«Αδελφέ» θα μου πουν «δέντρα φεύγουνε
μες στη θύελλα, και πια δε μπορούμε,
δεν ορίζουμε πια το ταξίδι μας.
Ένα θάνατο πάρε και δώσε.
Εμείς, κοίτα, στα πόδια σου αφήνουμε,
συναγμένο από χρόνια, το δάκρυ.

»Τα χρυσά πού ’ναι τώρα φθινόπωρα,
πού τα θεία καλοκαίρια στα δάση;
Πού οι νυχτιές με τον άπειρον, έναστρο
ουρανό, τα τραγούδια στο κύμα;
Όταν πίσω και πέρα μακραίνανε,
πού να επήγαν χωριά, πολιτείες;

»Οι θεοί μάς εγέλασαν, οι άνθρωποι,
κι ήρθαμε όλες απόψε κοντά σου,
γιατί πια την ελπίδα δεν άξιζε
το σκληρό μας, αβέβαιο ταξίδι.
Σα φιλί, σαν εκείνα που αλλάζαμε,
ένα θάνατο πάρε και δώσε.»

Θα τελειώσουν. Επάνω μου γέρνοντας,
θ’ απομείνουν βουβές, μυροφόρες.
Ολοένα στην ήσυχη κάμαρα
θα βραδιάζει, και μήτε θα βλέπω
τα μεγάλα σαν έκπληκτα μάτια τους
που γεμίζανε φως τη ζωή μου…

## ΒΡΑΔΥ

Τα παιδάκια που παίζουν στ’ ανοιξιάτικο δείλι
— μια ιαχή μακρυσμένη —,
τ’ αεράκι που λόγια με των ρόδων τα χείλη
ψιθυρίζει και μένει,

τ’ ανοιχτά παραθύρια που ανασαίνουν την ώρα,
η αδειανή κάμαρά μου,
ένα τραίνο που θα ’ρχεται από μία άγνωστη χώρα,
τα χαμένα όνειρά μου,

οι καμπάνες που σβήνουν, και το βράδυ που πέφτει
ολοένα στην πόλη,
στων ανθρώπων την όψη, στ’ ουρανού τον καθρέφτη,
στη ζωή μου τώρα όλη...

**ΩΔΗ Σ' ΕΝΑ ΠΑΙΔΑΚΙ**

Άρι, μαζί με σένα
έφυγαν όλοι τώρα.
Αφρόντιστα έχουν μείνει
τα έπιπλα, και τα δώρα
γυρεύουν τα χεράκια
που σάλευαν σαν κρίνοι.

Ερημικά, σωπαίνουν,
πρωτογνώριστα μέρη,
οι σκάλες, τα δωμάτια.
Ούτε κανείς πια ξέρει
αν πάλι θ' ανατείλουν
τα παιδικά σου μάτια.

Ανοιγοκλειώ τις πόρτες,
μπαίνω παντού, μιλάω
λόγια πικρά στους τοίχους,
χωρίς αιτία γελάω,
θέλοντας να ξυπνήσω
τους κοιμισμένους ήχους.

Στην άδεια ζαρντινιέρα
τα παιχνίδια σου βάνω.
Η μαϊμού σου καβάλα
στο προβατάκι πάνω.
Ύστερα η πεταλούδα
με τα φτερά μεγάλα.

(Κλυδωνίζεται τώρα,
ώς τα θεμέλια φρίττει,
και το πηγαίνει ο Χρόνος
το πατρικό μου σπίτι.
Άξαφνα βλέπω να 'μαι
ο τελευταίος, ο μόνος.)

Ευτυχίζω σε σένα
τις ερχόμενες τύχες,
την άγνοια του κόσμου,
το χαμόγελο που είχες,
ω άγγελε παραστάτη,
ω παρήγορο φως μου!

# Elegias e Sátiras

*"E ninguém mais nem sabe se novamente*
*fulgirão os teus olhos infantes."*

KÓSTAS KARYOTÁKIS

## OS AMORES

Virão todos um dia, e em meu torno
vão sentar-se em profunda tristeza.
Qual pardais assustados, seus olhos
voarão para dentro do quarto.
Sumirão na penumbra mãos pálidas
tremerão lábios cheios de morte.

"Irmão" vão me dizer "vão-se árvores
na torrente, e nós já não podemos,
não fixamos mais nossa viagem.
Uma morte recebe e dá.
Nós deixamos, percebe, aos teus pés
condensada de anos a lágrima.

Onde estão os dourados outonos,
e os verões divinais nas florestas?
Onde as noites co' o infindo, estrelado
firmamento, as cantigas nas ondas?
Quando, atrás e ao longe, alongavam-se,
aonde foram aldeias, cidades?

Iludiram-nos deuses e homens,
e viemos a ti nesta noite,
pois já não merecia esperança
nossa dura e incerta viagem.
Como um beijo, dos que nós trocávamos,
uma morte recebe e dá."

Vão cessar. Sobre mim debruçando-se
restarão mirroforos e mudos.
E de todo, no quarto em silêncio,
vai a noite cair, sem que eu veja,
como atônitos, seus grandes olhos
que inundavam de luz minha vida...

## NOITE

As crianças que brincam no entardecer vernal
— um distante clamor —,
a brisa que palavras com os lábios das rosas
sussurra e permanece,

as janelas abertas que respiram a hora,
o meu quarto vazio
um trem que estará vindo de um país ignorado
os meus sonhos perdidos,

os sinos que se esvaem, e a noite que se estende
em cima da cidade,
no semblante dos homens, no espelho do céu,
e em toda a minha vida...

## ODE A UM MENININHO

Áris, junto contigo
foram-se todos agora.
Sem cuidado ficaram
os móveis, e aos presentes
buscam as mãozinhas
que moviam-se qual lírios.

Desolados emudecem
lugares recém conhecidos,
as escadas, os quartos.
E ninguém mais nem sabe
se novamente fulgirão
os teus olhos infantes.

Abro, fecho as portas,
entro em toda parte, digo
amarguras às paredes,
sem razão dou risada,
querendo despertar
os sons adormecidos.

No criado-mudo ermo
deposito os teus brinquedos.
O macaco sobre o lombo,
montado no carneirinho.
Depois a borboleta
com as suas grandes asas.

(Derroca-se agora,
até em suas bases treme,
e arrasta-a o Tempo,
minha casa paterna.
Súbito vejo-me ser
o último, o único.)

Felicito a ti,
pelas sortes por vir,
a ignorância do mundo,
o sorriso que tinhas,
ó anjo protetor,
ó minha luz confortante!

# Mais uma lembrança

## Halina Poświatowska

**O texto:** a seleção compreende composições de quatro coletâneas de Halina Poświatowska, além de um poema publicado postumamente. Sua poesia, uma espécie de "diário lírico" de sua existência, contrasta um ávido desejo de viver e de amar com um pressentimento da inevitabilidade da morte. Obras selecionadas: *Hymn Bałwochwałczy* (*Hino idolátrico*), 1958; *Dzień dzisiejszy* (*O dia de hoje*), 1963; *Oda do rąk* (*Ode para as mãos*), 1966, e *Jeszcze jedno wspomnienie* (*Mais uma lembrança*), 1968.

**Texto traduzido:** Poświatowska, Halina. *Właśnie kocham/Indeed I love*. Translated by Maya Peretz. Kraków: Wydawnictwo Literackie, 1997.

**A autora:** Halina Poświatowska (1935, Częstochowa – 1967, Cracóvia) foi uma poeta polonesa da assim chamada "Geração 56". Rejeitando as prescrições temáticas e formais do socrealismo, que após a morte de Stalin em 1953 parou de ser a única poética válida na Polônia, os jovens autores da "Geração 56" celebravam em suas obras a subjetividade, até então não desejada na literatura. Poświatowska estreou como poeta em 1956 com publicações em jornais e com a coletânea lírica *Hymn bałwochwalczy* (*Hino idolátrico*); é ainda autora de mais três coletâneas de poemas, além de uma narrativa autobiográfica. A sua vida foi marcada por uma doença de coração grave, que a forçou a frequentes estadias em hospitais. Poświatowska morreu em 1967, após uma operação cardiológica.

**A tradutora:** Magdalena Nowinska, tradutora, doutoranda na USP (Estudos de Tradução, área de alemão). Mestrado em história pela Universidade de Kiel, Alemanha. Nasceu na Polônia, cresceu na Alemanha, mora no Brasil.

# Jeszcze jedno wspomnienie

*"I pamiętam jedyny smak łez tak*
*podobny do smaku krwi."*

**HALINA POŚWIATOWSKA**

## Z MANCZY

Wiatr zaplątany w skrzydła wiatraka kpi z patosu
mijających niebem chwil. Don Kichot z podłużnych
słonecznych cieni oparł brodę na ręce — patrzy tępo.
Wiatrak. Wiatrak. Rosynant chudą szczęką zgarnia
świerszcze i je bowiem mają barwę i zapach trawy.
I podczas gdy Sancho Pansa gwałci w krzakach dziewczynę
która w tłustym czerwonym ciele nosi bezradne
obojczyki Dulcynei — Don Kichot walczy z olbrzymem.
I zwycięża. Wystające żebra Rosynanta rozsadza zielona
świergotliwa muzyka.

*Hymn Bałwochwalczy* (1958)

* * *

lubię tęsknić
wspinać się po poręczy dźwięku i koloru
w usta otwarte chwytać zapach zmarznięty

lubię moją samotność
zawieszoną wyżej
niż most
rękoma obejmujący niebo

miłość moją
idącą boso
po śniegu

*Dzień dzisiejszy* (1963)

* * *

nie mam dawnej czułości dla mojego ciała
jednak je toleruję jak pociągowe zwierzę
które jest pożyteczne chociaż wymaga wielu starań
dostarcza bólu i radości i bólu i radości
czasem zastyga z rozkoszy
a czasem jest schronieniem dla snu

znam jego korytarze kręte
wiem którędy przychodzi zmęczenie
jakie ścięgna napina śmiech
i pamiętam jedyny smak łez tak podobny
do smaku krwi

moje myśli — stado trwożnych ptaków
karmią się na zagonie mego ciała
nie mam dla niego dawnej czułości
ale czuję ostrzej niż przedtem
że sięgam nie dalej niż moje wyciągnięte ręce
i nie wyżej niż mogą mnie unieść wspięte palce u nóg

*Oda do rąk* (1966)

* * *

drzazga mojej wyobraźni
czasem zapala się od słowa
a czasem od zapachu soli
i czuję jak pode mną
przestępuje z nogi na nogę okręt
i ocean jest niezmierzony
bez żadnego brzegu
zamknięta w łupinie drewna
jestem cudownie wolna
nie kocham nikogo
i niczego

*Oda do rąk* (1966)

* * *

moim głównym zajęciem jest malowanie brwi
maluję brwi ze skupieniem
tak to czynią kobiety już przelękłe
nakłuwające luster powierzchnie uważnym
spojrzeniem

narożnik kamienicy którą mijam każdego rana
zakręt ulicy którą przechodzę
wątłe palce pleśni obejmują ziarna piasku
rosną szpary w ścianach ogromnieją szpary
w podłodze

kruszą się rozsypują ulice
wiatr je w cztery strony niesie
wiatr się z nimi w chowanego bawi

nagarniając włosy na policzki
patrzę jak kamienie porastają w trawy

*Oda do rąk* (1966)

* * *

tak lekko przesuwamy się z objęć do objęć
z naszych ramion otwartych
wymyka się słońce
aby okrążać ziemię
i czynić dzień

rozkołysane morze jest naszym wnętrzem
i flotylle odpływające w przyszłość
chwieją się zakotwiczone
w zgięciu naszych kolan
w półksiężycu uniesionych stóp

*Oda do rąk* (1966)

* * *

zawsze kiedy chcę żyć krzyczę
gdy życie odchodzi ode mnie
przywieram do niego
mówię — życie
nie idź jeszcze

jego ciepła ręka w mojej ręce
moje usta przy jego uchu
szepczę

życie
— jak gdyby życie było kochankiem
który chce odejść —

wieszam mu się na szyi
krzyczę

umrę jeśli odejdziesz

*Oda do rąk* (1966)

* * *

mój cień jest kobietą
odkryłam to na ścianie
on się uśmiechał falistością linii
i ptak bioder o zwiniętych skrzydłach
na gałęzi uśmiechu śpiewał

drzewo kwitnące
obwieszone zielonymi papugami
poprzez skrzydła
pomarańcza złota dojrzałość
słońce na kroplach połyska
w deszczu
proste i nagie drzewo
moje usta uchylone piersi

wschodzący księżyc rzęs zamigotał
i zgasł
gdy zdmuchnąłeś zapałki płomień
i oparłeś na ramionach moich dłonie
mój cień był kobietą
nim zniknął

*Jeszcze jedno wspomnienie* (1968)

* * *

ptaku mojego serca
nie smuć się
nakarmię cię ziarnem miłości
rozbłyśniesz

ptaku mojego serca
nie płacz
nakarmię cię ziarnem tkliwości
fruniesz

ptaku mojego serca
z opuszczonymi skrzydłami
nie szarp się
nakarmię cię ziarnem śmierci
zaśniesz

*Jeszcze jedno wspomnienie* (1968)

* * *

żyje się tylko chwilę
a czas —
jest przezroczystą perlą
wypełnioną oddechem

a meble są kanciaste
a ciało — delikatne
a ziemia — wszędzie płaska
a niebo — nieosiągalne

miłość jest słowem
mózg — metalową skrzynką
nakręcaną codziennie
srebrnym kluczem ułudy

ciekawości by wiedzieć
pragnienia aby znać
pożądania by błyszczeć
uporu aby istnieć

a litość jest wątłym kwiatem
delikatnym kwiatem
który czasem zakwita w snach

*Jeszcze jedno wspomnienie* (1968)

* * *

właśnie kocham
więc dłonią
obrysowuję każdy nerw
wiązanie ze złota
właśnie jestem
więc liściom
które wytrysną z drzewa
łagodnej sierści trawy
która wyrośnie
jabłkom które dojrzeją
szepczę w zielone ucho wiosny
że wczoraj ciemno
w błękitnym morzu
utopiono śmierć

*Póstumo*

# Mais uma lembrança

*"E lembro do gosto único de lágrimas*
*tão parecido com o de sangue."*

HALINA POŚWIATOWSKA

## DE LA MANCHA

O vento preso nas asas do moinho ri do drama
dos instantes que passam no céu. Dom Quixote das longas
sombras solares apoia o queixo na mão com o olhar vazio.
Moinho. Moinho. Com boca magra Rosinante colhe
gafanhotos e os come pois eles têm a cor e o cheiro da grama.
E enquanto nos arbustos Sancho Panza estupra uma menina
que dentro do seu corpo gordo e vermelho carrega as frágeis
clavículas de Dulcineia, Dom Quixote enfrenta o gigante.
E vence. Música cintilante quebra as protuberantes
costelas de Rosinante.

*Hino idolátrico* (1958)

* * *

gosto de sentir saudade
escalar o corrimão do som e da cor
captar com lábios abertos
cheiros congelados

gosto da minha solidão
suspensa mais alto
do que uma ponte
que abraça o céu com as mãos

e do meu amor
que pisa descalço
na neve

*O dia de hoje* (1963)

* * *

não tenho a antiga ternura pelo meu corpo
mas o tolero como um animal de carga
que é útil apesar de exigir muitos cuidados
e traz dor e alegria e dor e alegria
às vezes fica imóvel de tanto prazer
e às vezes serve de abrigo ao sono

conheço os seus corredores sinuosos
sei por qual deles chega o cansaço
e quais tendões o riso estica
e lembro do gosto único de lágrimas
tão parecido com o de sangue

os meus pensamentos — um bando de pássaros assustados
eles alimentam-se do campo do meu corpo
não tenho para ele a antiga ternura
mas sinto mais forte do que antes
que não alcanço nada além das minhas mãos esticadas
e nada acima daquilo ao qual me levantam as pontas dos meus pés

*Ode para as mãos* (1966)

* * *

a farpa da minha imaginação
às vezes acende-se da palavra
e às vezes do cheiro de sal
e sinto que embaixo de mim
o barco pisa de pé em pé
e o oceano é incomensurável
sem nenhuma margem
encapsulada numa casca de madeira
estou milagrosamente livre
não amo ninguém
e nada

*Ode para as mãos* (1966)

* * *

a minha ocupação principal é desenhar minhas sobrancelhas
desenho minhas sobrancelhas com a concentração
de mulheres já aterrorizadas
que furam as superfícies dos espelhos com olhares atentos

a esquina da casa pela qual passo toda manhã
a curva da rua que cruzo
os frágeis dedos do mofo abraçam os grãos de areia
as trincas nas paredes aumentam as trincas no chão crescem

ruas desmoronam, caem aos pedaços
o vento as dispersa para os quatro cantos
o vento brinca de esconde-esconde com elas

penteando o cabelo em volta do rosto
vejo as pedras serem encobertas por relva

*Ode para as mãos* (1966)

* * *

tão facilmente vamos de abraço para abraço
dos nossos braços abertos
o sol escapa
para contornar a terra
e fazer dia

o mar agitado é o nosso interior
e flotilhas que partem para o futuro
oscilam ancoradas
na curva dos nossos joelhos
na meia-lua dos pés levantados

*Ode para as mãos* (1966)

* * *

sempre quando quero viver grito
quando a vida me deixa
agarro-a
falo — vida
não me deixe ainda

a mão quente dela na minha mão
os meus lábios perto dos lábios dela
sussurro

vida
— como se a vida fosse um amante
que quer me deixar —

penduro-me no pescoço dela
grito

morrerei se você me deixar

*Ode para as mãos* (1966)

* * *

a minha sombra é uma mulher
descobri isso na parede
ela sorria com a ondulação das linhas
e o pássaro do quadril, de asas encolhidas,
cantava no galho do sorriso

árvore em flor
repleta de papagaios verdes
pendurados pelas asas
uma laranja madureza dourada
o sol brilha nas gotas
na chuva
árvore estreita e nua
meus lábios partidos os meus seios

a lua crescente dos meus cílios cintilou
e apagou-se
quando você apagou a chama do fósforo
e apoiou nos meus ombros as suas mãos
a minha sombra foi uma mulher
antes de desaparecer

*Mais uma lembrança* (1968)

* * *

pássaro do meu coração
não fique triste
jogar-lhe-ei uma semente de alegria
você cintilará

pássaro do meu coração
não chore
jogar-lhe-ei uma semente de ternura
você voará

pássaro do meu coração
com asas abaixadas
não se agite
jogar-lhe-ei uma semente da morte
você adormecerá

*Mais uma lembrança* (1968)

* * *

vivemos por um momento apenas
e o tempo
é uma pérola transparente
repleta de respiros

os móveis são quadrados
o corpo, delicado
a terra, toda chata
o céu, inalcançável

o amor é uma palavra
o cérebro, uma caixa de metal
a qual diariamente dá-se corda
com a chave prateada da ilusão

da curiosidade de saber
da vontade de conhecer
do desejo de brilhar
da obstinação de existir

a compaixão é uma flor frágil
uma flor delicada
que às vezes floresce em sonhos

*Mais uma lembrança* (1968)

* * *

pois eu amo
e portanto, com a mão,
esboço cada nervo
conexão dourada
pois eu sou
e portanto às folhas
que esguicham da árvore,
ao pelo macio da relva
que crescerá,
às maçãs que amadurecerão,
sussurro, ao ouvido verde da primavera,
que ontem no escuro
no mar azul
afogaram a morte

*Póstumo*

# Os doze gozos

## Leopoldo Lugones

**O texto:** Os doze sonetos aqui presentes fazem parte do livro *Los crepúsculos del jardín*, a obra poética mais inovadora de Lugones. Costuma-se lembrar nela a presença da musicalidade de Paul Verlaine, mas também de Walt Whitman e de Allan Poe. No entanto, este conjunto de sonetos que poderíamos denominar de "poesia impressionista", de imediato me traz à mente versos de Bernardino Lopes: "O meu divan de seda roxa,/ A bata carmezim de estranho adorno" ou "Fim de tarde serena e violetada...", cuja semelhança com o poeta argentino 'impressiona' pela coincidência, talvez por conta do mesmo ar decadente respirado por ambos. De resto, vale notar que estes versos são apenas uma parte da diversidade crepuscular do livro, onde encontramos também versos livres.

**Texto traduzido:** Lugones, Leopoldo. *Los crepúsculos del jardín*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina S.A., 1992.

**O autor:** além de poeta, Leopoldo Lugones (1874-1938) foi historiador, contista, crítico, ensaísta e helenista (tradutor de Homero). Nasceu em Villa Maria del Rio Seco, na província de Córdoba, Argentina, e suicidou-se durante um passeio numa das ilhas del Tigre. Segundo Borges, "se tivéssemos que reduzir num homem todo o processo da literatura argentina, esse homem seria indiscutivelmente Lugones". É um dos primeiros modernistas da América hispânica, ao lado de José Martí, Manuel Gutiérrez Nájera, José Asunción Silva e, claro, Ruben Darío. Em poesia publicou, entre outras obras, *Las montañas del oro* (1897), *Los crepúsculos del jardín* (1905), *El libro fiel* (1912) e *Las horas doradas* (1922).

**O tradutor:** Camilo Prado (Brasil, 1969). Narrador, tradutor e editor. Fundou e dirige as Edições Nephelibata. Atualmente é doutorando em Literatura na UFSC, com tese em tradução da obra Tribulat Bonhomet, de Villiers de L'Isle-Adam.

# LOS DOCE GOZOS

*"La sombra pecadora a cuyo intenso influjo,*
*arde tu amor como el incienso."*

LEOPOLDO LUGONES

A José Juan Tablada [de México]

**TENTACIÓN**

Calló por fin el mar, y así fue el caso:
En un largo suspiro violeta,
Se extenuaba de amor la tarde quieta
Con la ducal decrepitud del raso.

Dios callaba también; una secreta
Inquietud expresábase en tu paso;
La palidez dorada del Ocaso
Recogía tu lánguida silueta.

El campo en cuyo trebolar maduro
La siembra palpitó como una esposa,
Contemplaba con éxtasis impuro

Tu media negra; y una silenciosa
Golondrina rayaba el cielo rosa,
Como un pequeño pensamiento obscuro.

## PARADISÍACA

Cabe una rama en flor busqué tu arrimo.
La dorada serpiente de mis males
Circuló por tus púdicos cendales
Con la invasora suavidad de un mimo.

Sutil vapor alzábase del limo
Sulfurando las tintas otoñales
Del poniente, y brillaba en los parrales
La transparencia ustoria del racimo.

Sintiendo que el azul nos impelía
Algo de Dios, tu boca con la mía
Se unieron en la tarde luminosa,

Bajo el caduco sátiro de yeso.
Y como de una cinta milagrosa
Ascendí suspendido de tu beso.

## EL ASTRO PROPICIO

Al rendirse tu intacta adolescencia,
Emergió, con ingenuo desaliño,
Tu delicado cuello, del corpiño
Anchamente floreado. En la opulencia

Del salón solitario, mi cariño
Te brindaba su equívoca indulgencia
Sintiendo muy cercana la presencia
Del duende familiar, rosa y armiño.

Como una cinta de cambiante faya,
Tendía su color sobre la playa
La tarde. Disolvía tus sonrojos

En insidiosas mieles mi sofisma.
Y desde el cielo fraternal, la misma
Estrella se miraba en nuestros ojos.

## CONJUNCIÓN

Sahumáronte los pétalos de acacia
Que para adorno de tu frente arranco,
Y tu nervioso zapatito blanco
Llenó toda la tarde con su gracia.

Abrióse con erótica eficacia
Tu enagua de surá, y el viejo banco
Sintió gemir sobre tu activo flanco
El vigor de mi torva aristocracia.

Una resurrección de primaveras
Llenó la tarde gris, y tus ojeras,
Que avivó la caricia fatigada.

Me fantasearon en penumbra fina,
Las alas de una leve golondrina
Suspensa en la ilusión de tu mirada.

## VENUS VICTA

Pidiéndome la muerte, tus collares
Desprendiste con trágica alegría
Y en su pompa fluvial la pedrería
Se ensangrentó de púrpuras solares.

Sobre tus bizantinos alamares
Gusté infinitamente tu agonía,
A la hora en que el crepúsculo surgía
Como un vago jardín tras de los mares.

Cincelada por mi estro, fuiste bloque
Sepulcral, en tu lecho de difunta;
Y cuando por tu seno entró el estoque

Con argucia feroz su hilo de hielo
Brotó un clavel bajo su fina punta
En tu negro jubón de terciopelo.

## EN COLOR EXÓTICO

Con tu pantalla oval de enea rara,
Tus largos alfileres y tus flores,
Parecías, cargada de primores,
Una ambigua musmé de Yoshivara.

Hería en los musgosos surtidores
Su cristalina tecla el agua clara,
Y el tilo que a mis ojos te ocultara
Gemía con eclógicos rumores.

Tal como una bandera derrotada
Se ajó la tarde, hundiéndose en la nada,
A la sombra del tálamo enemigo.

Se apagó en tu collar la última gema,
Y sobre el broche de tu liga crema
Crucifiqué mi corazón mendigo.

## EL ÉXTASIS

Dormía la arboleda; las ventanas
Llenábanse de luz como pupilas;
Las sendas grises se tornaban lilas;
Cuajábase la luz en densas granas.

La estrella que conoce por hermanas,
Desde el cielo tus lágrimas tranquilas,
Brotó, evocando al son de las esquilas,
El rústico Belén de las aldeanas.

Mientras en las espumas del torrente
Deshojaba tu amor sus primaveras
De muselina, relevó el ambiente

La armoniosa amplitud de tus caderas,
Y una vaca mugió sonoramente
Allá por las sonámbulas praderas.

## DELECTACIÓN MOROSA

La tarde, con ligera pincelada
Que iluminó la paz de nuestro asilo,
Apuntó en su matiz crisoberilo
Una sutil decoración morada.

Surgió enorme la luna en la enramada;
Las hojas agravaban su sigilo,
Y una araña, en la punta de su hilo,
Tejía sobre el astro, hipnotizada.

Poblóse de murciélagos el combo
Cielo, a manera de chinesco biombo;
Tus rodillas exangües sobre el plinto

Manifestaban la delicia inerte,
Y a nuestro pies un río de jacinto
Corría sin rumor hacia la muerte.

## OCEÁNIDA

El mar, lleno de urgencias masculinas,
Bramaba alrededor de tu cintura,
Y como un brazo colosal, la obscura
Ribera te amparaba. En tus retinas,

Y en tus cabellos, y en tu astral blancura
Rieló con decadencias opalinas
Esa luz de las tardes mortecinas
Que en el agua pacífica perdura.

Palpitando a los ritmos de tu seno,
Hinchóse en una ola el mar sereno;
Para hundirse en sus vértigos felinos

Su voz te dijo una caricia vaga,
Y al penetrar entre tus muslos finos,
La onda se aguzó como una daga.

## LA ALCOBA SOLITARIA

El diván dormitaba; las sortijas
Brillaban junto a la oxidada aguja,
Y un antiguo silencio de Cartuja
Bostezaba en las lúgubres rendijas.

Sentía el violín entre prolijas
Sugestiones, cual lánguida burbuja
Flotar su extraña anímula de bruja
Ahorcada en las unánimes clavijas.

No quedaba de ti más que una gota
De sangre pectoral, sobre la rota
Almohada. El espejo opalescente

Estaba ciego. Y en el fino vaso,
Como un corsé de inviolable raso
Se abría una magnolia dulcemente.

## LAS MANOS ENTREGADAS

El insinuante almizcle de las bramas
Se esparcía en el viento, y la oportuna
Selva estaba olorosa como una
Mujer. De los extraños panoramas

Surgiste en tu cendal de gasa bruna,
Encajes negros y argentinas lamas,
Con tus brazos desnudos que las ramas
Lamían, al pasar, ebrias de luna.

La noche se mezcló con tus cabellos,
Tus ojos anegáronse en destellos
De sacro amor: la brisa de las lomas

Te envolvió en el frescor de los lejanos
Manantiales, y todos los aromas
De mi jardín sintetizó en tus manos.

## HOLOCAUSTO

Llenábanse de noche las montañas,
Y a la vera del bosque aparecía
La estridente carreta que volvía
De su viaje espectral por las campañas.

Compungíase el viento entre las cañas.
Y asumiendo la astral melancolía,
Las horas prolongaban su agonía
Paso a paso a través de tus pestañas.

La sombra pecadora a cuyo intenso
Influjo, arde tu amor como el incienso
En apacible combustión de aromas,

Miró desde los sauces lastimeros,
En mi alma un extravío de corderos
Y en tu seno un degüello de palomas.

# Os doze gozos

*"A sombra pecadora em cujo intenso influxo,*
*arde teu amor como o incenso."*

LEOPOLDO LUGONES

A José Juan Tablada [de México]

## TENTAÇÃO

Calou por fim o mar, e assim foi o caso:
Em um longo suspiro violeta,
Extenuava-se de amor a tarde quieta
Com a ducal decrepitude do raso.

Deus calava também; uma secreta
Inquietude expressava-se em teu passo;
A palidez dourada do Ocaso
Recolhia tua lânguida silhueta.

O campo em cujo treval maduro
A sementeira palpitou como uma esposa,
Contemplava com êxtase impuro

Tua meia negra; e uma silenciosa
Andorinha raiava o céu rosa,
Como um pequeno pensamento obscuro.

## PARADISÍACA

Junto a um ramo em flor busquei teu arrimo.
A dourada serpente de meus males
Circulou por tuas pudicas gazes
Com a invasora suavidade de um mimo.

Sutil vapor alçava-se do limo
Sulfurando as tintas outonais
Do poente, e brilhava nos parrerais
A transparência ustória do racimo.

Sentindo que o azul nos impelia
Algo de Deus, tua boca se unia
Com a minha na tarde luminosa,

Sob o caduco sátiro de gesso.
E como por uma faixa milagrosa
Ascendi, por teu beijo suspenso.

## O ASTRO PROPÍCIO

Ao render-se tua intacta adolescência,
Emergiu, com ingênuo desalinho,
Teu delicado colo, do corpinho
Amplamente floreado. Na opulência

Da sala solitária, meu carinho
Brindava a ti sua equívoca indulgência
Sentindo muito próxima a presença
Do duende familiar, rosa e arminho.

Como uma faixa de cambiante faia,
Estendia sua cor sobre a praia
A tarde. Teus rubores dissolvia

Em insidiosos méis o meu sofisma.
E desde o céu fraternal, a mesma
Estrela em nossos olhos se via.

## CONJUNÇÃO

Defumaram-te as pétalas de acácia
Que para adorno de tua fronte arranco,
E teu nervoso sapatinho branco
Encheu toda a tarde com a sua graça.

Abriu-se com erótica eficácia
Tua anágua de surá, e o velho banco
Sentiu gemer sobre teu ativo flanco
O vigor de minha atroz aristocracia.

Uma ressurreição de primaveras
Encheu a tarde cinza, e tuas olheiras,
Que a carícia cansada fez avivar.

Fantasiaram-me em penumbra fina,
As asas de uma leve andorinha
Suspensa na ilusão de teu olhar.

## VENUS VICTA

Pedindo-me a morte, teus colares
Desprendeste com trágica alegria
E em sua pompa fluvial a pedraria
Se ensanguentou de púrpuras solares.

Sobre teus bizantinos alamares
Provei infinitamente tua agonia,
Na hora em que o crepúsculo surgia
Como um vago jardim por trás dos mares.

Foste bloco sepulcral, cinzelada
Por meu estro em teu leito de defunta;
E quando por teu seio entrou a espada,

Seu fio de gelo, com argúcia fero,
Brotou um cravo sob sua fina ponta
Em teu gibão de veludo escuro.

## EM COR EXÓTICA

Com teu leque oval de palha rara,
Teus longos alfinetes e tuas flores,
Parecias, carregada de primores,
Uma ambígua musmé de Yoshivara.

Feria nas musgosas fontes
Sua cristalina tecla a água clara,
E a tília que a meus olhos te ocultara
Gemia com eclógicos rumores.

Tal como uma bandeira derrotada
Desfez-se a tarde, fundindo-se no nada,
À sombra do tálamo inimigo.

Apagou-se em teu colar a última gema,
E sobre o broche de tua liga creme
Crucifiquei meu coração mendigo.

## O ÊXTASE

Dormia o arvoredo; as janelas
Enchiam-se de luz como pupilas;
Os caminhos cinzas se tornavam lilás;
Coalhava-se a luz em densas grãs.

A estrela que conhece por irmãs,
Desde o céu tuas lágrimas quietas,
Brotou, evocando ao som das sinetas,
O rústico Belém das aldeãs.

Enquanto nas espumas da torrente
Desfolhava teu amor suas primaveras
De musselina, destacou o ambiente

A harmoniosa amplidão de tuas cadeiras,
E uma vaca mugiu sonoramente
Lá pelas sonâmbulas pradarias.

## DELEITE MOROSO

A tarde, com ligeira pincelada
Que iluminou a paz de nosso asilo,
Apontou em seu matiz crisoberilo
Uma sutil decoração arroxeada.

Surgiu enorme a lua na ramada;
As folhas agravavam seu sigilo,
E uma aranha, na ponta de seu fio,
Tecia sobre o astro, hipnotizada.

Povoou-se de morcegos o recurvo
Céu, semelhante a um chinesco biombo;
Teus joelhos exangues sobre o plinto

Manifestavam a delícia inerte,
E a nossos pés um rio de jacinto
Corria sem rumor até a morte.

## OCEÂNIDA

O mar, cheio de urgências masculinas,
Bramava ao redor de tua cintura,
E como um braço colossal, a obscura
Margem te amparava. Em tuas retinas,

E em teus cabelos, e em tua astral brancura
Brilhou com decadências opalinas
Essa luz das tardes amortecidas
Que na água pacífica perdura.

Palpitando aos ritmos de teu seio,
Inchou-se em uma onda o mar sereno;
Para fundir-se em suas vertigens felinas

Sua voz te disse uma carícia vaga,
E ao penetrar entre tuas coxas finas,
A onda se aguçou como uma adaga.

## A ALCOVA SOLITÁRIA

O divã dormitava; as sortilhas
Brilhavam junto à oxidada agulha,
E um antigo silêncio de Cartuxa
Bocejava nas lúgubres frinchas.

Sentia o violino entre prolixas
Sugestões, como lânguida borbulha
Flutuar sua estranha alminha de bruxa
Enforcada nas unânimes cavilhas.

Não restava de ti mais que uma gota
De sangue peitoral, sobre a rota
Almofada. O espelho opalescente

Estava cego. E no fino vaso,
Como um corpete de inviolável raso
Abria-se uma magnólia docemente.

## AS MÃOS ENTREGUES

O insinuante almíscar das bramas
Espargia-se no vento, e a oportuna
Selva estava perfumada como uma
Mulher. Dos estranhos panoramas

Surgiste em teu cendal de gaze escura,
Rendas negras e argênteas llamas,
Com teus braços desnudos que as ramas
Acariciavam ao passar, ébrias de lua.

A noite com teus cabelos mesclou-se,
Teus olhos encheram-se de fulgores
De sacro amor: envolveu-te na frescura

Das fontes distantes a viração
Das colinas, e todos os aromas
De meu jardim sintetizou em tuas mãos.

## HOLOCAUSTO

Enchiam-se de noite as montanhas,
E na orla do bosque aparecia
A estridente carroça que volvia
De sua viagem espectral pelas campanhas.

Compungia-se o vento entre as canas.
E assumindo a astral melancolia,
As horas prolongavam sua agonia
Passo a passo através de tuas pestanas.

A sombra pecadora em cujo intenso
Influxo, arde teu amor como o incenso
Em aprazível combustão de aromas,

Viu desde os lastimosos salgueiros,
Em minha alma um extravio de cordeiros
E em teu seio uma degola de pombas.

# EPIGRAMAS
## RUFINOS

**O TEXTO:** Trata-se de quarenta pequenas elegias, epigramas eróticos, ou o livro V da *Antologia Grega ou Palatina*.

Texto traduzido: Paton, W. R. *Anthologiæ Græcæ Erotica*. London: David Nutt, 1898.

**O AUTOR:** Nada se sabe sobre o poeta grego Rufinos, a linguagem que utiliza pode situá-lo entre os séculos II e III, e sua ascendência parece ser de Samos ou Éfeso.

**O TRADUTOR:** Miguel Sulis é Doutor em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e tradutor.

# Ἐπιγραμματα

*“Πυγαὶ δ᾽ ἀλλήλαις περιηγέες εἱλίσσοντο,*
*ὕδατος ὑγροτέρῳ χρωτὶ σαλευόμεναι·”*

## ΡΟΥΦΊΝΟΣ

Ρουφῖνος τῇ 'μῇ γλυκερωτάτῃ Ἐλπίδι πολλὰ
χαίρειν, εἰ χαίρειν χωρὶς ἐμοῦ δύναται.
οὐκέτι βαστάζω, μὰ τὰ σ᾽ ὄμματα, τὴν φιλέρημον
καὶ τὴν μουνολεχῆ σεῖο διαζυγίην·
ἀλλ᾽ αἰεὶ δακρύοισι πεφυρμένος ἢ 'πὶ Κορησσὸν
ἔρχομαι ἢ μεγάλης νηὸν ἐς Ἀρτέμιδος.
αὔριον ἀλλὰ πάτρη με δεδέξεται, ἐς δὲ σὸν ὄμμα
πτήσομαι, ἐρρῶσθαι μυρία σ᾽ εὐχόμενος.

⁂

Λουσάμενοι, Προδίκη, πυκασώμεθα καὶ τὸν ἄκρατον
ἕλκωμεν κύλικας μείζονας αἰρόμενοι.
βαιὸς ὁ χαιρόντων ἐστὶν βίος· εἶτα τὰ λοιπὰ
γῆρας κωλύσει, καὶ τὸ τέλος θάνατος.

⁂

Εὐρώπης τὸ φίλημα, καὶ ἢν ἄχρι χείλεος ἔλθῃ,
ἡδύ γε, κἂν ψαύσῃ μοῦνον ἄκρου στόματος·
ψαύει δ᾽ οὐκ ἄκροις τοῖς χείλεσιν, ἀλλ᾽ ἐρίσασα
τὸ στόμα τὴν ψυχὴν ἐξ ὀνύχων ἀνάγει.

⁂

Ποῦ νῦν Πραξιτέλης; ποῦ δ' αἱ χέρες αἱ Πολυκλείτου,
αὐταῖς πρόσθε τέχναις πνεῦμα χαριζόμεναι;
τίς πλοκάμους Μελίτης εὐώδεας ἢ πυρόεντα
ὄμματα καὶ δειρῆς φέγγος ἀποπλάσεται;
ποῦ πλάσται, ποῦ δ' εἰσὶ λιθοξόοι; ἔπρεπε τῇδε
μορφῇ νηὸν ἔχειν ὡς μακάρων ξοάνῳ.

*

Μᾶλλον τῶν σοβαρῶν τὰς δουλίδας ἐκλεγόμεσθα,
οἱ μὴ τοῖς σπαταλοῖς κλέμμασι τερπόμενοι.
ταῖς μὲν χρὼς ἀπόδωδε μύρου σοβαρόν τε φρύαγμα
καὶ μέχρι κινδύνου πεσσομένη σύνοδος·
ταῖς δὲ χάρις καὶ χρὼς ἴδιος καὶ λέκτρον ἑτοῖμον,
δώροι' ἐκ σπατάλης οὐκ ἀλεγιζόμενον.
μιμοῦμαι Πύρρον τὸν Ἀχιλλέος, ὃς προέκρινεν
Ἑρμιόνης ἀλόχου τὴν λάτριν Ἀνδρομάχην.

*

Οὐκέτι παιδομανὴς ὡς πρίν ποτε, νῦν δὲ καλοῦμαι
θηλυμανής, καὶ νῦν δίσκος ἐμοὶ κρόταλον,
ἀντὶ δέ μοι παίδων ἀδόλου χροὸς ἤρεσε γύψου
χρώματα καὶ φύκους ἄνθος ἐπεισόδιον·
βοσκήσει δελφῖνας ὁ δενδροκόμης Ἐρύμανθος
καὶ πολιὸν πόντου κῦμα θοὰς ἐλάφους.

*

Οὐκ ἔλεγον, Προδίκη· Γηράσκομεν; οὐ προεφώνουν·
Ἥξουσιν ταχέως αἱ διαλυσίφιλοι;
νῦν ῥυτίδες καὶ θρὶξ πολιὴ καὶ σῶμα ῥακῶδες,
καὶ στόμα τὰς προτέρας οὐκέτ' ἔχον χάριτας.
μήτις σοι, μετέωρε, προσέρχεται ἢ κολακεύων
λίσσεται; ὡς δὲ τάφον νῦν σε παρερχόμεθα.

*

Σοί με λάτριν γλυκύδωρος Ἔρως παρέδωκε, Βοῶπι,
ταῦρον ὑποζεύξας εἰς πόθον αὐτόμολον,

αὐτοθελῆ, πάνδουλον, ἑκούσιον, αὐτοκέλευστον,
  αἰτήσοντα πικρὴν μήποτ᾽ ἐλευθερίην,
ἄχρι φίλης πολιῆς καὶ γήραος· ὄμμα βάλοι δὲ
  μήποτ᾽ ἐφ᾽ ἡμετέραις ἐλπίσι βασκανίη.

*

Ποῦ σοι κεῖνα, Μέλισσα, τὰ χρύσεα καὶ περίοπτα
  τῆς πολυθρυλήτου κάλλεα φαντασίης;
ποῦ δ᾽ ὀφρύες καὶ γαῦρα φρονήματα καὶ μέγας αὐχὴν
  καὶ σοβαρῶν ταρσῶν χρυσοφόρος σπατάλη;
νῦν πενιχρὴ ψαφαρή τε κόμη, παρὰ ποσσὶ τραχεῖα·
  ταῦτα τὰ τῶν σπαταλῶν τέρματα παλλακίδων.

*

Νῦν μοι Χαῖρε λέγεις, ὅτε σου τὸ πρόσωπον ἀπῆλθεν
  κεῖνο τὸ τῆς λύγδου, βάσκανε, λειότερον·
νῦν μοι προσπαίζεις, ὅτε τὰς τρίχας ἠφάνικάς σου
  τὰς ἐπὶ τοῖς σοβαροῖς αὐχέσι πλαζομένας.
μηκέτι μοι, μετέωρε, προσέρχεο μηδὲ συνάντα·
  ἀντὶ ῥόδου γὰρ ἐγὼ τὴν βάτον οὐ δέχομαι.

*

Πυγὰς αὐτὸς ἔκρινα τριῶν· εἵλοντο γὰρ αὐταὶ
  δείξασαι γυμνὴν ἀστεροπὴν μελέων.
καί ῥ᾽ ἡ μὲν τροχαλοῖς σφραγιζομένη γελασίνοις
  λευκῇ ἀπὸ γλουτῶν ἤνθεεν εὐαφίῃ·
τῆς δὲ διαιρομένης φοινίσσετο χιονέη σὰρξ
  πορφυρέοιο ῥόδου μᾶλλον ἐρυθροτέρη·
ἡ δὲ γαληνιόωσα χαράσσετο κύματι κωφῷ,
  αὐτομάτη τρυφερῷ χρωτὶ σαλευομένη.
εἰ ταύτας ὁ κριτὴς ὁ θεῶν ἐθεήσατο πυγάς,
  οὐκέτ᾽ ἂν οὐδ᾽ ἐσιδεῖν ἤθελε τὰς προτέρας.

*

Ἤρισαν ἀλλήλαις Ροδόπη, Μελίτη, Ροδόκλεια,
  τῶν τρισσῶν τίς ἔχει κρείσσονα μηριόνην,
καί με κριτὴν εἵλοντο· καὶ ὡς θεαὶ αἱ περίβλεπτοι

ἔστησαν γυμναί, νέκταρι λειβόμεναι.
καὶ Ροδόπης μὲν ἔλαμπε μέσος μηρῶν πολύτιμος
< >
< >
οἷα ῥοδὼν πολλῷ σχιζόμενος ζεφύρῳ ...
τῆς δὲ Ροδοκλείης ὑάλῳ ἴσος ὑγρομέτωπος
οἷα καὶ ἐν νηῷ πρωτογλυφὲς ξόανον.
ἀλλὰ σαφῶς, ἃ πέπονθε Πάρις διὰ τὴν κρίσιν, εἰδὼς
τὰς τρεῖς ἀθανάτας εὐθὺ συνεστεφάνουν.

*

Μήτ᾽ ἰσχνὴν λίην περιλάμβανε μήτε παχεῖαν,
τούτων δ᾽ ἀμφοτέρων τὴν μεσότητα θέλε.
τῇ μὲν γὰρ λείπει σαρκῶν χύσις, ἡ δὲ περισσὴν
κέκτηται· λεῖπον μὴ θέλε μηδὲ πλέον.

*

Τίς γυμνὴν οὕτω σε καὶ ἐξέβαλεν καὶ ἔδειρεν;
τίς ψυχὴν λιθίνην εἶχε καὶ οὐκ ἔβλεπεν;
μοιχὸν ἴσως ηὕρηκεν ἀκαίρως κεῖνος ἐσελθών;
γινόμενον· πᾶσαι τοῦτο ποοῦσι, τέκνον.
πλὴν ἀπὸ νῦν, ὅταν ἐστὶν ἔσω, κεῖνος δ᾽ ὅταν ἔξω,
τὸ πρόθυρον σφήνου, μὴ πάλι ταὐτὸ πάθῃς.

*

Μισῶ τὴν ἀφελῆ, μισῶ τὴν σώφρονα λίαν·
ἡ μὲν γὰρ βραδέως, ἡ δὲ θέλει ταχέως.

*

Ἐκβάλλει γυμνήν τις, ἐπὴν εὕρῃ ποτὲ μοιχόν,
ὡς μὴ μοιχεύσας, ὡς ἀπὸ Πυθαγόρου;
εἶτα, τέκνον, κλαίουσα καταδρύψεις τὸ πρόσωπον
καὶ παραριγώσεις μαινομένου προθύροις;
ἔκμαξαι, μὴ κλαῖε, τέκνον· χεὐρήσομεν ἄλλον,
τὸν μὴ καὶ τὸ βλέπειν εἰδότα καὶ τὸ δέρειν.

*

Λέμβιον, ἡ δ' ἑτέρα Κερκούριον, αἱ δύ' ἑταῖραι
  αἰὲν ἐφορμοῦσιν τῷ Σαμίων λιμένι.
ἀλλά, νέοι, πανδημὶ τὰ ληστρικὰ τῆς Ἀφροδίτης
  φεύγεθ'· ὁ συμμίξας καὶ καταδὺς πίεται.

*

Πολλάκις ἠρασάμην σε λαβὼν ἐν νυκτί, Θάλεια,
  πληρῶσαι θαλερῇ θυμὸν ἐρωμανίῃ·
νῦν δ', ὅτε μοι γυμνὴ γλυκεροῖς μελέεσσι πέπλησαι,
  ἔκλυτος ὑπναλέῳ γυῖα κέκμηκα κόπῳ.
θυμὲ τάλας, τί πέπονθας; ἀνέγρεο μηδ' ἀπόκαμνε,
  ζητήσεις ταύτην τὴν ὑπερευτυχίην.

*

Ὄμματα μὲν χρύσεια καὶ ὑαλόεσσα παρειὴ
  καὶ στόμα πορφυρέης τερπνότερον κάλυκος,
δειρὴ λυγδινέη καὶ στήθεα μαρμαίροντα
  καὶ πόδες ἀργυρέης λευκότεροι Θέτιδος·
εἰ δέ τι καὶ πλοκαμῖσι διαστίλβουσιν ἄκανθαι,
  τῆς λευκῆς καλάμης οὐδὲν ἐπιστρέφομαι.

*

Παρθένος ἀργυρόπεζος ἐλούετο, χρύσεα μαζῶν
  χρωτὶ γαλακτοπαγεῖ μῆλα διαινομένη·
πυγαὶ δ' ἀλλήλαις περιηγέες εἱλίσσοντο,
  ὕδατος ὑγροτέρῳ χρωτὶ σαλευόμεναι·
τὸν δ' ὑπεροιδαίνοντα κατέσκεπε πεπταμένη χεὶρ
  οὐχ ὅλον Εὐρώταν, ἀλλ' ὅσον ἠδύνατο.

*

Τῇ κυανοβλεφάρῳ παίζων κόνδακα Φιλίππῃ
  ἐξ αὐτῆς κραδίης ἡδὺ γελᾶν ἐπόουν·
Δώδεκά σοι βέβληκα καὶ αὔριον ἄλλα βαλῶ σοι
  ἢ πλέον ἠὲ πάλιν δώδεκ' ἐπιστάμενος.
εἶτα κελευομένη ἦλθεν· γελάσας δὲ πρὸς αὐτήν·
  Εἴθε σε καὶ νύκτωρ ἐρχομένην ἐκάλουν.

⁂

Οὔπω σου τὸ καλὸν χρόνος ἔσβεσεν, ἀλλ' ἔτι πολλὰ
λείψανα τῆς προτέρης σῴζεται ἡλικίης,
καὶ χάριτες μίμνουσιν ἀγήραοι, οὐδὲ τὸ καλὸν
τῶν ἱλαρῶν μήλων ἢ ῥόδον ἐξέφυγεν.
ὢ πόσσους κατέφλεξε τὸ πρὶν θεοείκελον ἄνθος,
[ἡνίκα πρωτοβόλων λάμπεν ἀπὸ βλεφάρων].

⁂

Εὐκαίρως μονάσασαν ἰδὼν Προδίκην ἱκέτευον,
καὶ τῶν ἀμβροσίων ἁψάμενος γονάτων·
Σῶσον, ἔφην, ἄνθρωπον ἀπολλύμενον παρὰ μικρόν,
καὶ φεῦγον ζωῆς πνεῦμα σύ μοι χάρισαι.
ταῦτα λέγοντος ἔκλαυσεν· ἀποψήσασα δὲ δάκρυ,
ταῖς τρυφεραῖς ἡμᾶς χερσὶν ὑπεξέβαλεν.

⁂

Παλλὰς ἐσαθρήσασα καὶ Ἥρη χρυσοπέδιλος
Μαιονίδ' ἐκ κραδίης ἴαχον ἀμφότεραι·
Οὐκέτι γυμνούμεσθα· κρίσις μία ποιμένος ἀρκεῖ·
οὐ καλὸν ἡττᾶσθαι δὶς περὶ καλλοσύνης.

⁂

Κάλλος ἔχεις Κύπριδος, Πειθοῦς στόμα, σῶμα καὶ ἀκμὴν
εἰαρινῶν Ὡρῶν, φθέγμα δὲ Καλλιόπης,
νοῦν καὶ σωφροσύνην Θέμιδος καὶ χεῖρας Ἀθήνης·
σὺν σοὶ δ' αἱ Χάριτες τέσσαρές εἰσι, Φίλη.

⁂

Πρωτομάχου πατρὸς καὶ Νικομάχης γεγαμηκὼς
θυγατέρα, Ζήνων, ἔνδον ἔχεις πόλεμον.
ζήτει Λυσίμαχον μοιχὸν φίλον, ὅς σ' ἐλεήσας
ἐκ τῆς Πρωτομάχου λύσεται Ἀνδρομάχης.

⁂

Τοῦτο βίος, τοῦτ᾽ αὐτό· τρυφὴ βίος· ἔρρετ᾽, ἀνῖαι.
ζωῆς ἀνθρώποις ὀλίγος χρόνος. ἄρτι Λυαῖος,
ἄρτι χοροὶ στέφανοί τε φιλανθέες, ἄρτι γυναῖκες.
σήμερον ἐσθλὰ πάθω, τὸ γὰρ αὔριον οὐδενὶ δῆλον.

⁂

Δαίμονες, οὐκ ᾔδειν, ὅτι λούεται ἡ Κυθέρεια,
χερσὶ καταυχενίους λυσαμένη πλοκάμους.
ἱλήκοις, δέσποινα, καὶ ὄμμασιν ἡμετέροισι
μήποτε μηνίσῃς θεῖον ἰδοῦσι τύπον.
νῦν ἔγνων· Ροδόκλεια καὶ οὐ Κύπρις. εἶτα τὸ κάλλος
τοῦτο πόθεν; σύ, δοκῶ, τὴν θεὸν ἐκδέδυκας.

⁂

Πέμπω σοι, Ροδόκλεια, τόδε στέφος, ἄνθεσι καλοῖς
αὐτὸς ὑφ᾽ ἡμετέραις πλεξάμενος παλάμαις.
ἔστι κρίνον ῥοδέη τε κάλυξ νοτερή τ᾽ ἀνεμώνη
καὶ νάρκισσος ὑγρὸς καὶ κυαναυγὲς ἴον.
ταῦτα στεψαμένη, λῆξον μεγάλαυχος ἐοῦσα·
ἀνθεῖς καὶ λήγεις καὶ σὺ καὶ ὁ στέφανος.

⁂

Γείτονα παρθένον εἶχον Ἀμυμώνην Ἀφροδίτην,
ἥ μου τὴν ψυχὴν ἔφλεγεν οὐκ ὀλίγον.
αὕτη μοι προσέπαιζε καί, εἴ ποτε καιρός, ἐτόλμων.
ἠρυθρία. τί πλέον; τὸν πόνον ᾐσθάνετο.
ἤνυσα πολλὰ καμών. παρακήκοα νῦν, ὅτι τίκτει.
ὥστε τί ποιοῦμεν; φεύγομεν ἢ μένομεν;

⁂

Αὕτη πρόσθεν ἔην ἐρατόχροος, εἰαρόμασθος,
εὔσφυρος, εὐμήκης, εὔοφρυς, εὐπλόκαμος.
ἠλλάχθη δὲ χρόνῳ καὶ γήραϊ καὶ πολιαῖσι,
καὶ νῦν τῶν προτέρων οὐδ᾽ ὄναρ οὐδὲν ἔχει·
ἀλλοτρίας δὲ τρίχας καὶ ῥυσῶδες τὸ πρόσωπον,
οἷον γηράσας οὐδὲ πίθηκος ἔχει.

*

Εἰ τοίην χάριν εἶχε γυνὴ μετὰ Κύπριδος εὐνήν,
οὐκ ἄν τοι χρονέεσκεν ἀνὴρ ἀλόχῳ συνομιλῶν.
πᾶσαι γὰρ μετὰ κύπριν ἀτερπέες εἰσὶ γυναῖκες.

*

Ἀρνεῖται τὸν ἔρωτα Μελισσιάς, ἀλλὰ τὸ σῶμα
κέκραγεν ὡς βελέων δεξάμενον φαρέτρην,
καὶ φάσις ἀστατέουσα καὶ ἄστατος ἄσθματος ὁρμὴ
καὶ κοῖλαι βλεφάρων ἰοτυπεῖς βάσιες.
ἀλλά, Πόθοι, πρὸς μητρὸς ἐυστεφάνου Κυθερείης,
φλέξατε τὴν ἀπιθῆ, μέχρις ἐρεῖ· Φλέγομαι.

*

Εἰ δυσὶν οὐκ ἴσχυσας ἴσην φλόγα, πυρφόρε, καῦσαι,
τὴν ἑνὶ καιομένην ἢ σβέσον ἢ μετάθες.

*

Ὑψοῦται Ροδόπη τῷ κάλλεϊ· κἤν ποτε Χαῖρε
εἴπω, ταῖς σοβαραῖς ὀφρύσιν ἠσπάσατο·
ἤν ποτε καὶ στεφάνους προθύρων ὕπερ ἐκκρεμάσωμαι,
ὀργισθεῖσα πατεῖ τοῖς σοβαροῖς ἴχνεσι.
ὦ ῥυτίδες καὶ γῆρας ἀνηλεές, ἔλθετε θᾶσσον·
σπεύσατε, κἂν ὑμεῖς πείσατε τὴν Ροδόπην.

*

Ὥπλισμαι πρὸς Ἔρωτα περὶ στέρνοισι λογισμόν,
οὐδέ με νικήσει, μοῦνος ἐὼν πρὸς ἕνα,
θνατὸς δ᾽ ἀθανάτῳ συστήσομαι. ἢν δὲ βοηθὸν
Βάκχον ἔχῃ, τί μόνος πρὸς δύ᾽ ἐγὼ δύναμαι;

*

Ὄμματ᾽ ἔχεις Ἥρης, Μελίτη, τὰς χεῖρας Ἀθήνης,
τοὺς μαζοὺς Παφίης, τὰ σφυρὰ τῆς Θέτιδος.
εὐδαίμων ὁ βλέπων σε, τρισόλβιος ὅστις ἀκούει,
ἡμίθεος δ᾽ ὁ φιλῶν, ἀθάνατος δ᾽ ὁ γαμῶν.

⁂

Εἰ μὲν ἐπ' ἀμφοτέροισιν, Ἔρως, ἴσα τόξα τιταίνεις,
  εἶ θεός· εἰ δὲ ῥέπεις πρὸς μέρος, οὐ θεὸς εἶ.

⁂

Μέχρι τίνος, Προδίκη, παρακλαύσομαι; ἄχρι τίνος σε
  γουνάσομαι, στερεή, μηδὲν ἀκουόμενος;
ἤδη καὶ λευκαί σοι ἐπισκιρτῶσιν ἔθειραι,
  καὶ τάχα μοι δώσεις ὡς Ἑκάβη Πριάμῳ.

⁂

Πάντα σέθεν φιλέω· μοῦνον δὲ σὸν ἄκριτον ὄμμα
  ἐχθαίρω, στυγεροῖς ἀνδράσι τερπόμενον.

# EPIGRAMAS

*“Suas nádegas roliças roçavam uma contra a outra,*
*enquanto se moviam mais úmidas que a água.”*

RUFINOS

Rufinos: à minha dulcíssima Elpis, que muito
  se alegre, se puder se alegrar sem mim.
não mais suporto, por teus olhos, a filerêmia
  separação e meu leito solitário sem ti;
e sempre banhado em lágrimas vou ao Corissos
  ou ao templo da grande Ártemis.
mas amanhã a pátria me recebe, a teus olhos
  voarei, desejando-te mil graças.

⁂

Banhemo-nos, Prodice, coroemo-nos e vinho acrato
  bebamos erguendo grandes taças.
breve é a vida da alegria; depois a velhice
  impedirá o resto, e o fim é a morte.

⁂

O beijo de Europa, embora mal venha a tocar os lábios,
  é doce, embora mal toque levemente a boca;
toca não com a ponta dos lábios, mas firmando
  a boca suga a alma até as unhas.

⁂

Onde agora um Praxiteles? onde as mãos de Polyclitos,
  que davam sopro a obras da antiga arte?
os olentes cachos de Melite, ou os ardentes
  olhos e o esplendor do pescoço, quem moldará?
onde moldadores, onde estão os talhadores? beleza tal,
  à imagem de uma deusa, merecia um templo.

*

Mais do que as livres as servas preferimos,
  as que não aceitam amores escusos, caprichos.
das primeiras a pele exala mirra tem um ar orgulhoso
  e grande é o perigo até que caia em sua cama;
das outras a graça e a pele é única, e pronta sua cama,
  sem querer os presentes do capricho.
imito a Pyrrhos de Aquiles, que preferiu
  à Hermione sua esposa, Andrômaca a escrava.

*

Não mais pedómano como dantes, chamam-me agora
  mulherengo, e agora meu disco é o crótalo,
à pele intocada dos garotos, gosto agora das cores
  do gesso e da estranha flor da alga;
O arborizado Erymanthos pastoreará golfinhos
  e a onda espumante do mar ágeis corças.

*

Não dizia, Prodice; que envelhecemos? não previ:
  rápido chegará o que dissolve o amor?
agora rugas e cabelos brancos e corpo estropiado,
  e boca sem sua graça de outrora.
quem vem a ti, mulher arrogante, com elogios
  ou súplicas? passamos a teu lado como a um túmulo.

*

Eros de doces graças me deu a ti, Boópis, como servo,
  a teu desejo me atrelou como touro domesticado,
escravo voluntário e espontâneo, de todo submisso,

que nunca pedirá a amarga liberdade,
até a neve cobrir seus cabelos e envelhecer; que não
ponham mal-olhado sobre nossas esperanças.

*

Onde, Mélissa, aquelas douradas e proeminentes
belezas de tua mui lendária aparência?
onde as celhas e orgulhosos juízos e longo colo
e a aurífera extravagância de teus ardentes tarsos?
agora míseros e frágeis os cabelos, e aos pés trapos;
tal é o fim das concubinas extravagantes.

*

Agora me dizes Adeus, quando se foi
teu rosto mais radiante que o mármore;
agora caçoas de mim, quando sumiste com teus
cabelos que deitavam sobre teu colo insigne.
não te achegues, presumido, nem me encontres;
não aceito espinheiro ao invés de rosas.

*

Bundas eu mesmo julguei de três; elas me escolheram
mostrando a nudez fulgurante de seus membros.
na primeira, selada com curvas sorridentes,
branca dos glúteos florecia a suavidade;
na outra, quando levantava, rosava-se a nívea carne
mais rubra que a rosa mais púrpura;
na última, que era serena, gravava plácida onda,
a pele tenra, quando sozinha se movia.
se o juiz das deusas visse tais bundas,
não mais quereria ver de forma alguma as primeiras.

*

Discutiam entre si Rodope, Melite e Rodocleia,
das três qual tem a mais bela vulva,
e me escolheram para juiz; e como deusas ungidas
com néctar, levantaram-se nuas as belíssimas.

e de Rodope brilhava entre as coxas como preciosa
[pedra] <     >
<     >
[de Melite] como um roseiral rasgado por Zephyro...
a de Rodocleia, como cristal com a fronte úmida
como xoanon recém talhado em um templo.
mas bem sabendo o que sofreu Páris pelo juízo
as três imortais de imediato coroei.

*

Não abraces nem a esbelta nem a gorda,
destas duas queira a média.
a uma falta o fluxo das carnes, a outra há
em demasia; não queira falta nem excesso.

*

Assim nua quem te bateu e expulsou?
quem tinha a alma pétrea e não via?
encontrou algum amante ao entrar na hora errada?
acontece; todas fazem isso, filha.
mas de agora, quando estiver dentro, e ele fora,
tranque a porta, para não sofrer de novo.

*

Odeio a fácil, odeio a mui contida;
uma é muito lenta, a outra logo aceita.

*

Alguém expulsa mulher nua, por encontrá-la com amante,
como se não fornicasse, como se fosse um Pytágoras?
estragarás o teu rosto chorando assim, filha,
e te resfriarás à porta do maníaco?
enxuga os olhos, não chores, filha; encontraremos outro,
que não saberá nem ver nem bater.

*

Lembion, a hetera Kerkurion, as duas heteras
   sempre atacam no porto de Samos.
fujam todos, jovens, dos corsários de Afrodite
   quem se enfrentar, submerge e é engolido.

*

Thalia, muito supliquei para te ter à noite,
   satisfazer minha paixão com carícias ardentes;
agora, nua ao meu lado com teus membros doces,
   deito-me sonolento e esgotado pelo cansaço.
o que houve, alma infeliz? acorda e não te prostres,
   algum dia buscarás essa hiperfelicidade.

*

Olhos dourados e bochechas cristalinas
   e boca mais deliciosa que uma rosa púrpura,
o colo de mármore e os seios lustrosos
   e os pés de prata mais brancos que os de Thétis;
e se aqui e acolá aparecem tufos brancos no cabelo,
   não me importo com a seara branca.

*

Virgem argirópoda banhava-se, caía a água nos pomos
   dourados de seu peito que lácteos se moviam;
suas nádegas roliças roçavam uma contra a outra,
   enquanto se moviam mais úmidas que a água;
e sua mão cobria aberta seu túmido Eurotas
   não todo, mas o quanto podia.

*

Jogando condax com Philippa de cílios escuros
   docemente a fiz rir de todo seu coração;
Doze te joguei e amanhã outros tantos jogarei
   ou mais, ou de novo doze, disse, pois agora sei.
quando a chamei, veio; rindo lhe disse;
   Já que virias, à noite deveria te chamar.

*

O tempo ainda não apagou tua beleza, pois muitos
vestígios de tua idade primeira permanecem.
agératos os teus encantos, nem a beleza
de teus vivos pomos ou tua rosa não partiu.
oh quantos tua flor divina não haverá incendiado,
[quando fogo virgem irradiavam os teus cílios].

*

Ao encontrar Prodice felizmente sozinha supliquei,
caindo a seus joelhos ambrosíacos;
Salva, eu disse, um homem que quase está perdido,
dá-me o sopro da vida que se vai.
isto quando disse, chorou; mas secou sua lágrima,
e com suas tenras mãos me rejeitou.

*

Pallas e Hera auricalçada ao verem
Meonis, suspiraram de seus corações;
Não mais nos desnudamos; um juízo do pastor basta;
não é bom ser derrotada duas vezes pela beleza.

*

Tens a beleza da Cípria, a boca de Peitho, o corpo na flor
das Horas primaveris, a voz de Calíope,
a mente e sabedoria de Themis e as mãos de Athena;
com você quatro são as Graças, Amada.

*

Já que de Protômacos e Nicômaca casaste com
a filha, Zenon, tens a guerra em casa.
busca Lysímaco teu amigo amante, que te terá pena
e te libertará de Andrômaca de Protômacos.

*

Isto é vida, e só isto; vida é deleite; cuidados, sumam.
pouco é o tempo de vida dos homens. agora vinho,
agora danças e coroas de flores, agora mulheres.
hoje que eu viva bem, amanhã ninguém sabe.

*

Deuses, não sabia que se banhava a Citérea,
e soltava suas tranças com as mãos.
tenha piedade, senhora, e com meus olhos
não te enfureças por verem tua forma divina.
agora sei; Rodocleia e não a Cípria. então essa beleza
de onde? tu, creio, despojaste a deusa.

*

Envio a ti, Rodocleia, essa coroa, de belas flores
que eu mesmo teci com minhas mãos.
aqui o lírio e o cálice de rosa e a úmida anêmona
e o tenro narciso e a rútila e escura violeta.
coroa-te, e para com a vaidade;
floresces e murchas, tu e a coroa.

*

Tinha uma vizinha, a virgem Amymone, Afrodite,
que não pouco incendiou minha alma.
ela brincava comigo e, por vezes, eu ousava.
corava. que mais? sentia a dor.
com muito esforço consegui. soube agora, que parirá.
então o que fazer? fugir ou ficar?

*

Antes ela tinha uma pele amável, seios como flores,
belos pés, bela estatura, belas celhas, belas mechas.
mas mudou com o tempo e a velhice e a neve,
e agora não é nem um sonho da primeira;
o cabelo de outra e o rosto rugoso;
tal que nem um macaco velho tem.

⁂

Se a mesma graça tivesse a mulher após a Cípria cama,
  não se fartariam os homens de tratar com suas esposas.
são desagradáveis todas as mulhers após a cípria obra.

⁂

Melissias nega o eros, mas seu corpo
  grita como se recebesse uma aljava de flechas,
seu fôlego cortado, sua fala instável
  e círculos violetas sob suas pálpebras.
mas, Desejos, por Citérea sua coroada mãe,
  incendeiem a rebelde, até que grite; eu queimo.

⁂

Piróforo, se não podes queimar os dois na mesma chama,
  apaga ou transfere o fogo que queima a um.

⁂

Eleva-se Rodope por sua beleza; e se Oi chego
  a dizer, com as orgulhosas celhas me responde;
se alguma vez penduro coroas em sua porta,
  furiosa as pisoteia com seu orgulhoso passo.
oh rugas e velhice implacáveis, vinde logo;
  apurai-vos, e quiçá convençais a Rodope.

⁂

Armo-me contra Eros com um casco de razão,
  não me vencerá, sendo um contra um,
apresento-me mortal ao imortal. mas se tiver
  Baco como ajudante, que posso eu só contra dois?

⁂

Olhos tens de Hera, Melite, mãos de Athena,
  seios da Páfia, calcanhares de Thétis.

feliz quem te vê, três vezes quem te ouve,
  semideus quem te beija, imortal quem te ama.

*

Se a ambos, Eros, com a mesma força tuas flechas tencionares,
  serás deus; mas se favoreceres a uma parte, deus não serás.

*

Até quando, Prodice, chorarei frente a ti? até quando
  ajoelharei frente a ti, pétrea, e não serei ouvido?
já começam a aparecer teus cabelos brancos,
  e logo te entregarás a mim, como Hécabe a Príamo.

*

Amo tudo de ti; só teu olho imprudente
  odeio, que se derrete por homens odiosos.

# CORPO TRANSPARENTE

## MAX BLECHER

**O TEXTO:** Os poemas selecionados fazem parte da coletânea *Corp transparent* (*Corpo transparente*), publicada em 1934 em Bucareste sob forma de plaquete bibliófila, primeiro e último volume de poesia do autor romeno. Há quem diga que, em sua poesia, pode-se reconhecer "aquela transformação radical da matéria e do pensamento, tão cara aos surrealistas". Para a presente tradução, levou-se em conta a edição de 1971 da editora Cartea Românească de Bucareste, intitulada *Vizuina luminată* (*A Toca Iluminada*), que contém também outros escritos. Exceção para o poema em prosa [Por um instante], inédito até então.

**Texto traduzido:** Blecher, Max. *Vizuina luminată*. Bucureşti: Cartea Românească, 1971.

**O AUTOR:** Max Blecher (1909-1938) é um desses autores singulares que não suporta rótulo. Comparado a Franz Kafka e Bruno Schulz, considerado vanguardista, surrealista, modernista, intimista, Max Blecher constitui, na literatura de língua romena, um fenômeno único, que só nos últimos anos vem sendo reconhecido em plano mundial. Nascido no seio de uma abastada família judia da Moldávia setentrional, nordeste da Romênia, o jovem Blecher teve de interromper seus estudos de Medicina em Paris ao ser diagnosticado com o mal de Pott, que o confinou ao leito em seus últimos 10 anos de vida. Isso não o impediu de se atualizar quanto às tendências culturais europeias e manter correspondência com Breton, Gide e Heidegger, além de numerosos intelectuais romenos. Embora restrita em páginas como foi sua vida limitada em anos, a intensidade de sua obra literária parece refletir a lógica de suas últimas palavras: *Vivi em 29 anos mais do que outras pessoas em 100.*

**O TRADUTOR:** Fernando Klabin, paulistano, mora desde 1997 em Bucareste, onde se formou em Ciências Políticas e desenvolve, entre outras, atividades no campo turístico. Além de já ter traduzido para o português textos dos irmãos Grimm, Arthur Koestler, Robert Graves, Georg Trakl e outros, tem procurado difundir no Brasil a boa literatura escrita na segunda língua que o adotou: o romeno. Nesse contexto, traduziu *As Seis Doenças do Espírito Contemporâneo* (Record, 1999) de Constantin Noica, duas novelas de Mircea Eliade a ser em breve publicadas pela Editora 34, e o romance *Acontecimentos na Irrealidade Imediata,* de Max Blecher, com publicação pela Globo prevista para o início de 2011.

**Contato:** fernandokla@gmail.com

# CORP TRANSPARENT

*"Inima mea scade spre noaptea fătului*
*şi se preface în sex."*

MAX BLECHER

## ÎN LOC DE INTRODUCERE

Cuvinte păsări cu aripi de sânge
Cuvinte zburând nebune în încăperile inimii

Animale câteodată cu transparențe de cer
Buchete de lumi astrale (comete cu cap de dansatoare)

Flori bizare parfumând creierul
Însemnând un zâmbet ori din contra o bucurie

Apariții şi dispariții în întunericul zilelor
Ori vulturi fâlfâind alb peste munții somnului

Vitrini lunare cu îngeri şi săbii
Cu lupi, cu oraşe, cu vapoare, cu păr de femeie

Cuvinte, desene neînțelese ale scrisului acest
Ca mâinile mele, ca ochii tăi închişi.

**PE ȚĂRM**

Iată ce vei vedea la mare
Vapoarele ca nişte capete de înecați cu țigara încă în gură
Visând, fumând plutesc spre Istanbul
Pe țărm oamenii ca nişte sinucigaşi scăpați de la moarte
Visând, fumând, se plimbă pe-nserat

**MATERIALIZĂRI**

De-ar fi să-mi lase ziua o piatră într-o cutie
Şi-un fluture de aur pe geam ca un vitraliu
De-ar fi să-mi lase noaptea o mână de cristale
Din țurțurii de febră, — din visuri o păpuşă
De-ar fi să am obiecte ce-n inimă au viață
Şi gânduri în mătase şi amintiri în sticlă
Din vizitele tale aş vrea brățări de sânge
Colierul unui zâmbet şi-inelul unei clipe.

## POEM GROTESC

*Lui René Wauquier*

I

Soldatul verde care locuieşte în lună îmi trimite pe un fir de salivă câteodată o portocală, câteodată o frunză de pătrunjel (păr smuls din barba-verde) şi câteodată ceasul lui cu cifre fosforescente. Ceasul cade în fundul mării şi bate atât de sălbatec încât sparge valurile (pânzele corăbiilor plesnesc ca pocnitorile).

Copiii, după amiază, jucându-se cu smeul țin în mână un fir de salivă pe lungul căruia soldatul nu le trimite nimic, nici viezuri nici smochine uscate.

II

Pe un gramofon de apă notele plouă după cum heruvimii făinii cântă din trompete de făină în timp ce elefantul meu şi-a încurcat trompa într-o spirală fără sfârşit fără punct şi fără virgulă fereastra s-a desfăcut din zid şi a plecat în lume drum bun căci iată desenez altă fereastră.

## CÂND

Mâinile tale pe piano ca doi cai
Cu copita de marmură
Mâinile tale pe vertebre ca doi cai
Cu copita de trandafiri
Mâinile tale în azur ca două păsări
Cu aripi de mătase
Mâinile tale pe capul meu
Ca două pietre pe un singur mormânt.

## PLIMBARE MARINĂ

*Lui I. Ludo*

Sângele mării circulă roşu în coralii
Inima profundă a apei îmi vâjâie-n urechi
Sunt în fundul cerului de valuri
În pivnița apelor adânci
În lumina omorâtă a funebrei sticle
Peşti mici ca jucării de platină
Parcurg păru-mi care flutură
Peşti mari ca turme de câini
Sug repede apele. Sunt singur
Ridic mâna şi constat greutatea ei lichidă
Mă gândesc la o roată dințată, la un palmier
Zadarnic încerc să fluier
Parcă străbat masa unei melancolii
Şi parcă totdeauna a fost aşa
Pe jumătate frumos şi pe jumătate trist

## [PENTRU O CLIPĂ]

pentru o clipă. pentru o singură clipă existența lumii se opreşte şi se desfăşoară în trecut ca un film de cinematograf rulat de la sfârşit spre început. fumul reintră în coşuri. înaltul cade. paşii mă poartă înapoi. priviri care porneau se întorc ca degetele mănuşii răsucite pe dos. miezul fructului se simplifică se turteşte se petalizează. fructul redevine floare. inima mea scade spre noaptea fătului şi se preface în sex.

# Corpo transparente

*"Meu coração despenca na noite do feto*
*e se transforma em sexo."*

MAX BLECHER

## À GUISA DE PREFÁCIO

Palavras pássaros com asas de sangue
Palavras voando loucas pelas salas do coração

Animais por vezes transparentes como céu
Buquês de mundos astrais (cometas com cabeça de dançarina)

Estranhas flores perfumando o cérebro
Significando um sorriso ou pelo contrário uma alegria

Aparições e desaparições na sombra dos dias
Ou águias esvoaçando branco por sobre morros de sono

Vitrines lunares com anjos e com espadas
Com lobos, com cidades, com navios, com cabelo de mulher

Palavras deste escrito, desenhos incompreensíveis
Como as minhas mãos, como os teus olhos cerrados.

## À BEIRA-MAR

Eis o que verás no mar
Navios como cabeças de afogados ainda com o cigarro na boca
Sonhando, fumando, flutuam na direção de Istambul
À beira-mar, as pessoas como suicidas salvos da morte
Sonhando, fumando, passeiam ao entardecer

**MATERIALIZAÇÕES**

Pudera o dia me deixar numa caixinha uma pedra
E na janela uma borboleta de ouro como um vitral
Pudera a noite me deixar um punhado de cristais
Feitos de estalactites de febre — e uma boneca feita de sonhos
Pudera eu ter objetos que ganhassem vida no coração
Pensamentos na seda e lembranças no vidro
Das tuas visitas eu quisera pulseiras de sangue
O colar de um sorriso e o anel de um instante.

## POEMA GROTESCO

*Para René Wauquier*

I
O soldado verde que mora na lua me manda por um fio de saliva ora uma laranja, ora uma folha de salsa (um chumaço de pêlo arrancado à barba verde), ora o seu próprio relógio com cifras fosforescentes. O relógio cai no fundo do mar e bate com uma selvageria de quebrar as ondas (as velas dos navios estouram como espoletas).

À tarde, enquanto brincam de empinar pipa, as mãos das crianças seguram um fio de saliva pelo qual o soldado não lhes manda nada — nem texugos, nem figos secos.

II
Num gramofone de água as notas chovem ao som de trombetas de farinha dos querubins da farinha enquanto o meu elefante emaranhou a tromba numa espiral sem fim sem ponto e sem vírgula a janela se soltou da parede e ganhou o mundo boa viagem pois eis que desenho outra janela.

**QUANDO**

Tuas mãos no piano como dois cavalos
Com casco de mármore
Tuas mãos nas vértebras como dois cavalos
Com casco de rosas
Tuas mãos no azul do céu como dois pássaros
Com asas de seda
Tuas mãos na minha cabeça
Como duas pedras no mesmo túmulo.

## PASSEIO MARINHO

*Para I. Ludo*

O sangue do mar circula vermelho pelos corais
O coração profundo da água reverbera no meu ouvido
Estou no fundo do céu de ondas
No porão de águas oceânicas
À luz mortiça do fúnebre vidro
Peixinhos percorrem como brinquedos de platina
Meus cabelos que tremulam
Peixes grandes como matilhas de cães
Sorvem logo as águas. Estou sozinho
Levanto a mão e constato o seu peso líquido
Penso numa engrenagem, numa palmeira
Em vão tento assobiar
Pareço atravessar uma espessa melancolia
E parece que foi sempre assim
Metade bonito e metade triste

## [POR UM INSTANTE]

por um instante. por um único instante a existência do mundo cessa e se desenrola na direção do passado como um filme cinematográfico projetado do fim para o começo. a fumaça retorna às chaminés. a altura cai. os passos me levam para trás. olhares já lançados viram-se como dedos de uma luva torcidos no avesso. a polpa da fruta se simplifica se achata se petaliza. a fruta volta a ser flor. meu coração despenca na noite do feto e se transforma em sexo.

# Preso na Fortaleza de Bursa

Nâzım Hikmet

**O texto:** Os poemas aqui selecionados se encontram no 4º, dos oito volumosos tomos que compõem a obra poética completa de Nâzım Hikmet.

**Texto traduzido:** Hikmet, Nâzım. *Yatar Bursa Kalesında*. Şiirler: 4. İstambul: YKY, 2002.

**O autor:** Um dos mais conhecidos e traduzidos poetas turcos de todos os tempos, Nâzım Hikmet Ran (Thessalônica 1902 – Moscou 1963) foi o líder da vanguarda que abandonou o metro pelo verso livre nas letras turcas. Preso político, exilado, desnaturalizado, perseguido por décadas pelo estado turco, só em 2009 teve a nacionalidade restaurada.

**O tradutor:** Leonardo da Fonseca é graduando do curso de Letras Português/Espanhol, pela UniverCidade, do Rio de Janeiro. É músico, ator e tradutor de turco e espanhol.

# YATAR BURSA KALESİNDE

*"İman tahtamın üstündeki baskıya rağmen*
*kalbim en uzak yıldızla birlikte çarpıyor."*

NÂZIM HİKMET

**DON KİŞOT**

Ölümsüz gençliğin şövalyesi
ellisinde uydu yüreğinde çarpan aklına,
bir Temmuz sabahı fethine çıktı
güzelin, doğrunun ve haklının:
önünde, şirret, aptal devleriyle dünya,
altında mahzun, fakat kahraman Rosinant'ı.

Bilirim,
hele bir düşmeyegör hasretin hâlisine,
hele bir de tam okka dört yüz dirhemse yürek,
yolu yok, Don Kişot'um benim, yolu yok,
yel değirmenleriyle dövüşülecek.

Haklısın,
elbette senin Dülsinya'ndır en güzel kadını yeryüzünün,
sen, elbette bezirgânların suratına haykıracaksın bunu,
alaşağı edecekler seni
bir temiz pataklayacaklar.
Fakat, sen, yenilmez şövalyesi susuzluğumuzun,

sen, bir alev gibi yanmakta devâmedeceksin
ağır, demir kabuğunun içinde
ve Dülsinya bir kat daha güzelleşecek...

## BİR HAZİN HÜRRİYET

Satarsın gözlerinin dikkatini, ellerinin nurunu,
bir lokma bile tatmadan yoğurursun
bütün nimetlerin hamurunu.
Büyük hürriyetinle çalışırsın el kapısında,
ananı ağlatanı Karun etmek hürriyetiyle,
hürsün!

Sen doğar doğmaz dikilirler tepene,
işler ömrün boyunca durup dinlenmeden yalan
değirmenleri,
büyük hürriyetinle parmağın şakağında düşünürsün
vicdan hürriyetiyle,
hürsün!

Başın ensenden kesik gibi düşük,
kolların iki yanda upuzun,
büyük hürriyetinle dolaşıp durursun,
işsiz kalmak hürriyetiyle,
hürsün!
En yakın insanınmış gibi verirsin memleketini,
günün birinde, meselâ, Amerika'ya ciro ederler onu
seni de büyük hürriyetinle beraber,
hava üssü olmak hürriyetiyle,
hürsün!

Yapışır yakana kopası elleri Valstrit'in,
günün birinde, diyelim ki, Kore'ye gönderilebilirsin,
büyük hürriyetinle bir çukuru doldurulabilirsin,
meçhul asker olmak hürriyetiyle,
hürsün!

Bir âlet, bir sayı, bir vesile gibi değil
insan gibi yaşamalıyız dersin,
büyük hürriyetinle basarlar kelepçeyi,
yakalanmak, hapse girmek, hattâ asılmak hürriyetinle,
hürsün!

Ne demir, ne tahta, ne tül perde var hayatında,
hürriyeti seçmene lüzum yok
hürsün.
Bu hürriyet hazin şey yıldızların altında.

## DÜNYANIN EN TUHAF MAHLUKU

Akrep gibisin kardeşim,
korkak bir karanlık içindesin akrep gibi.
Serçe gibisin kardeşim,
serçenin telaşı içindesin.
Midye gibisin kardeşim,
midye gibi kapalı rahat.
Ve sönmüş bir yanardağ ağzı gibi korkunçsun, kardeşim.
Bir değil,
            beş değil,
                        yüz milyonlarlasın maalesef.
Koyun gibisin kardeşim,
gocuklu celep kaldırınca sopasını
sürüye katılıverirsin hemen
ve âdeta mağrur, koşarsın salhaneye.
Dünyanın en tuhaf mahlukusun yani,
hani şu derya içre olup
                        deryayı bilmiyen balıktan da tuhaf.
Ve bu dünyada, bu zulüm
                                    senin sayende.
Ve açsak, yorgunsak, alkan içindeysek eğer
ve hâlâ şarabımızı vermek için üzüm gibi eziliyorsak
                        kabahat senin,
                                    — demeğe de dilim varmıyor ama –
                        kabahatin çoğu senin, canım kardeşim!

## ANGİNA PEKTORİS

Yarısı burdaysa kalbimin
yarısı Çin'dedir, doktor.
Sarınehre doğru akan
ordunun içindedir.

Sonra, her şafak vakti, doktor,
her şafak vakti kalbim
Yunanistan'da kurşuna diziliyor.

Sonra, bizim burda mahkûmlar uykuya varıp
revirden el ayak çekilince
kalbim Çamlıca'da bir harap konaktadır
her gece,
doktor.

Sonra, şu on yıldan bu yana
benim, fakir milletime ikram edebildiğim
bir tek elmam var elimde, doktor,
bir kırmızı elma:
kalbim...

Ne arteryo skleroz, ne nikotin, ne hapis,
işte bu yüzden, doktorcuğum, bu yüzden
bende bu angina pektoris...

Bakıyorum geceye demirlerden
ve iman tahtamın üstündeki baskıya rağmen
kalbim en uzak yıldızla birlikte çarpıyor...

## YAŞAMAYA DAİR

1

Yaşamak şakaya gelmez,
büyük bir ciddiyetle yaşayacaksin
bir sincap gibi meselâ,
yani, yaşamanın dışında ve ötesinde hiçbir şey beklemeden,
yani bütün işin güçün yaşamak olacak.

Yaşamayı ciddiye alacaksın,
Yani, o derecede, öylesine ki,
meselâ, kolların bağlı arkadan, sırtın duvarda,
yahut, kocaman gözlüklerin,
beyaz gömleğinle bir laboratuvarda
insanlar için ölebileceksin,
hem de yüzünü bile görmediğin insanlar için,
hem de hiç kimse seni buna zorlamamışken,
hem de en güzel, en gerçek şeyin
yaşamak olduğunu bildiğin halde.

Yani, öylesine ciddiye alacaksın ki yaşamayı,
yetmişinde bile, meselâ, zeytin dikeceksin,
hem de öyle çocuklara falan kalır diye değil,
ölmekten korktuğun halde ölüme inanmadığın için,
yaşamak, yanı ağır bastığından.

2

Diyelim ki, ağır ameliyatlık hastayız,
yani, beyaz masadan,
bir daha kalkmamak ihtimali de var.
Duymamak mümkün değilse de biraz erken gitmenin kederini
biz yine de güleceğiz anlatılan Bektaşi fıkrasına,
hava yağmurlu mu, diye bakacağız pencereden,
yahut da yine sabırsızlıkla bekleyeceğiz
en son ajans haberlerini.

Diyelim ki, dövüşülmeye değer bir şeyler için,
diyelim ki, cephedeyiz.
Daha orda ilk hücumda, daha o gün
yüzükoyun kapaklanıp ölmek de mümkün.
Tuhaf bir hınçla bileceğiz bunu,
fakat yine de çıldırasıya merak edeceğiz
belki yıllarca sürecek olan savaşın sonunu.

Diyelim ki hapisteyiz,
yaşımız da elliye yakın,
daha da on sekiz sene olsun açılmasına demir kapının.
Yine de dışarıyla beraber yaşayacağız,
insanları, hayvanları, kavgası ve rüzgârıyla
yani, duvarın arkasındaki dışarıyla.

Yani, nasıl ve nerede olursak olalım
hiç ölünmeyecekmiş gibi yaşanacak...

3

Bu dünya soğuyacak,
yıldızların arasında bir yıldız,
hem de en ufacıklarından,
mavi kadifede bir yıldız zerresi yani,
yani, bu koskocaman dünyamız.

Bu dünya soğuyacak günün birinde,
hattâ bir buz yığını
yahut ölü bir bulut gibi de değil,
boş bir ceviz gibi yuvarlanacak
zifiri karanlıkta uçsuz bucaksız.

Şimdiden çekilecek acısı bunun,
duyulacak mahzunluğu şimdiden.
Böylesine sevilecek bu dünya
"Yaşadım" diyebilmen için...

# Preso na Fortaleza de Bursa

*"Apesar da pressão sobre meu peito*
*meu coração bate com as estrelas mais distantes."*

NÂZIM HİKMET

## DOM QUIXOTE

Cavaleiro da juventude imortal.
                                        aos cinquenta tropeçou sua mente em seu coração,
em uma manhã de Julho saiu à conquista
                                        do bom, do verdadeiro e do justo:
na frente os gigantes estúpidos com seu mundo arrogante,
                                        sob seu Rocinante triste e heróico.

Eu sei,
cair em puro desejo,
se o coração pesa quatrocentos dirrãs,
de maneira nenhuma, meu Dom Quixote, de jeito nenhum,
estará lutando com seus moinhos de vento.

Você está certo,
é claro que sua Dulcineia é a mulher mais bonita do mundo,
é claro que você o grita na cara dos mascates,
e eles vão te derrubar,
eles vão te bater.
Mas você é o cavaleiro da nossa sede, é invencível,

você, é como uma chama você vai continuar queimando
ferro, pesado dentro da sua couraça
e Dulcineia será mais uma vez mais bela...

## UMA TRISTE LIBERDADE

Você vende a atenção dos seus olhos, a luz das suas mãos,
mesmo sem saborear uma mordida
você amassa bênçãos para toda a massa.
Você trabalha com maior liberdade em mãos,
você é alguém que faz do choro da mãe o tesouro de Karun,
você é livre!

Você está desde o nascimento em pé, em cima das montanhas,
trabalham eternamente sem descanso mentiras
os moinhos,
você pensa em uma maior liberdade, o dedo na têmpora
a liberdade de consciência,
você é livre!

A cabeça caída, como que cortada pela nuca,
os braços longos, muito esticados,
você anda e para com maior liberdade
liberdade de estar desempregado,
você é livre!
É como você amar seu país como às pessoas mais próximas,
algum dia, por exemplo, endossam-no à América,
e você também, com sua grande liberdade,
a liberdade de se tornar uma base aérea,
você é livre!

Adepto ao consumo até queimar as mãos, em Wall Street,
um dia, digamos que, você pode ser enviado para a Coreia,
com maior liberdade você pode encher uma trincheira,
com a liberdade de se tornar um soldado desconhecido,
você é livre!

Não como uma ferramenta, um número, uma oportunidade,
você diz que precisamos viver como seres humanos,
com maior liberdade de ser algemado,
capturado, aprisionado, com a liberdade de ser até mesmo enforcado,
você é livre.

Na vida não há cortinas, nem de aço, ou de madeira, nem de tule,
não é necessário escolher a liberdade,
você é livre.
Essa liberdade é uma coisa triste sob as estrelas.

**A CRIATURA MAIS ESTRANHA DO MUNDO**

Tu és como um escorpião meu irmão,
tu vives covardemente na escuridão como um escorpião.
Tu és como um pardal meu irmão,
tu vives no temor do pardal.
Tu és como um mexilhão meu irmão,
fechado como um mexilhão calmo.
E tu és terrível como a boca de um vulcão inativo, meu irmão.
Não és um,
            nem cinco,
                        infelizmente tu estás com cem milhões.
Tu és como um cordeiro meu irmão,
quando o pastor com o manto de lã levanta o seu cajado
tu corres no rebanho imediatamente
e quase orgulhoso corres para o matadouro.
Isto é, tu és a criatura mais estranha do mundo,
mais do que o peixe que vive
                        na água sem conhecer o oceano
E neste mundo, esta opressão
                                    é tua proteção.
E se famintos, cansados, cobertos de sangue escarlate
e se ainda por dar o nosso vinho somos esmagados como uvas,
            a culpa é tua,
                        — eu não tenho alento para dizer também, mas —
            tens muita culpa, meu querido irmão!

**ANGINA PECTORIS**

Se metade do meu coração está aqui,
a outra metade está na China, doutor.
Com o exército
fluindo em direção ao Rio Amarelo.

Depois, em cada amanhecer, doutor,
em cada amanhecer meu coração
é fuzilado na Grécia.

Depois, ao chegarmos aqui, os detentos a dormir
na calada da noite na enfermaria,
meu coração está em uma mansão em ruínas em Çamlica
todas as noites,
doutor.

Depois, e isso são dez anos
para oferecer ao meu povo
eu tenho uma única maçã em minhas mãos, doutor,
uma maçã vermelha:
meu coração...
Não a arteriosclerose, nem a nicotina, nem a prisão,
é por isso, meu caro doutor, é por isso
que tenho essa angina pectoris...

Eu olho para a noite pelas grades,
e apesar da pressão sobre meu peito
meu coração bate com as estrelas mais distantes...

## SOBRE A VIDA

1

Viver não é brincadeira,
viverás com uma grande seriedade,
                    como um esquilo por exemplo,
digo, sem esperar nada além e acima da vida.
                    digo, viver será todo teu trabalho.

Deves levar a vida a sério,
Tão profundamente, de tal modo que
por exemplo, com os braços amarrados atrás das costas na parede,
ou, com grandes óculos,
                    em um laboratório com uma camisa branca
                              possas morrer pelas pessoas,
                    mesmo por pessoas que nunca viste,
                    mesmo sem ser forçado por ninguém,
                    mesmo sabendo que viver
                              é o mais belo, o mais real.

É dizer, deves levar a vida tão a sério,
que aos setenta anos, por exemplo, plantarás oliveiras,
          mesmo que não sejam para as crianças,
          ou porque embora temendo não acredites na morte,
                              mas porque viver pesará bem mais.

2

Digamos que, estamos muito doentes, necessitamos cirurgia,
que, há a probabilidade
          de não tornar a levantar da mesa branca.
Embora seja impossível não sentir tristeza por ir um pouco mais cedo
ainda riremos ao nos contarem uma anedota de Bektashi,
olharemos pela janela para ver se o tempo está chuvoso,
ou esperaremos impacientes
                    as últimas notícias da imprensa.

Digamos que vale lutar por alguma coisa
digamos que, estamos no fronte.
Lá, no primeiro ataque, naquele dia
é possível cair de cara ao chão e morrer.
Saberemos disso com um estranho rancor,
ainda assim nos preocuparemos loucamente
com o fim da guerra que seguirá por muitos anos.

Digamos que, estamos na prisão,
próximos aos cinquenta anos,
faltam mais dezoito para que se abra o portão de ferro.
Ainda assim seguiremos vivendo com os de fora,
as pessoas, os animais, a luta, e o vento
é dizer, com os de fora, de trás dos muros.

É dizer, como e onde quer que estivermos
viveremos como se nunca houvéssemos de morrer...

3

Este mundo irá esfriar,
uma estrela entre as estrelas,
e uma das mais pequenas,
é assim uma poeira brilhante em veludo azul,
é assim, nosso mundo enorme.

Algum dia este mundo irá esfriar,
não como uma montanha de gelo,
ou como uma nuvem morta,
como uma noz vazia girará,
na total escuridão interminável.

Desde já se sofrerá por isso,
sua tristeza se sentirá desde já.
Assim se amará este mundo,
se ousares dizer ''eu vivi''...

# Drama

# O Fantasma de Abel

## William Blake

**O texto:** *The Ghost of Abel* é descrito por Essick & Viscomi como "um drama em prosa altamente poético". Elementos gráficos levam a crer, porém, que se trata mais precisamente de uma peça versificada, com metro irregular. De modo que o original pode ser lido como texto versificado. O texto é endereçado a Lord Byron, não deixando dúvida de ter sido escrito como resposta a *Cain: A Mystery*, drama publicado em dezembro de 1821. Isso é um indicativo de que Blake se interessava pela produção de seus contemporâneos e não era um poeta isolado na tradição, como muitas vezes se acredita. Um dos motivos desta tradução é chamar atenção para esse fato. As cópias existentes de *The Ghost of Abel* (cinco no total) foram gravadas e impressas em 1822. A reprodução das páginas ilustradas da cópia A deste drama curto é cortesia da Rosenwald Collection, Library of Congress.

**Texto traduzido:** Blake, William. *Blake's Illuminated Books*, Vol. 5 - Milton a Poem and the Final Illuminated Works. (General Editor: David Bindman.) Edited with Introductions and Notes by Robert N. Essick and Joseph Viscomi. Princeton: Princeton University Press/The William Blake Trust, 1993.

**Agradecimentos:** a Mark Crosby, pelos esclarecimentos acerca do texto original.

**O autor:** William Blake (Londres, 1757-1827) foi poeta, pintor e gravurista. A principal parte de sua obra poética é formada por livros proféticos que combinam texto e ilustração segundo uma técnica rara de gravura desenvolvida pelo autor. Entre os trabalhos que realizou sob o ofício de gravurista estão ilustrações para a *Divina Comédia* de Dante e para o *Paraíso Perdido* de Milton.

**A tradutora:** Juliana Steil é doutoranda na Universidade Federal de Santa Catarina, onde desenvolve pesquisa sobre a tradução da poesia de William Blake.

# The Ghost of Abel

*"We shall also Die a Death*
*And then! what then!"*

WILLIAM BLAKE

# THE GHOST of ABEL

## A Revelation In the Visions of Jehovah

### Seen by William Blake

To LORD BYRON in the Wilderness

What doest thou here Elijah?

Can a Poet doubt the Visions of Jehovah? Nature has no Outline: but Imagination has. Nature has no Tune: but Imagination has! Nature has no Supernatural & dissolves: Imagination is Eternity

Scene. A rocky Country. Eve fainted over the dead body of Abel which lays near a Grave. Adam kneels by her. Jehovah stands above

Jehovah — Adam!

Adam — I will not hear thee more thou Spiritual Voice
Is this Death?

Jehovah — Adam!

Adam — It is in vain: I will not hear thee
Henceforth! Is this thy Promise that the Womans Seed
Should bruise the Serpents head: Is this the Serpent? Ah!
Seven times O Eve thou hast fainted over the Dead Ah! Ah!

Eve revives

Eve — Is this the Promise of Jehovah! O it is all a vain delusion
This Death & this Life & this Jehovah!

Jehovah — Woman: lift thine eyes

A Voice is heard coming on

Voice — O Earth cover not thou my Blood! cover not thou my Blood

Enter the Ghost of Abel

Eve — Thou Visionary Phantasm thou art not the real Abel.

Abel — Among the Elohim a Human Victim I wander I am their House
Prince of the Air & our dimensions compass Zenith & Nadir
Vain is thy Covenant O Jehovah I am the Accuser & Avenger
Of Blood O Earth Cover not thou the Blood of Abel

Jehovah — What Vengeance dost thou require

Abel — Life for Life! Life for Life!

Jehovah — He who shall take Cains life must also Die O Abel
And who is he? Adam wilt thou, or Eve thou do this

Adam — It is all a Vain delusion of the all creative Imagination
Eve come away & let us not believe these vain delusions
Abel is dead & Cain slew him! We shall also Die a Death
And then! what then? be as poor Abel a Thought: or as
This! O what shall I call thee Form Divine! Father of Mercies
That appearest to my Spiritual Vision: Eve seest thou also.

Eve — I see him plainly with my Minds Eye. I see also Abel living:
Tho terribly afflicted as We also are. yet Jehovah sees him

Alive & not Dead: were it not better to believe Vision
With all our might & strength tho we are fallen & lost

Adam — Eve thou hast spoken truly. let us kneel before his feet.

They Kneel before Jehovah

Abel: Are these the Sacrifices of Eternity O Jehovah. a Broken Spirit
And a Contrite Heart. O I cannot Forgive! the Accuser hath
Enterd into Me as into his House & I loathe thy Tabernacles
As thou hast said so is it come to pass: My desire is unto Cain
And He doth rule over Me: therefore My Soul in fumes of Blood
Cries for Vengeance: Sacrifice on Sacrifice Blood on Blood

Jehovah Lo I have given you a Lamb for an Atonement instead
Of the Transgresor. or no Flesh or Spirit could ever Live

Abel — Compelled I cry O Earth cover not the Blood of Abel

Abel sinks down into the Grave. from which arises Satan
Armed in glittering scales with a Crown & a Spear

Satan I will have Human Blood & not the blood of Bulls or Goats
And no Atonement O Jehovah the Elohim live on Sacrifice
Of Men: hence I am God of Men: Thou Human O Jehovah.
By the Rock & Oak of the Druid creeping Misletoe & Thorn
Cains City built with Human Blood. not Blood of Bulls & Goats
Thou shalt Thyself be Sacrificed to Me thy God on Calvary

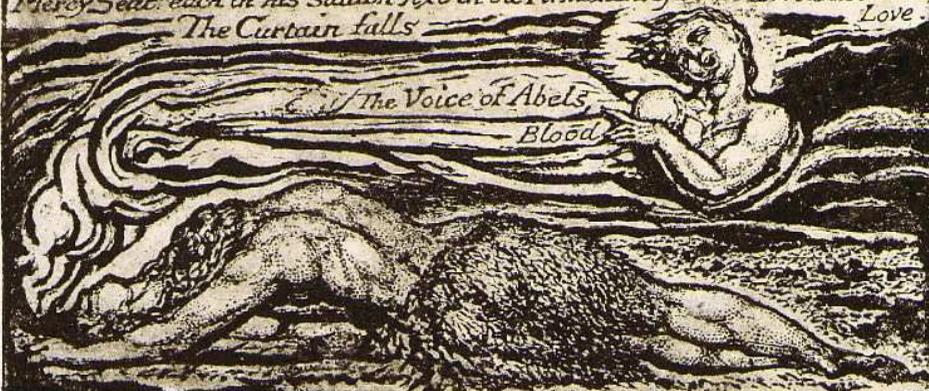
Jehovah Such is My Will: — Thunders
that Thou Thyself go to Eternal Death
In Self Annihilation even till Satan Self-subdud Put off Satan
Into the Bottomless Abyss whose torment arises for ever & ever.

On each side a Chorus of Angels entering Sing the following

The Elohim of the Heathen Swore Vengeance for Sin! Then Thou stoodst
Forth O Elohim Jehovah! in the midst of the darkness of the Oath! All Clothed
In Thy Covenant of the Forgiveness of Sins: Death O Holy! Is this Brotherhood
The Elohim saw their Oath Eternal Fire; they rolled apart trembling over The
Mercy Seat: each in his station fixt in the Firmament by Peace Brotherhood and Love.

The Curtain falls

The Voice of Abels Blood

1822 W Blakes Original Stereotype was 1788

# O Fantasma de Abel

*"Nós também Morreremos a Morte*
*E depois? O que será de nós?"*

WILLIAM BLAKE

Revelação nas Visões de Jeová
Observada por William Blake

A LORD BYRON no Deserto

Que fazes aqui, Elias?
Duvidaria, um poeta, das Visões de Jeová? A Natureza não tem Contornos:
mas a Imaginação tem. A Natureza não tem Melodia: mas a Imaginação tem!
A Natureza não tem Sobrenatural & dissolve: Imaginação é Eternidade.

Um Cenário rochoso. Eva desmaiada por sobre o corpo de Abel
que jaz junto a uma Sepultura. Adão ajoelha-se ao lado dela
Jeová assiste do alto

Jeová – Adão!
Adão – Não mais te ouvirei, Voz Espiritual
Será isto a Morte?
Jeová – Adão!
Adão – É em vão: Não te ouvirei
De agora em diante! Era essa a tua Promessa de que a Semente da Mulher
Pisaria a cabeça da Serpente? Era esta a Serpente? Ah!
Sete vezes Ó Eva, tu desmaiaste por sobre o Morto Ah! Ah!
Eva acorda
Eva – Era esta a Promessa de Jeová? Ai, tudo não passa de vã ilusão

A Morte & a Vida & este Jeová!
Jeová – Ergue teus olhos, Mulher!
Ouve-se uma Voz chegando
Voz – Ó Terra não cubras meu Sangue! Não cubras meu Sangue
Entra o Fantasma de Abel
Eva – Tu Aparição Visionária tu não és o verdadeiro Abel!
Abel – Vítima Humana errante em meio aos Elohim Deles sou morada
Príncipe do Ar & nossas dimensões compasso Zênite & Nadir
Vã é a tua Aliança Ó Jeová Eu sou o Acusador & Vingador
Do Sangue! Ó Terra Não cubras o Sangue de Abel
Jeová – Que tipo de Vingança reclamas?
Abel – Vida por Vida! Vida por Vida!
Jeová – Aquele que tirar a vida de Caim também deve Morrer Ó Abel
E quem seria? Adão serias tu? Tu o farias Eva?
Adão – Tudo não passa de Vã ilusão da Imaginação criativa!
Vamos Eva & não nos deixemos enganar por estas vãs ilusões
Abel está morto & Caim o matou! Nós também Morreremos a Morte
E depois? O que será de nós? Ser como o pobre Abel um Pensamento: ou
Isto! Oh! De que chamar-te Divina Forma? Pai de Misericórdia
Que apareces à minha Visão Espiritual: Eva também vês?
Eva – Vejo-o claramente com os olhos da minha Mente, e vejo Abel vivo:
Tão terrivelmente aflito quanto Nós. e Jeová o vê

Vivo & não Morto! Não será melhor crermos em Visões
Com toda a nossa energia & força mesmo que estejamos caídos & perdidos?
Adão – Eva tu estás certa. deixemo-nos ajoelhar a seus pés.
Ajoelham diante de Jeová
Abel – São estes os Sacrifícios da Eternidade Ó Jeová, um Espírito Partido
E um Coração Arrependido? Ah não posso Perdoar! O Acusador fez
De Mim a sua Morada & eu abomino os teus Tabernáculos
Assim disseste e assim será; Meu desejo é para com Caim
E Ele governa sobre Mim: Por isso Minha Alma em fumos de Sangue
Clama por Vingança: Sacrifício por Sacrifício Sangue por Sangue!
Jeová – Eis que lhes dei um Cordeiro para Reparação do Transgressor.
Do contrário Carne ou Espírito algum poderia Viver
Abel – Forçado eu clamo: Ó Terra, não cubras o Sangue de Abel!

Abel desce à Sepultura. da qual surge Satanás
Munido de escamas reluzentes com uma Coroa & uma Lança

Satanás – Quero sangue Humano & não o sangue de Bois e Bodes
E não quero Reparação Ó Jeová os Elohim vivem do Sacrifício
De Homens; por isso eu sou o Deus dos Homens: Tu Humano Ó Jeová.
À base da Pedra & Carvalho Druidas rasteiro Visco & Espinho
Edificou-se a Cidade de Caim com Sangue Humano. não o Sangue de Bois & Bodes
Tu deves Sacrificar-te a Mim teu Deus no Calvário
Jeová – Este é o Meu Desejo: Trovões
que Tu Próprio vá para a Morte Eterna!
Em Auto-Aniquilação até o próprio Satanás Auto-vencido Lançar Satanás
No Abismo Infinito cujo tormento durará para sempre & além.

De cada lado um Coro de Anjos entra Cantando o seguinte

Os Elohim dos Idólatras Juraram Vingança pelo Pecado! E Tu Prevaleceste
Ó Elohim Jeová! em meio às trevas do Juramento! Todo Trajado
Em Tua Aliança do Perdão dos Pecados: Morte Ó Santíssima! Será isto Irmandade?
Os Elohim viram o seu Juramento em Fogo Eterno; e rolaram tremendo por sobre o
Trono da Misericórdia: cada qual em seu posto fixados no Firmamento pela Paz, Irmandade e
Amor.

Cai a Cortina.

A Voz do
Sangue de Abel

1822 O Estereótipo Original de W Blake é de 1788

# Prosa
## Poética

## GASPARD DE LA NUIT
### ALOYSIUS BERTRAND

**O TEXTO:** Publicado originalmente em 1842, *Gaspard de la nuit:* fantasias à maneira de Rembrandt e de Callot, é o único livro do autor. Trata-se de um conjunto de pequenas histórias, algumas ligeiramente interligadas, onde as sensações e imagens criadas parecem ser o principal fim, embora os enredos obedeçam, de forma bastante precoce dada a data da obra, a uma leveza, laconismo e suspensão muito próprios à prosa moderna. Por outro lado, a obra faz parte de uma tradição poética: Baudelaire e Mallarmé definiram e a crítica ratificou *Gaspard de la nuit* como o texto onde nasce o poema em prosa na literatura francesa. Embora não tão radical em seu satanismo como *Maldoror*, nem tão inovador formalmente como *Un coup de dés*, o livro é, no entanto, a mostra da originalidade que o Romantismo permitiu e legou ao Simbolismo e Modernismo *fin-de-siècle*.

**Texto traduzido:** Bertrand, Aloysius. *Gaspard de la Nuit:* fantaisies à la manière de Rembrandt et de Callot. Paris: Gallimard, 2009.

**O AUTOR:** Dramaturgo e jornalista francês, 1807-1841, trabalhou duramente já na juventude para sustentar a família. Deixou, ao lado de alguns de seus poemas, ideias estéticas e a defesa da vanguarda do Romantismo francês registradas em vários jornais e revistas da época. Em Paris, encorajado por Victor Hugo, frequenta o meio intelectual e conhece Sainte-Beuve. Muito tímido e envergonhado por sua pobreza, não consegue sentir-se bem em meio à elite parisiense. Continua escrevendo para jornais e revistas e começa a criar peças para o vaudeville, mas sua saúde definha. Manipulado por alguns editores procrastinadores, morre miseravelmente antes de ver sua obra publicada.

**A TRADUTORA:** Sandra M. Stroparo é professora de Teoria Literária e Literatura Brasileira na Universidade Federal do Paraná. Além de textos em revistas publicou as traduções de *Axël* (de Villiers de l'Isle-Adam, Editora da UFPR), e *Viagem em volta do meu quarto* (de Xavier de Maistre, Editora Hedra).

# Gaspard de la nuit:

fantaisies à la manière de Rembrandt et de Callot

*"Oh! la terre, est un calice embaumé dont le pistil et les étamines sont la lune et les étoiles."*

ALOYSIUS BERTRAND

## LES GUEUX DE NUIT

*J'endure*
*froidure*
*bien dure.*
La Chanson du Pauvre Diable.

— Ohé! rangez-vous, qu'on se chauffe! — Il ne te manque plus que d'enfourcher le foyer! Ce drôle a les janbes comme des pincettes.

— Une heure! — Il bise dru! — Savez-vous, mes chats-huants, ce qui fait la lune si claire? — Non! — Les cornes de cocu qu'on y brûle.

— La rouge braise à griller de la charbonnée! — Comme la flamme danse bleue sur les tisons! Ohé! quel est le ribaud que a battu sa ribaude?

— J'ai le nez gelé! — J'ai les grêves rôties! — Ne vois-tu rien dans le feu, Choupille? — Oui! une hallebarde. — Et toi, Jeanpoil? — Un oeil.

— Place, place à monsieur de la Chousserie! — Vous êtes là, monsieur le procureur, chaudement fourré et ganté pour l'hiver! — Oui-dà! les matous n'ont pas d'engelures!

— Ah! voici messieurs du guet! — Vos bottes fument. — Et les tirelaines? — Nous en avons tué deux d'une arquebusade, les autres se sont échappés à travers la rivière.

Et c'est ainsi que s'acoquinaient à un feu de brandons, avec des gueux de nuit, un procureur au parlement qui courait le guilledou, et les gascons du guet qui racontaient sans rire les exploits de leurs arquebuses détraquées.

## LA CHAMBRE GOTHIQUE

*Nox et solitudo plenae sunt diabolo.*
Les Pères de l'Église.
*La nuit, ma chambre est pleine de diables.*

— Oh! la terre, — murmurai-je à la nuit, — est un calice embaumé dont le pistil et les étamines sont la lune et les étoiles!

Et les yeux lourds de sommeil, je fermai la fenêtre qu'incrusta la croix du calvaire, noire dans la jaune auréole des vitraux.

Encore, — si ce n'était à minuit, — l'heure blasonnée de dragons et de diables! — que le gnome qui se saûle de l'huile de ma lampe!

Si ce n'était que la nourrice qui berce avec un chant monotone, dans la cuirasse de mon père, un petit enfant mort-né!

Si ce n'était que le squelette du lansquenet emprisonné dans la boiserie, et heurtant du front, du coude et du genou!

Si ce n'était que mon aïeul qui descend en pied de son cadre vermoulu, et trempe son gantelet dans l'eau bénite du bénitier!

Mais c'est Scarbo qui me mord au cou, et qui, pour cauteriser ma blessure sanglante, y plonge son doigt de fer rougi à la fournaise!

## SCARBO

*Mon Dieu, accordez-moi, à l'heure de ma mort,*
*les prières d'un prêtre, un lunceul de toile,*
*une bière de sapin et un lieu sec.*
Les Patenôtres de M. le Maréchal.

— Que tu meures absous ou damné, — marmottait Scarbo cette nuit à mon oreille, — tu auras pous linceul une toile d'araignée, et j'ensevelirai l'araignée avec toi!

— Oh! que du moins j'aie pour linceul, lui répondais-je , les yeux rouges d'avoir tant pleuré, — une feuille du tremble dans laquelle me bercera l'haleine du lac.

— Non! — ricanait le nain railleur, — tu serais la pâture de l'escarbot qui chasse, le soir, aux moucherons aveuglés par le soleil couchant!

— Aimes-tu donc mieux, — lui répliquais-je larmoyant toujours, — aimes-tu donc mieux que je soi sucé d'une tarentule à la trompe d'élephant?

— Eh bien, — ajouta-t-il, — console-toi, tu auras pour linceul les bandelettes tachetées d'or d'une peau de serpent, dont je t'emmailloterai comme une momie.

Et de la crypte ténébreuse de Saint-Bénigne, où je te coucherai debout contre la muraille, tu entendras à loisir les petits enfants pleurer dans les limbes.

# GASPARD DE LA NUIT:

FANTASIAS À MANEIRA DE REMBRANDT E DE CALLOT

*"Oh, a terra, é um cálice embalsamado cujo pistilo*
*e estames são a lua e as estrelas."*

ALOYSIUS BERTRAND

## OS MENDIGOS DA NOITE

*Aguento*
*tempo*
*bem friento.*
A canção do pobre diabo.

— Eehh! arrumem-se, para que a gente se esquente!

— Só te falta montar no fogo! Esse danado tem pernas parecidas com tenazes.

— Uma hora!

— Esfria duro!

— Vocês sabem, minhas corujas, o que faz a lua tão clara?

— Não!

— Os chifres dos cornos que queimam por lá.

— A brasa vermelha queimando no carvão!

— Como a chama dança azul sobre os tições!

— Eehh! qual é o vagabundo que expulsou sua vagabunda?

— Estou com o nariz gelado!

— Estou com as coisas assadas!

— Choupille, vês alguma coisa no fogo?

— Vejo! uma alabarda!

— E tu, Jeanpoil?

— Um olho.
— Lugar! Lugar para o senhor da Chousserie!
— Aí está o senhor, procurador, aquecido forrado e enluvado para o inverno!
— É sim! os gatos com casa não congelam!
— Ah! aí estão os senhores vigias!
— Suas botas fumaçam.
— E os ladrões de cobertas?
— Matamos dois com uma arcabuzada, os outros escaparam pelo rio.

E é assim que acocoravam em um fogo de tições, com os mendigos da noite, um procurador do parlamento que buscava aventuras, e os vigias fanfarrões que contavam sem rir os feitos de seus arcabuzes desmantelados.

## O QUARTO GÓTICO

*Nox et solitudo plenae sunt diabolo.*
Os Pais da Igreja.
*À noite, meu quarto fica cheio de diabos.*

— Oh, a terra, murmurava à meia-noite, é um cálice embalsamado cujo pistilo e estames são a lua e as estrelas!

E os olhos pesados de sono, eu fechava a janela que incrustava a cruz do calvário, negra na auréola amarela dos vitrais.

*

Ainda, — se não fosse à meia-noite, — a hora brasonada de dragões e diabos! — que o gnomo que se embebeda com o óleo da minha lâmpada!

Se fosse apenas a ama de leite que embala com um canto monótono, na couraça de meu pai, uma pequena criança natimorta!

Se fosse apenas o esqueleto do lansquenê aprisionado na marcenaria, e ferindo com a fronte, o cotovelo e o joelho!

Se fosse somente meu antepassado que desce de pé de sua moldura comida pelos cupins, e mergulha seu guante na água benta do acéter!

Mas é Scarbo que me morde no pescoço e que, para cauterizar a ferida sangrante, ali mergulha seu dedo de ferro enrubescido na fornalha!

## SCARBO[1]

*Meu Deus, dai-me, na hora de minha morte,*
*as orações de um padre, uma mortalha de tecido,*
*um caixão de pinho e um lugar seco.*
Os Padres-nossos de M. le Maréchal.

— Que morras absolto ou danado, — sussurrava Scarbo esta noite em minha orelha, — terás como mortalha uma teia de aranha, e sepultarei a aranha contigo!

— Oh! que ao menos tenha como mortalha, eu respondia, os olhos vermelhos por tanto ter chorado, — uma folha do choupo na qual me embalará o hálito do lago.

— Não! — escarnecia o anão gozador, — serás a pastagem da mariposa que caça, à noite, as moscas cegadas pelo sol poente!

— Preferes então mais, — replicava sempre lacrimejando, — preferes então mais que eu seja sugado por uma tarântula com tromba de elefante?

— Pois bem, — ele acrescentou, — consola-te, terás por mortalha as faixas manchadas de ouro de uma pele de serpente, com que te embrulharei como uma múmia.

E da cripta tenebrosa de São Benigno, onde te estenderei de pé contra uma muralha, ouvirás à vontade as criancinhas chorarem nos limbos.

---

[1] Ao lado de dois outros textos do livro, "Ondine" e "Le Gibet", esse texto faz parte da obra *Gaspard de la nuit: Trois poèmes pour piano d'après Aloysius Bertrand*, de Maurice Ravel. (n.t.)

# O MENSAGEIRO

## JOSÉ ANTONIO RAMOS SUCRE

**O TEXTO:** Seleção de cinco poemas em prosa: "O mensageiro" pertence ao livro *La torre de timón* (1925). "Os elementos" ao livro *El cielo de esmalte* (1929). "O talismã", "O risco" e "A casta dos centauros" pertencem ao livro *Las formas del fuego* (1929).

**Texto traduzido:** Sucre, José A.R. *Obra Completa*. Caracas: Fundación Biblioteca Ayacucho, 1980.

**O AUTOR:** José Antonio Ramos Sucre (Venezuela, 1890-1930) é um dos nomes fundamentais da lírica hispano-americana, autor de uma obra singular por estar inteiramente composta por prosa poética, gênero do qual é um dos máximos cultores em toda a extensão do idioma.

**O TRADUTOR:** Floriano Martins (Brasil, 1957). Poeta, ensaísta, tradutor e editor. Dirige o Projeto Editorial Banda Hispânica, dentro do qual se encontra a revista Agulha Hispânica. Tradutor de Federico García Lorca, Guillermo Cabrera Infante, Carlos Pellicer, Pablo Antonio Cuadra, e reconhecido estudioso da tradição lírica hispano-americana.

# EL MENSAJERO

*"Yo cavilaba a orillas del lago estéril,*
*fascinado por el espanto de las aguas negras."*

JOSÉ A. RAMOS SUCRE

## EL MENSAJERO

La luna, arrebatada por las nubes impetuosas, dora apenas el vértice de los sauces trémulos, hundidos, con la tierra, en un mar de sombras.

Yo cavilaba a orillas del lago estéril, delante del palacio de mármol, fascinado por el espanto de las aguas negras.

Ella apareció bruscamente en el vestíbulo, alta y serena, despertando leve rumor.

Pero volvió, pausada, a su refugio, cerrando tras de sí la puerta de hierro, antes de volver en mi acuerdo y mientras esforzaba, para hablarle, mi palabra anulada.

Yo rodeo la mansión hermética, añadiendo mi voz al gemido inconsolable del viento; y espero, sobre el suelo abrupto, el arribo del bajel sin velas, bajo el gobierno del taumaturgo anciano, monarca de una isla triste, para ser absuelto del pesado mensaje.

## LOS ELEMENTOS

El pescador de la isla secana me refería los mitos de la gentilidad, conservados en la tradición humilde. Se parecía a la cigarra febril, imagen de la elocuencia en las fábulas de Homero, al decantarlos en una forma inaudita.

El pescador insistía en el caso de un joven sacrificado por Aquiles. Se había ausentado llorando para el reino de los difuntos y aspiraba a ver de nuevo el panorama del día. Las musas acudieron del monte a extinguir la hoguera de sus cenizas y provocaron el nacimiento de una fuente, espejo de la aurora, en el mismo suelo inflamado. Las aguas de la fuente satisficieron, años indefinidos, la sed de los caballos de las cuadrigas siderales.

El pescador pasó a describirme el retorno vengativo del fuego desde el abismo infernal y su efecto en las aguas de la fuente, convertidas en una humareda rápida.

Una brisa de origen celeste disolvía su barba incivil y unas aves antiguas, desde unas ruinas egregias, prestaban asentimiento a la conseja entusiasta.

## EL TALISMÁN

Vivía solo en el aposento guarnecido de una serie de espejos mágicos. Ensayaba, antes de la entrevista con algún enemigo, una sonrisa falsa.

Había exterminado las hijas de los pobres, raptándolas y perdiéndolas desdeñosamente. Alberto Durero lo descubrió una noche en solicitud de una incauta. El galán se había provisto de un farol de ronda para atisbar a mansalva y volvió a su vivienda después de un rodeo infructuoso y sobre un caballo macilento. El artista dibujó, el día siguiente, la imagen del caballero en el acto de regresar a su guarida. Lo convirtió en un espectro cabalgante y le sustituyó el farol de ronda por el reloj de arena.

El caballero habita una casa desprevenida de guardianes, sumida en la sombra desde la puesta del sol. No se cuenta de ningún asalto concertado por sus malquerientes.

Se abandona sin zozobra al sueño inerme. Fía su seguridad al efluvio de una redoma fosforescente, en donde guarda una criatura humana, el prodigio mayor del laboratorio de Fausto.

## EL RIESGO

Las orquídeas se criaban en medio de la fiebre, encima de unos árboles revestidos de parásitos y roídos de hormigas. El sol multiplicaba los recursos del suelo húmedo y alentaba una vegetación ilesa, escondite de animales pérfidos. Yo distinguía entre la oscuridad del matorral los ojos fosforescentes de las fieras.

Yo menosprecié el peligro y subí resueltamente las gradas de una pirámide rota, disimulada entre la selva.

Un águila, enemiga de las sabandijas y dragones terrestres, se había posado sobre una máscara de granito, de proporciones descompasadas y de ojos huecos, destituidos de párpados. Recordaba la mirada obvia y directa de ciertos monstruos de la naturaleza. La máscara de granito, embellecida con algunos atavíos, habría igualado exactamente la imagen de una princesa del tiempo de los Faraones, rodeada de admiradores lunáticos en un museo de Europa.

La presencia del águila bastaba a disipar el maleficio difundido por aquella reliquia de una idolatría sanguinaria y frustraba la amenaza de las fieras consagradas.

Un viejo de aquella redonda se había empeñado en velar por el éxito de mi exploración y me había prometido el auxilio de su volátil gentilicio.

## LA CASTA DE LOS CENTAUROS

La mujer provinciana, de grave y primeriza juventud, refiere las aventuras y peligros del llano, donde nació y se crió. Los cabellos negros acentúan el rostro pálido y demandan una corona de flores narcóticas.

Sugiere, vestida de blanco, la imagen de un clima tórrido y el refrigerio de sus palmas. Su mano se ha posado sobre la frente de una esfinge y ha registrado pergaminos venerables en el asilo de un santuario, bajo el destello de una lámpara de alabastro.

Su voz ha cantado un aria nostálgica en donde un río deletéreo se funde con el mar, y unas aves azules trinan sin alivio ni refugio sobre las riberas de sauces.

La doncella requiere una escena imaginaria. La favorita diserta en el patio de las canciones y de las fiestas musicales, cerca de una fuente custodiada por las efigies de bronce de los leones insurrectos, e insiste en los tesoros guardados por los grifos, más allá de la esquivez de los arenales, donde viven y penan los eremitas centenarios; y una esclava etiope interrumpe el cuento para celebrar el aire delicioso, lleno del aroma de los mirtos.

La doncella refiere los azares del llano, los lances de su equitación a la luz de un crepúsculo interminable. Su figura, sobre el caballo de galope resuelto, debiera esculpirse en el frontón de un templo gentilicio.

# O MENSAGEIRO

*"Eu cavilava às margens do lago estéril,*
*fascinado com o espanto das águas negras."*

JOSÉ A. RAMOS SUCRE

## O MENSAGEIRO

A lua, arrebatada pelas nuvens impetuosas, doura apenas o vértice dos trêmulos salgueiros, afundados, com a terra, em um mar de sombras.

Eu cavilava às margens do lago estéril, diante do palácio de mármore, fascinado com o espanto das águas negras.

Ela apareceu bruscamente no vestíbulo, alta e serena, despertando leve rumor.

Porém retornou, pausada, a seu refúgio, fechando atrás de si a porta de ferro, antes de voltar em minha lembrança e enquanto esforçava, para lhe falar, a minha palavra anulada.

Rodeio a mansão hermética, acrescentando minha voz ao gemido inconsolável do vento; e espero, sobre o chão abrupto, a chegada do barco sem velas, sob o governo do taumaturgo ancião, monarca de uma ilha triste, para ser absolvido da pesada mensagem.

## OS ELEMENTOS

O pescador da ilha seca me contava sobre os mitos do paganismo, conservados na tradição humilde. Parecia uma cigarra febril, imagem da eloquência nas fábulas de Homero, ao decantá-los em uma forma inaudita.

O pescador insistia no caso de um jovem sacrificado por Aquiles. Havia se ausentado chorando para o reino dos defuntos e aspirava a ver novamente o panorama do dia. As musas acudiram da montanha a extinguir a fogueira de suas cinzas e provocaram o nascimento de uma fonte, espelho da aurora, no mesmo solo inflamado. As águas da fonte satisfizeram, por anos indefinidos, a sede dos cavalos das quadrigas siderais.

O pescador passou a descrever-me o retorno vingativo do fogo desde o abismo infernal e seu efeito nas águas da fonte, convertidas em uma fumaceira rápida.

Uma brisa de origem celeste dissolvia sua barba incivil e umas aves antigas, desde umas ruínas egrégias, prestavam assentimento à tutora entusiasta.

## O TALISMÃ

Vivia solitário no aposento guarnecido de uma série de espelhos mágicos. Ensaiava, antes do encontro com algum inimigo, um falso sorriso.

Havia exterminado as filhas dos pobres, raptando-as e perdendo-as desdenhosamente. Albrech Dürer o descobriu uma noite por petição de uma incauta. O galã havia tomado um candeeiro para espiar a salvo e retornou à sua moradia após um giro infrutífero e sobre um cavalo macilento. O artista desenhou, no dia seguinte, a imagem do cavaleiro no ato de regressar à sua guarida. O converteu em um espectro cavalgante e lhe substituiu o candeeiro por um relógio de areia.

O cavaleiro habita uma casa desprevenida de guardiões, sumida na sombra desde o pôr do sol. Não se sabe de nenhum assalto orquestrado por seus desafetos.

Abandona-se sem soçobra ao sonho inerme. Fia sua segurança ao eflúvio de uma redoma fosforescente, onde guarda uma criatura humana, o prodígio maior do laboratório de Fausto.

## O RISCO

As orquídeas eram criadas em meio à febre, em cima de umas árvores revestidas de parasitas e roídas por formigas. O sol multiplicava os recursos do chão úmido e alentava uma vegetação ilesa, esconderijo de pérfidos animais. Eu distinguia entre a escuridão do matagal os olhos fosforescentes das feras.

Menosprezei o perigo e subi decididamente os degraus de uma pirâmide rota, dissimulada entre a selva.

Uma águia, inimiga das lagartixas e dragões terrestres, havia pousado sobre uma máscara de granito, de proporções descompassadas e de olhos vazios, destituídos de pálpebras. Recordava o olhar óbvio e direto de certos monstros da natureza. A máscara de granito, embelezada com alguns atavios, havia igualado exatamente a imagem de uma princesa do tempo dos Faraós, rodeada de admiradores lunáticos em um museu da Europa.

A presença da águia era suficiente para dissipar o malefício difundido por aquela relíquia de uma idolatria sanguinária e frustrava a ameaça das feras consagradas.

Um velho daquela redonda havia se empenhado em velar pelo êxito de minha exploração e havia me prometido o auxílio de seu volátil gentílico.

## A CASTA DOS CENTAUROS

A mulher provinciana, de grave e precoce juventude, relata as aventuras e perigos da planície, onde nasceu e se criou. Os cabelos negros acentuam o rosto pálido e demandam uma coroa de flores narcóticas.

Sugere, vestida de branco, a imagem de um clima tórrido e o refrigério de suas palmas. Pousou sua mão sobre a fronte de uma esfinge e registrou pergaminhos veneráveis no asilo de um santuário, sob o lampejo de uma lâmpada de alabastro.

Sua voz cantou uma ária nostálgica onde um rio venenoso se funde com o mar, e umas aves azuis trinam sem alívio ou refúgio sobre as ribeiras de salgueiros.

A donzela requer uma cena imaginária. A favorita disserta no pátio das canções e das festas musicais, próxima de uma fonte custodiada pelas efígies de bronze dos leões insurrectos, e insiste nos tesouros guardados pelos grifos, bem além da esquivança dos areais, onde vivem e penam os eremitas centenários; e uma escrava etíope interrompe o conto para celebrar o ar delicioso, cheio de aroma das murtas.

A donzela narra os acasos da planície, os lances de sua equitação à luz de um crepúsculo interminável. Sua figura, sobre o cavalo de galope decidido, deveria ser esculpida na entrada de um templo pagão.

# Contos
## & Excertos

# Laranjas e giletes em Bagdá

Muhsin Al-Ramli

**O texto:** Para abordar de forma incomum temas cotidianos já discutidos diversas vezes, Al-Ramli se mistura com os personagens da narrativa e com o leitor, mescla fluxo de consciência, quebra a narrativa linear e inverte os limites espaço-temporais, impossibilitando distinguir as reflexões do narrador-autor e dos personagens com a situação retratada. Essa combinação de fatores, aliada aos desfechos inesperados, evidencia o modo peculiar do autor de descrever a angústia pela ausência de sentido, a desesperança e a aparente inutilidade dos movimentos cotidianos. Os três contos selecionados para esta tradução dão-nos uma mostra disso: *Laranjas e Giletes em Bagdá* apresenta ao leitor alguns fragmentos do cotidiano iraquiano guardados na memória do autor-narrador; *Tédio*, a perturbadora sensação de vazio como uma metonímia do caos moderno, que passa a incorporar-se à natureza humana; *A vendedora de pentes* discorre sobre a urgência de amar, quando é o amor que se ama, não o objeto de desejo.

**Texto traduzido:** Textos inéditos cedidos pelo autor.

**Agradecimentos:** ao escritor Muhsin Al-Ramli, pela concessão dos direitos de tradução dos originais.

**O autor:** Romancista, poeta e dramaturgo, Muhsin Al-Ramli nasceu no Iraque, em 1967. Licenciou-se em Filologia Espanhola em 1989, pela Universidade de Bagdá. Após cumprir o serviço militar em 1991, e adquirir do governo iraquiano a licença para viajar, transferiu-se para a Jordânia, onde começou a trabalhar na imprensa local e com tradução. Anos mais tarde, com o interesse de aprofundar seus estudos sobre a língua e cultura espanholas, migrou para Madri, onde vive até hoje. É coeditor da revista cultural ALWAH e docente da Saint Louis University de Madri. Dentre as atividades que realiza, afirma que cabe à escrita o papel de retratá-lo, pois nela está exposta uma reunião de lembranças agradáveis ou dolorosas de seu país natal, tristezas e experiências vividas como imigrante, a qual forma sua própria essência. Suas obras discorrem sobre sentimentos conflitantes, inerentes à natureza humana, morte, família e religião, tendo como pano de fundo a guerra ou o exílio.

**A tradutora:** Mestre em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina, Fedra Rodríguez Hinojosa é atualmente doutoranda no mesmo curso de pós-graduação e tradutora de textos da literatura árabe de expressão espanhola e francesa.

# NARANJAS Y CUCHILLAS EN BAGDAD

*"Mi única condición ahora, indispensable,*
*es que destierre su llanto."*

MUHSIN AL-RAMLI

Nadie puede estar sentado en el último asiento y a pesar de ello oler el sudor de los sobacos del conductor del autobús excepto al mediodía de un verano bagdadí, cuando el aire llamea, los cerebros bullen y el pasajero del asiento de al lado dice: ¡Esto es el infierno! El asfalto de las calles se funde y los chicos lo arrancan con los dedos en forma de bolitas del tamaño del huevo de un pajarito, las mastican como chicle gratuito tras escupir al principio tres veces para quitar el sabor de las ruedas de los coches, del humo de los tubos de escape y de las meadas de los perros abandonados. Después se alejan en el espejismo, que aquí rodea cada criatura a treinta metros a la redonda, y se convierten en siluetas de colores como golpes de brocha de un pintor que piensa que cualquiera de sus chorradas es modernismo o pos. Después los chicos desaparecen en los callejones o entre los puestos de madera de los vendedores de garbanzos y remolachas en la plaza donde paran los autobuses que no tienen acondicionadores de aire, porque el gobierno impone a las fábricas exportadoras a que quiten el aire acondicionado para que el pueblo no se acostumbre al lujo mientras estemos en guerra.

Aquí sólo los eucaliptos son verdes como las banderas de las tumbas de los santos y las temperaturas nunca superan los 49 grados en la radio, y esto no ocurriría si no hubiera una cláusula olvidada en la "Constitución Real" que se remonta a la época de los ingleses, que da a la gente el derecho a no moverse si el termómetro llega a los 50 grados. Mientras, el mercurio del termómetro de mi dormitorio, que traje del Rastro de Madrid en un viaje estudiantil, no baja de los 67 grados. Según mis amigos está estropeado, ¿No

escuchas la radio? Prefiero creerles y nos conformamos con tenerlo como recuerdo colgado en la pared, con el mercurio entre el torero, a la derecha, y la gordita bailarina de flamenco sacudiendo su vestido, a la izquierda.

Mi cerebro se cuece en el último asiento del autobús y lo único que quiero es llegar al Departamento de la Nacionalidad antes de que salga el funcionario que me prometió ayer, al cabo de un mes entero de reiteradas entrevistas, que dará por terminado mi trámite para obtener un duplicado de mi extraviado DNI. Luego volveré a mi casa y me echaré en la cama sin mirar mi termómetro español, después de quedarme diez minutos con la ropa encima bajo la ducha. Me duele el hueco de la cabeza cada vez que rebota el autobús en los baches que dejaron los chicos en el asfalto. Entonces la cojo entre las manos para que no se agite el aceite de mi cerebro dentro del cráneo. Empiezo a pensar en algo que no sea el sueño de llegar, retrasado por este atasco, vuelvo a buscar un hilo narrativo para coser con él las imágenes de un relato que hace un año que quería escribir con el nombre de Cuchillas. Recupero lo que ya tenía preparado empezando por mi recuerdo de la primera cuchilla de afeitar que conocí. Pues, cuando éramos niños nadábamos en la orilla del río sin darnos cuenta de cómo pasaba el mediodía los días de agosto, nos olvidábamos del sol, del tiempo y de las bofetadas de los profesores mientras pasábamos el tiempo resbalando por una bajada de barro suave a la que dábamos forma con nuestros traseros echando agua al surco para que se pareciera a los toboganes del parque de atracciones. Subíamos a lo alto del surco y nos sentábamos al borde de la bajada y nos deslizábamos por el barro hasta que nos arrojaba riéndonos al río. Nos reíamos cada verano, cada agosto, cada día hasta que se peleó Yamil con Yamal y escondió una mina en nuestro tobogán en forma de una cuchilla de afeitar. La hincó a escondidas en el barro, no resaltaba más que el filo y dijo: Para demostraros que he hecho las paces de verdad con Yamal, hoy le cedo mi primer turno para que baje primero. Les aplaudimos riéndonos, pero Yamal pegó un grito al bajar al agua teñido de sangre, ya que le vimos salir a la orilla mirándose el trasero y vimos con él la herida fina que subía desde el tobillo del pie izquierdo hasta la nalga.

De pequeño, jugando con las niñas de los vecinos, vi a Suád convenciendo a su hermana Saadía para que se cortara el flequillo recto como las actrices de las fotografías. Saadía aceptó después de quitarse de la cabeza la idea del posible enojo de su madre y Suád se fue y volvió con una regla, un peine y una cuchilla de afeitar. Sentó a Saadía sobre un bidón de aceite vacío. Le peinó el cabello de la frente y puso la regla en el centro e hizo una línea apretando la cuchilla y Saadía gritó, vimos la fina roja línea antes de que la cubriera con las manos y corriera llorando a su madre que estaba en la cocina.

Miré a una niña que estaba en brazos de su madre, sentada en los primeros asientos del autobús. La niña miraba estupefacta a un hombre negro que se sentaba en el centro. Mi cerebro se cocía en el último asiento del autobús. ¿Cómo podría juntar las imágenes de las cuchillas? Como aquella que me contó la mujer de mi tío del segundo día de su boda, cuando a media noche les salió un dedo por una ventana que había encima de la cabecera de la cama. El dormitorio de los novios estaba iluminado por una vela situada en la esquina y ellos no conciliaban el sueño fácilmente por causa del olor del incienso hindú y el mutuo descubrimiento del gozo del contacto con el cuerpo del otro. Dejaron de tocarse y se pusieron a observar el dedo mirón que intentaba mover la cortina de la ventana, mi tío lentamente quitó la mano del pecho de ella y la extendió hasta el cajón de la mesilla de noche para coger una cuchilla. Y en un rápido movimiento con la otra mano cogió fuertemente el dedo y le apretó la cuchilla diciendo: Para que mañana sepamos quién es.

Espero alcanzar al funcionario que frecuenté durante medio mes. Él me repetía cada día que mañana se acabaría mi trámite y tendría mi DNI: “Sólo te falta un papel”. Y a mí me falta desde hace un año la trama para unir todas las imágenes del relato. Incluso la historia de los miserables que vi en “el Barrio de Al-Fadl”, que sacaban de debajo de la lengua, de entre los labios inferiores y los dientes cuchillas de afeitar, con las que se herían los unos a los otros al pelearse jugando al dominó. Y quisiera tener lugar para la expresión de mi madre: “me callaré como un tragacuchillas”, que repetía cada vez que mi padre le impedía dar su opinión sobre la boda de las chicas. La niña seguía mirando detenidamente al hombre negro; mi vecino de asiento al fondo del autobús dijo secándose el sudor que le chorreaba por la cara: ¡Esto es el infierno... el infierno rojo! Le contesté: Sí, es un verdadero infierno. Y añadí para mis adentros: Y la guerra también lo era. Y me distraigo del mediodía de Bagdad que me cuece el cerebro buscando un hilo narrativo que una todos mis recuerdos sobre las cuchillas en un relato, hasta aquellos de los días de la guerra, como cuando Husham el pastor cortó el pito rojo a uno de los perros de otro pastor. No estaba solo sino que lo vieron todos los soldados que estaban conmigo en el tanque en la retaguardia del frente. Nadie esperaba que Husham hiciese eso porque le conocemos bien, sencillo y tierno se acercaba todos los días con sus cabras para pacer en la hierba de la ladera de la colina donde escondíamos en lo alto el tanque, excepto el cañón, después de pringarlo con barro para que no lo viesen los aviones atacantes. Husham pasaba con nosotros largas horas tomando el té y nos llenaba un cubo de leche de sus cabras y nos contaba su amor hacia su prima y las bodas de su pueblo que veíamos muy pequeño desde la colina, pero cuando lo ve-

íamos con los prismáticos del tanque veíamos claramente cada detalle, las ventanas, los hornos y ataderos de los burros, incluso las gallinas buscando gusanitos y granos de cebada bajo las patas. Podíamos ver de noche a través de los prismáticos nocturnos del tanque y nos enterábamos de las fiestas de boda de su pueblo que nos detallaba él al día siguiente. Una tarde los perros copularon mientras hablaba. Se juntaron sus perros y los perros de otro pastor que pasaba el tiempo con los soldados del otro tanque en la colina contigua. Todos olfateaban el trasero de su perra y se ladraban entre sí, todos querían montarla hasta que ganó el negro, el más fuerte de los perros del otro pastor. De repente, se levantó Husham y fue corriendo bajando la colina hacia los perros. Pegó al negro con el bastón y con los pies hasta que consiguió bajarle del lomo de su perra, pero éste seguía unido a ella por detrás, el órgano rojo colgaba entre las patas traseras hasta el orificio de la perra, y cada uno miraba en dirección contraria al otro y aullaba bajo los golpes de Husham que no conseguían separarlos. "Porque la perra cuando copula tiene de costumbre agarrar con mucha fuerza el órgano del macho" nos explicó después, al subir hacia nosotros con el rojo miembro del perro negro sangrando, todavía latiendo, y entre los dedos de la otra mano la cuchilla de afeitar.

La otra imagen de los días de la guerra es de cuando avanzamos a las primeras líneas del frente después de un ataque que cubrió la tierra de cadáveres que se hincharon hasta reventar los uniformes militares. De madrugada, antes de la llegada del Oficial Inspector, Dauúd buscaba un sitio adecuado donde fijar su espejo, que no era más que un fragmento en forma de triángulo de un espejo grande. Lo puso en el escudo del tanque y al lado el plato del agua y el trozo de jabón, pero no se sintió a gusto afeitándose de pie. Quería sentarse. Dio dos vueltas con los útiles de afeitar en las manos y al hombro una toalla sucia. No encontró un sitio donde sentarse y poner su espejo triangular como quería, entonces se dirigió a un cadáver cercano, tiró de la barba del muerto, le abrió la boca y fijó el borde del espejo entre los dientes y se sentó sobre el pecho del cadáver, poniendo el plato de agua y el trozo de jabón enfrente y las piernas a los dos lados.

Repitió mi vecino de asiento: ¡Esto es el infierno rojo! Mientras la niña se había soltado de los brazos de su madre sentada en la parte delantera del autobús, de donde venía el olor de los sobacos del conductor. Vino andando hacia nosotros, la cabeza llegaba a la altura de los asientos y llevaba una naranja en sus manos, entonces yo me dije: porqué no dejo la idea de escribir un relato con el título Cuchillas y escribo otro con el título Naranjas, es un bonito título, una bonita palabra. Repetía a gusto: Naranjas, Naranjas. Cuando la niña se había acercado al hombre negro, ella empezó a tocar su brazo y

mirar a su manita, le frotaba la cara y volvía a mirar su manita, ¿se había teñido? Después, al callarse todos, le dijo: Tío..., ¿por qué no tomas yogur? Nos reímos todos, incluso el hombre negro, el gordo que estaba a mi lado y el conductor. La madre llamó a su hija: ¡Ven que ya hemos llegado! Nos bajamos y me dirigí al Departamento de Nacionalidad que queda en la periferia de la ciudad. Subí las escaleras hasta la quinta planta porque el ascensor estaba averiado, llegué hasta el funcionario jadeando y empapado de sudor. Le di el papel que me dijo ayer que faltaba. Revisó mi expediente y dijo: Todavía te falta otro papel. Le dije enojadísimo: Pero hermano, ¿por qué no me dijiste desde el principio cuáles son los papeles requeridos en vez de machacarme con ir y venir todo este tiempo? Se levantó tranquilamente de su mesa, cambió la posición de sus gafas y me dijo: ¡Ven! Me llevó a la ventana y añadió: ¿Ves eso? Miré y le dije: ¡Es un cementerio, son muertos! Entonces me dijo: Todos ellos no finalizaron su trámite..., murieron antes de completar los papeles requeridos... Pues, ¿por qué estás tan molesto, hermano?

## ABURRIMIENTO

Se repiten los días igual que se repite el amanecer del sol por el este y el anochecer por el oeste; igual que se repiten las comidas: tomate con aceite, tomate en ensalada, tomate con berenjenas, con ocras o con carne; carne asada, en salsa blanca o roja; igual que los programas de la televisión: canciones repetidas; películas repetidas; presentadores repetidos; palabras refinadas y repetidas; presentadores trajeados, no existe verano ni invierno en la pantalla; igual que la cola del cine para ver películas indias; o los periódicos y sus anuncios; o los mercados con los mismos precios; o la corriente del río bajo el puente inmóvil.

Adán, las cosas siguen igual que las dejaste, nada ha cambiado aparte del bañador que cubre lo mismo que la hoja de parra, y algún que otro nombre. La tierra inmóvil y el sol que sale y se pone. Ni siquiera el jabón con el que me baño cada día cambia; ni tampoco las conversaciones cotidianas… ni los pájaros. La gente construye nuevas casas semejantes a las ya construidas: las puertas y ventanas son obra del mismo herrero y del mismo carpintero; y los planos se deben al mismo arquitecto. Este verano es idéntico al de hace veinte años. Iguales son los cables del tendido eléctrico, el polvo, los telediarios, los entierros y las bodas. En el mercado, como cada día, como cada año, la gente va con prisas, entra y sale de las tiendas, mientras los coches están atrapados por los semáforos, que siguen como siempre: en rojo, ámbar o verde. Y los coches…

Salgo de mi casa por la misma puerta por la que vuelvo a entrar cada noche. Como en los mismos platos, con la misma cuchara. Me acuesto y duermo y me levanto en la misma cama. Tampoco cambia mi cansancio que me cansa de dormir, de verme obligado a acostarme, abatido cuando llega la hora, con la misma sensación de angustia de quien ha terminado sus vacaciones. Estoy hastiado de dormir después de haber dormido tanto y también de la comida después de haberla tomado como un entretenimiento. Me despierto y no abro los ojos. Me quedo echado y evoco un recuerdo repetido, un sueño repetido, hasta que noto la espalda entumecida y me coloco boca abajo, de costado, con las piernas encogidas y las rodillas levantadas. Luego dejo las sábanas para desayunar, siempre leche. Minutos después me encuentro en el autobús, mi viaje de cada día últimamente. Subo a cualquiera sin preocuparme de cuál sea su destino. Lo único que importa es que recorra la ciudad. Sólo me apeo al final del trayecto cuando el conductor, al encontrarme solo, sentado y mirando a ninguna parte, me avisa y yo digo ¿qué? y él dice hemos

llegado al final de la línea, ésta es la última parada. Sólo entonces me bajo, tomo otro autobús y vuelvo a hacer lo mismo, en otra línea. En ocasiones me veo apretujado por la cantidad de gente en busca de sitio, a veces me arrancan los botones de la camisa o alguien limpia en mi hombro su sandía o me quema con la brasa de su cigarrillo, pero otras veces subo y encuentro asiento al lado de la ventanilla.

Mi vecino de asiento lee el periódico igual que alguien que se sienta a su lado cada día. Los más se arremolinan junto a la puerta en espera de que algún asiento quede libre. Al otro lado del pasillo, en el asiento junto a la ventanilla, un chico lee un librito sin importarle nada ni nadie, ni tampoco yo, o acaso menos que nadie yo, que ya estoy sentado.

Lee un poco, cierra el librito y marca el punto en el que ha dejado la lectura con el dedo. Luego se ríe para sus adentros. ¡Dios mío, se está riendo! Dejo de mirar por la ventanilla que me corresponde. Dirijo mi atención al chico, que ha dejado su risa silenciosa y ha vuelto a leer sin hacer caso a los que se aprietan a su lado ni a los que comen pipas o helados fuera o juegan a las cartas o leen periódicos o pasean por las aceras, ni siquiera a la mosca que va de una oreja a otra o a la nariz. Lee un poco y vuelve a reírse en silencio, aunque no se me oculta su risa porque sacude los hombros y tiene la cara enrojecida.

Ha bajado la ventanilla, se asoma, abre la boca enseñando todos los dientes y empieza a soltar su risa fuera del autobús. Quizá la risa ha sido más fuerte que él y no ha podido contenerla. Esta vez sus hombros están quietos. Vuelve a meter la cabeza y, ya más sosegado, retoma su lectura. Lee unos instantes antes de taparse la cara con el libro y volver a agitar sus hombros y con ellos todo su cuerpo. Se lleva una mano al estómago que siente el dolor de la risa y la sube para secarse las lágrimas de los ojos. Se ríe con ganas y nadie repara en él aparte de mí. Entonces pienso que su libro, que le mantiene feliz, solo y ajeno a todo lo que le rodea, debe de ser francamente divertido, mejor que mi manera de matar el tiempo en los autobuses. Cedo mi asiento a uno de los que viajan de pie junto al chico, pretextando que voy a apearme enseguida. Me coloco a su espalda mientras él lee y aguardo, con cierta ansiedad, a que cierre el libro para reírse y así poder enterarme del título, pero no me resulta fácil porque no para de mover las manos. Sí, ya lo he visto. Se titula *Vamos a reírnos*. Rápidamente busco el timbre y solicito la parada. Busco un quiosco de prensa. Me apresuro. Lo encuentro. No me resulta difícil dar con el librito ya que se halla expuesto a la vista, junto a la caja del dinero, colgado de una cuerda junto a otro libro titulado *Ríete conmigo*. Compro ambos y me encamino a casa con ellos en la mano y la ilusión

de que cambiarán mi rutina diaria y me proporcionarán alguna diversión. Me entran ganas de abrirlos pero resisto ese impulso y no lo hago. Todavía tardo un rato hasta cruzar el patio, entrar en mi habitación, cerrar la puerta y echarme en la cama en una posición cómoda. Respiro hondo, dispuesto a guardar aire para más tarde soltarlo en una auténtica carcajada y comienzo a leer un chiste tras otro. Casi todos tienen título: Yujah y su asno, Abu Nuaás..., historias de mercaderes, de listos, de esposas, de niños, de reyes, de príncipes, de borrachos, de ratones, de vendedores de frutas, de estudiantes, de gallos... No sale ninguna carcajada. Ni siquiera me río. Paso de una historia a la siguiente y sigo sin reírme. Me digo a ver si con el próximo.

Me levanto de la cama y coloco una silla frente al espejo para verme cuando me ría. Tomo asiento. Leo. Y no me río.

## LA VENDEDORA DE PEINES

Mayd está enfermo y hoy hemos decidido ir a visitarlo. Después de la última clase nos hemos subido a un coche largo. El conductor ha esbozado una sonrisa. Creo que llevaba parado demasiado tiempo. Su felicidad aumentaba cada vez que lograba adelantar con éxito a alguno de los otros coches. Hemos empezado a hablar, primero sobre las clases y los profesores, luego sobre la limpieza del bar de la facultad y después sobre la incipiente relación sentimental entre Ahmed y Shada. He dejado de atender a la conversación y he desviado mi mirada fuera del coche, a las tiendas llenas de cosas y su desfile de rótulos: "Falafel de la felicidad", que se acercaba, se alejaba y desaparecía; "Óptica Al-Yahiz", que se acercaba, se alejaba y desaparecía; "Tintorería Palestina", que se acercaba, se alejaba y desaparecía; "Restaurante El ...", "Librería El ...", "Cabaret El ...", "Peluquería El ...". Los mercados corren sobre las aceras y dentro de un coche largo se conversa sobre la relación sentimental entre Ahmed y Shada. Me viene a la cabeza la voz de Mayd: Y tú, ¿no te ha llegado la hora de enamorarte? ¡No sé qué mujer buscas! Mi respuesta fue contundente: Quiero una mujer con los ojos negros y el pelo negro y largo sobre los hombros, como las plumas del pavo real, inteligente, que no hable demasiado, que le guste caminar y que sepa lo que significa un libro. El contestó: Pones demasiadas condiciones al amor. Hizo como que se lavaba las manos y me dijo: No la vas a encontrar. Yo le contesté que sí con una sonrisa.

Me despido bruscamente de mis pensamientos porque alguien dice: Hemos llegado. Se detuvieron los mercados sobre las aceras. Bajamos del coche, que sigue su camino. Nos hallamos en una plaza de la que parten callejuelas en todas direcciones. Éste es el barrio, pero ¿dónde está la casa de Mayd? ¿En qué callejuela? Decidimos preguntar a alguien. Me dirijo a una vendedora, sentada a la entrada de una calleja. Cuidadosamente extendidos en el suelo, vende caramelos, cajetillas de tabaco, peines, lápices y paquetes de galletas. Me acerco a ella, ahora concentrada en contar el dinero de una pequeña caja de cartón. La saludo. Está como agazapada encima de una estera. Su pelo negro cae hasta rozar el suelo. Nuestros ojos se encuentran por un instante y mi corazón se estremece. Sonrío mientras ella suelta el platillo con las monedas. Le pregunto: Por favor, ¿sabes cuál es la casa de Mayd? Ella señala con el dedo y dice: Está allí. Gracias. Me retiro dos pasos. Tiene los ojos negros. Tengo que darme la vuelta. Ella me está mirando y sonríe. Saco una moneda, me acerco:

— Quiero... quiero dos peines.

— Cógelos.

— Dámelos tú.

Coge dos peines y baja la cabeza con un gesto de vergüenza. No podía marcharme. Saco otra moneda y compro un caramelo. Le digo: Toma este peine como regalo. Ella, callada. Repito: Tómalo. Ha dudado un momento pero después lo ha cogido con un gesto de vergüenza. Sonrío y, ya sin excusa, me voy. Paso junto a un niño desnudo de cintura para abajo. Está agachado, devolviendo, apoyado en una pared. Le acerco el caramelo y miro a la vendedora. Ella esboza una sonrisa que llega a la risa tras hundir el peine en su pelo.

— Mayd, amo a la vendedora de peines de tu callejón.

— ¿Y estarías dispuesto a renunciar a alguna de tus condiciones?

— Por qué habría de hacerlo? Su pelo es negro y largo, como pavo real, su mirada es inteligente y he visto un libro al alcance de su mano.

— Sí, pero ¿todavía es indispensable que le guste caminar?

— Pues, claro. Pero creo que ese no será un problema. A quién no le gusta caminar y recorrer las calles en las tardes de otoño.

— Quizá a quien que no tenga piernas para hacerlo. La he visto llorar cuando alguien la insta a levantarse y ella se niega con un suave movimiento de su cabeza. La he visto llorar cuando los niños pasan a su lado corriendo y jugando a atraparse. La he visto llorar silenciosa cuando, sola, cree que nadie se fija en ella.

Necesito volver a verla. Mi única condición ahora, indispensable, es que destierre su llanto. Necesito estar enamorado.

# Laranjas e giletes em Bagdá

*"Minha única condição agora, indispensável,*
*é que desterre seu pranto."*

MUHSIN AL-RAMLI

Ninguém pode estar sentado no último assento e, apesar disso, sentir o cheiro de suor das axilas do motorista do ônibus, exceto ao meio dia de um verão bagdali, quando o ar abrasa, os cérebros fervem e o passageiro no assento ao lado diz: Isto é um inferno! O asfalto das ruas derrete e os meninos arrancam-no com os dedos, formando bolinhas do tamanho de um ovo de passarinho para mastigá-las como chiclete grátis, após cuspi-las três vezes para tirar o sabor das rodas dos carros, da fumaça dos tubos de escape e do mijo dos cães abandonados. Depois se afastam no reflexo do calor, que aqui rodeia em torno de trinta metros cada criatura, e se transformam em silhuetas coloridas como os golpes de pincel de um pintor que pensa que qualquer um de seus esguichos é modernismo ou pós. Depois, os meninos desaparecem nos becos ou entre as barraquinhas de madeira dos vendedores de grão-de-bico e beterraba na praça onde param os ônibus que não têm ar-condicionado, pois o governo impõe às fábricas exportadoras que retirem o ar-condicionado para que o povo não se acostume ao luxo enquanto estejamos em guerra.

Aqui, só os eucaliptos são verdes como as bandeiras das sepulturas dos santos e as temperaturas nunca superam os 49 graus no rádio, o que não ocorreria se não houvesse uma cláusula esquecida na "Constituição Real" que remonta à época dos ingleses e dá às pessoas o direito de não se mexer se o termômetro chegar aos 50 graus. Enquanto isso, em meu dormitório, o mercúrio do termômetro que trouxe de El Rastro de Madrid, de uma viagem estudantil, não sai dos 67 graus. De acordo com meus amigos, está estragado,

você não ouve o rádio? Prefiro acreditar neles e me conformar com tê-lo como uma lembrança pendurada na parede, com o mercúrio entre o toureiro à direita e a gordinha bailarina de flamenco agitando seu vestido à esquerda.

Meu cérebro ferve no último assento do ônibus e a única coisa que quero é chegar ao Departamento de Identificação, antes que vá embora o funcionário que me prometeu ontem, após um mês inteiro de repetidas entrevistas, dar por concluído meu trâmite para obtenção da segunda via do meu DNI extraviado. Logo voltarei para casa e, depois de ficar dez minutos debaixo do chuveiro, com roupa, deitarei na cama sem olhar para meu termômetro espanhol. Dói o vácuo na cabeça cada vez que o ônibus sacode nos buracos que os meninos deixaram no asfalto. Então, seguro-a entre as mãos para que o líquido do meu cérebro não se agite dentro do crânio. Começo a pensar em algo que não seja o sonho de chegar, atrasado por causa desse engarrafamento, e volto a procurar o fio narrativo para tecer com ele as imagens de um conto que, faz um ano, queria escrever com o nome de *Giletes.* Recupero o que já havia preparado, começando pela minha lembrança da primeira gilete de barbear que vi. Então, quando éramos crianças, nadávamos nas margens do rio sem perceber como passava o meio dia dos dias de agosto, esquecíamos do sol, do tempo e das bofetadas dos professores enquanto passávamos o tempo escorregando por uma suave ladeira de barro, à qual dávamos forma com nossos traseiros, jogando água no sulco para que ficasse parecida com os tobogãs do parque de diversões. Subíamos no alto do sulco, sentávamos na beira da ladeira e rindo, deslizávamos pelo barro até sermos lançados ao rio. Ríamos todo verão, todo agosto, todo dia, até que Yamil brigou com Yamal e escondeu em nosso tobogã uma mina em forma de gilete de barbear. Às escondidas, ele a enterrou no barro, não deixando de fora mais do que o gume, e disse: Para mostrar a vocês que fiz as pazes de verdade com Yamal, hoje vou ceder-lhe minha vez para que desça primeiro. Rindo, aplaudimos a ambos, mas Yamal deu um grito ao descer na água, tingido de sangue; apenas o vimos sair à margem olhando seu traseiro e nele, vimos a ferida fina que subia desde o tornozelo do pé esquerdo até a nádega.

Quando criança, brincando com as filhas dos vizinhos, vi Suad convencendo sua irmã, Saadia, a cortar a franja reta como as atrizes nas fotografias. Saadia aceitou depois de tirar da cabeça a ideia de uma possível bronca de sua mãe e assim, Suad foi e voltou com uma régua, um pente e uma gilete de barbear. Sentou Saadia em um tambor de óleo vazio. Penteou-lhe o cabelo da frente e colocou a régua no meio, fazendo uma linha ao pressionar a gilete. Saadia gritou e vimos a fina linha vermelha antes que ela a cobrisse com as mãos e fosse correndo em prantos até sua mãe que estava na cozinha.

Olhei para uma menina que estava nos braços de sua mãe, sentada nos primeiros assentos do ônibus. A menina olhava estupefata para um homem negro que estava sentado no centro. Meu cérebro fervia no último assento do ônibus. Como poderia juntar as imagens das giletes? Como aquela contada pela mulher do meu tio, sobre o segundo dia de seu casamento, quando à meia noite surgiu um dedo pela janela acima da cabeceira da cama. O dormitório dos noivos estava iluminado por uma vela situada na esquina, e eles não conciliavam o sono facilmente por causa do odor do incenso indiano e o descobrimento mútuo do prazer do contato com o corpo do outro. Deixaram de se tocar e começaram a observar o dedo bisbilhoteiro que tentava mover a cortina da janela; lentamente, meu tio tirou a mão do seio dela e a estendeu até a gaveta do criado-mudo para pegar uma gilete. E em um rápido movimento com a outra mão, pegou o dedo e pressionou a gilete sobre ele, dizendo: Para que amanhã saibamos quem é.

Espero alcançar o funcionário com quem tratei durante meio mês. Todo dia ele repetia que amanhã acabaria meu trâmite e teria meu DNI: "Só está faltando um documento". E para mim, faz um ano que falta a trama para unir todas as imagens do conto. Inclusive a história dos miseráveis que vi no "Bairro de Al-Fadl", que tiravam giletes de barbear de debaixo da língua e entre o lábio inferior e os dentes para se ferir uns aos outros ao brigar jogando dominó. Gostaria de ter um lugar para a expressão de minha mãe, "vou calar-me como um engolidor de giletes", a qual repetia cada vez que meu pai a impedia de dar sua opinião sobre o casamento das garotas. A menina continuava olhando detidamente para o homem negro; meu vizinho de assento, no fundo do ônibus, secando o suor que lhe escorria pelo rosto, disse: Isto é o inferno... o inferno vermelho! Respondi-lhe: Sim, é um verdadeiro inferno. E acrescentei para meus botões que a guerra também o era. E distraído do meio dia de Bagdá que frita meu cérebro, procuro um fio narrativo que una todas as minhas lembranças sobre giletes em um conto, inclusive aquelas dos dias de guerra, como na vez que Husham, o pastor, cortou o pinto vermelho de um dos cães de outro pastor. Não estava só, mas todos os soldados que estavam comigo no tanque da retaguarda da linha de frente o viram. Ninguém esperava que Husham fizesse isso, pois o conhecíamos bem: simples e afetuoso, todos os dias se aproximava para apascentar suas cabras com o capim da ladeira da colina, onde, no topo, escondíamos o tanque, fora o canhão, depois de sujá-lo com barro para que os aviões de ataque não o vissem. Husham enchia um balde de leite para nós e passava conosco longas horas tomando chá, contando sobre o amor por sua prima e os casamentos de sua vila que víamos tão pequena desde a colina. Mas, quando a víamos pelos bi-

nóculos do tanque, olhávamos cada detalhe: as janelas, os fornos, os atadeiros dos burros e até as galinhas procurando minhoquinhas e grãos de cevada debaixo das patas. Através dos binóculos noturnos do tanque, conseguíamos enxergar à noite e ficávamos sabendo das festas de casamento de sua vila que ele detalhava no dia seguinte. Certa tarde, os cães copularam enquanto ele falava. Seus cães e os de outro pastor, que passava o tempo com os soldados do outro tanque na colina adjacente, se agruparam. Todos farejavam o traseiro de sua cadela e latiam entre si, querendo montar nela, até que o preto, o mais forte dos cães do outro pastor, ganhou. De repente, Husham se levantou e desceu a ladeira correndo em direção aos cachorros. Bateu no preto com a bengala e com os pés até que conseguiu tirá-lo de cima do lombo da cadela, mas este continuava preso a ela por trás: o órgão vermelho estava pendurado entre as patas traseiras até o orifício da cadela, enquanto cada um olhava na direção contrária ao outro, uivando sob os golpes de Husham, que não conseguia separá-los. "A cadela, quando copula, tem o hábito de prender o órgão do macho com muita força", explicou-nos depois, ao subir em nossa direção, com o membro vermelho do cachorro preto que ainda sangrava e latejava e a gilete de barbear nos dedos da outra mão.

A outra imagem dos dias de guerra é de quando avançamos às primeiras linhas do *front*, após um ataque que cobriu a terra de cadáveres que incharam até estourar os uniformes militares. De madrugada, antes da chegada do Inspetor Oficial, Dauúd procurava um lugar adequado para fixar seu espelho, que nada mais era do que um fragmento, em forma de triângulo, de um espelho grande. Colocou-o no escudo do tanque e ao lado, o prato com água e o pedaço de sabonete, mas não se sentiu à vontade barbeando-se de pé. Queria sentar. Deu duas voltas com os utensílios de barbear nas mãos e uma toalha suja no ombro. Não achou um lugar para sentar e pôr seu espelho triangular como queria, então, dirigiu-se até um cadáver próximo, puxou a barba do morto, abriu-lhe a boca, fixou a borda do espelho entre os dentes e sentou no peito do cadáver, colocando o prato com água e o pedaço de sabonete na frente e as pernas, uma de cada lado.

Meu vizinho de assento repetiu: Isto é o inferno vermelho! Enquanto isso, a menina se soltou dos braços de sua mãe, sentada na parte dianteira do ônibus, de onde vinha o cheiro das axilas do motorista. Veio andando em nossa direção; sua cabeça alcançava a altura dos assentos e tinha uma laranja nas mãos, então, disse a mim mesmo: por que não deixo a ideia de escrever um conto com o título de *Giletes* e escrevo outro com o título de *Laranjas*, pois é um título bonito, uma palavra bonita. Repetia à vontade: laranjas, laranjas. Quando se aproximou do homem negro, a menina começou a tocar

seu braço e olhar sua mãozinha, passava a mão no rosto dele e tornava a olhar para sua mãozinha, será que ele se pintou? Depois, quando todos se calaram, disse-lhe: Moço... por que você não toma iogurte? Todos nós rimos, inclusive o homem negro, o gordo que estava ao meu lado e o motorista. A mãe chamou sua filha: Vem, já chegamos! Descemos e eu me dirigi ao Departamento de Identificação que fica no subúrbio da cidade. Subi as escadas até o quinto andar, pois o elevador estava avariado; ofegante e empapado de suor, cheguei até o funcionário. Entreguei-lhe o papel que havia me dito ontem que faltava. Revisou meu expediente e disse: Ainda falta outro documento. Irritadíssimo, disse-lhe: Mas amigo, por que não me disse desde o começo quais são os documentos requeridos, ao invés de me incomodar com ir e vir este tempo todo? Levantou calmamente de sua mesa, trocou seus óculos de posição e me disse: Venha! Levou-me até a janela e acrescentou: Está vendo isso? Olhei e disse-lhe: É um cemitério, são mortos! Então, disse-me: Todos eles não finalizaram seus trâmites... morreram antes de completar os documentos requeridos... logo, por que você está tão incomodado, amigo?

## TÉDIO

Os dias se repetem assim como se repete o raiar do sol pelo leste e o anoitecer pelo oeste; assim como se repetem as comidas: tomate com azeite, tomate na salada, tomate com berinjelas, com quiabos ou com carne; carne assada em molho branco ou vermelho; assim como os programas de televisão: músicas repetidas, filmes repetidos, apresentadores repetidos, palavras refinadas e repetidas, apresentadores trajados, não existe verão nem inverno na tela; assim como a fila do cinema para ver filmes indianos; ou os jornais e seus anúncios; ou os mercados com os mesmos preços; ou a correnteza do rio sob a ponte imóvel.

Adão, as coisas continuam iguais como você as deixou, nada mudou, exceto o calção de banho que cobre o mesmo que a folha de parreira, e um que outro nome. A terra imóvel e o sol que nasce e se põe. Nem sequer o sabonete com o qual tomo banho todo dia muda; nem mesmo as conversas cotidianas... nem os pássaros. As pessoas constroem novas casas semelhantes às já construídas: as portas e janelas são obras do mesmo ferreiro e do mesmo carpinteiro, e os planos se devem ao mesmo arquiteto. Este verão é idêntico àquele de vinte anos atrás. Os cabos da fiação elétrica, o pó, os telejornais, os enterros e casamentos são iguais. No mercado, como todo dia, como todo ano, as pessoas andam com pressa, entram e saem das lojas, enquanto os carros estão presos nos semáforos que continuam como sempre: em vermelho, âmbar ou verde. E os carros...

Saio de minha casa pela mesma porta pela qual volto a entrar toda noite. Como nos mesmos pratos, com a mesma colher. Deito, durmo e levanto na mesma cama. Tampouco muda o cansaço que me cansa de dormir, de me ver obrigado a deitar, abatido quando chega a hora, com a mesma sensação de angústia daquele para quem as férias terminaram. Estou farto de dormir depois de ter dormido tanto, e também da comida, depois de tê-la comido como um passatempo. Acordo e não abro os olhos. Fico deitado e evoco uma lembrança repetida, um sonho repetido, até que percebo as costas intumescidas e me coloco de bruços, de lado, com as pernas encolhidas e os joelhos levantados. Em seguida, deixo os lençóis para tomar o café da manhã, sempre com leite. Minutos depois, encontro-me no ônibus, ultimamente minha viagem de todo dia. Subo em qualquer um, sem me preocupar qual seja seu destino. O que importa é que percorra a cidade. Desço apenas no final do trajeto, quando o motorista, ao ver-me sozinho, sentado e olhando para parte alguma, avisa-me e eu digo "o quê?" e ele me diz que chegamos ao fim da

linha, esta é a última parada. Somente então desço, tomo outro ônibus e volto a fazer o mesmo, em outra linha. Eventualmente me vejo apertado pela quantidade de pessoas que buscam um lugar, às vezes arrancam os botões da minha camisa, ou alguém limpa sua melancia no meu ombro ou me queima com a brasa do cigarro; mas, outras vezes, subo e encontro um assento ao lado da janela.

Meu vizinho de assento lê o jornal como alguém que senta no mesmo lado todo dia. Os demais se aglomeram junto à porta, à espera de um assento livre. Do outro lado do corredor, no assento junto à janela, um garoto lê um livrinho sem se importar com nada, ninguém, nem mesmo eu, ou talvez eu menos que os outros, pois já estou sentado.

Lê um pouco, fecha o livrinho e marca com o dedo o ponto em que deixou a leitura. Em seguida, ri para si mesmo. Meu Deus! Está rindo! Deixo de olhar pela janela que me corresponde. Dirijo minha atenção para o garoto, que parou sua risada silenciosa e voltou a ler sem dar bola para os que se apertam ao seu lado, nem para os que comem sementes ou tomam sorvetes lá fora, os que jogam cartas, leem o jornal ou passeiam pelas calçadas, nem sequer para a mosca que vai de uma orelha para a outra ou para o nariz. Lê um pouco e torna a rir em silêncio, ainda que não possa esconder de mim sua risada, pois sacode os ombros e tem a cara enrubescida.

Abaixa o vidro da janela, aproxima-se, abre a boca mostrando todos os dentes e começa a soltar sua risada para fora do ônibus. Talvez a risada tenha sido mais forte do que ele e não pôde contê-la. Desta vez, seus ombros estão quietos. Volta a enfiar a cabeça e agora, mais sossegado, retoma sua leitura. Lê uns instantes antes de tapar a cara com o livro e voltar a agitar os ombros e com eles, todo seu corpo. Leva uma mão ao estômago, que sente a dor da risada, e levanta-a para secar as lágrimas dos olhos. Ri com vontade e ninguém repara nele, exceto eu. Então, penso que seu livro, que o mantém feliz, só e alheio a tudo o que o rodeia, deve ser verdadeiramente divertido, melhor do que a minha maneira de matar o tempo nos ônibus. Cedo meu assento a um dos que viajam em pé junto ao garoto, com o pretexto de descer em seguida. Coloco-me atrás dele enquanto lê e, com certa ansiedade, aguardo ele fechar o livro para rir, e então me informar do título, mas não é fácil, pois não para de mexer as mãos. Sim, já o vi. Intitula-se *Vamos rir*. Rapidamente procuro a cordinha e solicito a parada. Procuro uma banca de revistas. Apresso-me. Encontro-o. Não foi difícil me deparar com o livrinho, já que se encontra exposto à vista, junto ao caixa, pendurado por uma corda com outro livro intitulado *Ria comigo.* Compro os dois e dirijo-me para casa com eles na mão e a ilusão de que mudarão minha rotina diária e me proporcionarão

alguma diversão. Tenho vontade de abri-los, mas resisto a esse impulso e não o faço. Ainda demoro um instante até atravessar o pátio, entrar no meu quarto, fechar a porta e deitar na cama em uma posição confortável. Respiro fundo, disposto a guardar o ar para mais tarde soltá-lo por uma autêntica gargalhada, e começo a ler uma piada atrás da outra. Quase todas têm título: *Yujah e seu asno, Abu Nuaás...*, histórias de mercadores, de espertos, de esposas, de meninos, de reis, de príncipes, de bêbados, de ratos, de vendedores de frutas, de estudantes, de galos... Não sai nenhuma gargalhada. Nem sequer rio. Passo de uma história à outra e continuo sem rir. Digo para mim: quem sabe com a próxima.

Levanto da cama e coloco uma cadeira diante do espelho para me ver quando rio. Sento. Leio. E não rio.

## A VENDEDORA DE PENTES

Mayd está doente e hoje decidimos ir visitá-lo. Depois da última aula, subimos em um táxi grande. O motorista esboçou um sorriso. Acho que estava parado há bastante tempo. Sua felicidade aumentava cada vez que conseguia ultrapassar com sucesso um dos outros carros. Começamos a conversar, primeiro, sobre as aulas e os professores; logo, sobre a higiene do bar da faculdade e depois, sobre a incipiente relação sentimental entre Ahmed e Shada. Deixei de prestar atenção à conversa e desviei meu olhar para fora do carro, em direção às lojas cheias de coisas e seu desfile de cartazes: "Falafel[1] da felicidade", que se aproximava, afastava e desaparecia; "Ótica Al-Yahiz", que se aproximava, afastava e desaparecia; "Tinturaria Palestina", que se aproximava, afastava e desaparecia; "Restaurante O...", "Livraria O...", "Cabaré O...", "Salão de Beleza O...". Os clientes correm pelas calçadas, e dentro de um carro comprido conversa-se sobre a relação sentimental entre Ahmed e Shada. A voz de Mayd me vem à cabeça: E você? Não chegou a hora de se apaixonar? Não sei que mulher está procurando! Minha resposta foi contundente: Quero uma mulher com os olhos negros e o cabelo negro, longo, sobre os ombros, como as penas de um pavão real, inteligente, que não fale muito, que goste de andar e que saiba o que significa um livro. Ele respondeu: Você põe muitas condições ao amor. Fez como se lavasse as mãos e me disse: Não vai encontrá-la. Eu lhe respondi que sim com um sorriso.

Despeço-me bruscamente de meus pensamentos porque alguém diz: Chegamos. Os clientes pararam nas calçadas. Descemos do carro, que segue seu caminho. Estamos em uma praça da qual partem ruelas em todas as direções. Este é o bairro, mas onde fica a casa de Mayd? Em que ruela? Decidimos perguntar a alguém. Dirijo-me a uma vendedora, sentada na entrada de uma viela. Vende balas, carteiras de cigarros, pentes, lápis e pacotes de bolachas. Aproximo-me dela, agora concentrada em contar o dinheiro de uma pequena caixa de papelão. Cumprimento-a. Parece agachada sobre uma esteira. Seu cabelo preto cai até roçar o chão. Nossos olhos se encontram por um instante e meu coração se estremece. Sorrio, enquanto ela solta o pires com as moedas. Pergunto-lhe: Por favor, sabe qual é a casa de Mayd? Ela aponta com o dedo e diz: Fica ali. Obrigado. Afasto-me dois passos. Tem os olhos negros. Tenho que me virar. Ela está me olhando e sorri. Tiro uma moeda, aproximo-me:

[1] Prato típico da culinária árabe que consiste em bolinhos fritos de grão-de-bico. (n.t.)

— Quero... quero dois pentes.

— Pegue-os.

— Dê-me você.

Pega dois pentes e abaixa a cabeça com um gesto de vergonha. Eu não conseguia ir embora. Tiro outra moeda e compro uma bala. Digo-lhe: receba este pente como presente. Ela, calada. Repito: Pegue-o. Hesitou por um momento, mas depois o pegou com um gesto de vergonha. Sorrio e, já sem desculpa, vou embora. Passo próximo a um menino nu da cintura para baixo. Está agachado, vomitando, apoiado em uma parede. Aproximo dele a bala e olho para a vendedora. Ela esboça um sorriso que chega à risada, depois de afundar o pente em seu cabelo.

— Mayd, amo a vendedora de pentes da sua rua.

— E você estaria disposto a renunciar a alguma das condições?

— Por que precisaria fazê-lo? Seu cabelo é preto e longo, como de pavão real, seu olhar é inteligente e vi um livro ao alcance de sua mão.

— Sim, mas ainda é indispensável que goste de andar?

— É claro. Mas acho que esse não será um problema. Quem não gosta de andar e percorrer as ruas nas tardes de outono?

— Talvez alguém que não tenha pernas para fazer isso. Eu a vi chorar quando alguém lhe insiste para levantar e ela se nega com um movimento suave de cabeça. Eu a vi chorar quando as crianças passam ao seu lado correndo e brincando de pega-pega. Eu a vi chorar em silêncio quando, sozinha, acha que ninguém repara nela.

Preciso voltar a vê-la. Minha única condição agora, indispensável, é que desterre seu pranto. Preciso estar apaixonado.

# Gesta Romanorum

## ANÔNIMO

**O TEXTO:** O título desta coletânea anônima de contos, *Gesta Romanorum* (*Os Feitos dos Romanos*), compilada por volta do século XIII, é para nós algo enganoso. Não se trata de uma crônica histórica das façanhas dos romanos como sugere, mas sim uma coleção de anedotas conhecidas que remontam ao período romano, transmitidas por historiadores clássicos como Tácito, Suetónio, entre outros. Muitas das histórias incluídas no livro provêm das fontes mais recônditas da história das narrativas humanas, época em que surgiram também as fábulas de Esopo e *As Mil e uma Noites*. Mas não chegaram intactas até a citada antologia, senão que sofreram uma espécie de apropriação devido às interpretações moralizantes, dentro do contexto da doutrina cristã, incluídas ao final das histórias. Tais interpretações, que em algumas ocasiões são mais extensas que o próprio conto, nutrem-se do absurdo e da imaginação medieval para ensinar novos valores alheios aos textos originais, obedecendo as regras duma estratégia narrativa que Horácio chamaria: "delectando pariterque monendo" (deleitando e instruindo, ao mesmo tempo) (*Ars poetica*, 344). O texto traduzido demonstra esse processo de apropriação que mistura os aspectos orais do conto, por um lado, com a teologia escrita e rigorosamente documentada, por outro.

**Texto traduzido:** *Gesta Romanorum*. Institutiones Catholicae (vulgo *Gesta Romanorum*) ex probatissimis Historiis excerptae, accuratius & elimatius, quam antea usquam castigatae. Lyons, apud haeredes Jacobi Iuntae, 1555.

**O AUTOR:** Anônimo. Os contos provêm de uma coletividade de vozes de distintas culturas e tradições tanto orientais quanto ocidentais, e de distintas épocas.

**O TRADUTOR:** Scott Ritter Hadley (EUA) estudou espanhol na Northern Arizona University, onde começou a estudar tradução e português. Depois fez pós-graduação em Letras Hispânicas na Arizona State University, com especialização em literatura medieval e mexicana contemporânea. Desde 1987 reside em Puebla, México onde leciona inglês, latim, literatura inglesa e espanhola, na Benemérita Universidad Autónoma de Puebla. Entre seus interesses mais recentes está a literatura indígena mexicana.

# Gesta Romanorum

*"Qui ait: haec sunt verba: fallax, fallax.
At ille: Verba falacia me deceperunt."*

ANÔNIMO

## XI
## DE VENENO PECCATI, QUO QUOTIDIE NUTRIMUR

Alexander regnavit potens valde qui magistrum Aristotelem suum doctorem habebat: qui eum in omni scientia instruebat. Hoc audiens regina Aquilonis, filiam suam a tempore suae nativitatis veneno nutrivit: & cum pervenisset ad legitimam aetatem, erat tam pulchra & oculis hominum gratiosa, quod multi per aspectum eius infatuati sunt. Regina eam ad Alexandrum misit eius concubina fieret. Visa puella, statim raptus est in amorem eius, & dormire cum ea volebat. Hoc percipiens Aristoteles dixit ei: nolite talia attentare quae si feceritis, incontinenti moriemini, eo quod ipsa fuit toto tempore vitae suae veneno nutrita. Quod autem verum sit, probabo statim: hic est quidem malefactor, qui per legem debet mori, cum ea dormiat: & tunc si verum est, videbetis. & sic factum est. Malefactor osculatus est eam coram omnibus: statim cecidit, & mortuus est. Alexander hoc percipiens magistrum miro modo laudavit: qui eum a morte liberavit: Puellam vero matri remisit.

*Sensus moralis*

CHARISSIMI: Iste Alexander, potest dici quilibet Christianus bonus, fortis & potens, per virtutes: quas in baptismo recepit: qui potens est & fortis,

quandiu [sic] manet in charitate & puritate vitae, contra diabolum, mundum & carnem. Regina Aquilonis, est abundantia rerum, quae hominem quaerit occidere spiritualiter aliquando, saepius corporaliter. Puella intoxicata, est luxuria & gula: quae nutriuntur cibariis delicatis: quae sunt venena animae. Aristoteles, est tua conscientia sive ratio quae semper murmurat & contradicit illis, quae sunt animae nociva & te impedit, ne cum talibus immiscearis. Malefactor, est vir perversus Deo inoboediens: qui magis sequitur delitius [sic] carnis, quam divina praecepta: talis tota die in peccatis dormit osculando, id est tangendo gulam, & luxuriam, per quos tactus spiritualiter occiditur. Unde Sapiens Qui tangit picem coinquinabitur ab ea. Studeamus ergo ita sobrie vivere, quod possimus ad aeternam pervenire vitam.

## XII
## DE MALO EXEMPLO

Otho regnavit: in cuius imperio erat quidam sacerdos lubricus, qui propter hoc multoties subditos suos perturbavit: & per hoc scandalizati multum erant. Erat unus parochialium suorum, qui nunquam inter esse [sic] voluit missae ipsius, dum celebravit. Accidit quodam die festivo, quod tempore missae solus in campo deambularet, & miro modo sitiebat, intantum, quod videbatur ei, quod nisi sitim extingueret, moreretur. Accidit dum ambularet, venit ad quendam rivulum purissimi fontis. Quo viso, incepit haurire & fortiter biberet. Sed cum gustasset, quanto plus bibit, tanto plus sitiebat: intra se admirabatur dicens, "fontem huius rivuli, quaerere volo, ut de fonte bibam." Cum autem ambulasset, obviavit ei quidam [p. 39] senex pulcher valde. & ait ei: "charissime, quo tendis?" Qui ait: "Ultra, quam credi potest, sitio. Inveni unum rivulum aquae de quo bibi: & quanto plus bibi, tanto plus sitiebam. Ideo fontem huius rivuli quaero: ut de fonte bibam, ut sitim extinguere possim." Ait senex: "Ecce hic est fons, de quo rivulus procedit. Sed dic mihi, quare cum aliis Christianis ad audiendam missam ecclesiam non intrasti?" Qui respondit: "Vere domine, sacerdos noster tam execrabilem vitam ducit, quod ipsum non credo missas mundas celebrare, & Deo placitas." Ad quem senex "sit ergo, ut tu dicis. Ecce fons, de quo tam dulcis aqua rivuli procedit, de cuius rivulo bibisti." Respexit ille: vidensque canem foetidissimum habentem os apertum, per cuius os & dentes totius fontis scaturitio [sic] emanabat mirabiliter. Quod dum ille perspicatus agnovisset mente confusus, expavit toto corpore pertimescens propter foetorem, non audebat gustare. & miro modo sitiebat. Quem senex intuens, ait illi: "Noli timere, quia potasti de rivulo huius fontis: nulam enim molestiam tibi generabit." Ille hoc audiens gustavit: sitim extinxit. Et ait: "O domine tam dulcem aquam homo numquam bibit." Ait senex: "Vide modo, quemadmodum haec aqua per os canis [p. 40] foetidi observato colore proprio & sapore nec polluitur nec mutatur. Charissime sic est de missa per indignum sacerdotem celebrata. Et ideo quanvis [sic] tibi displiceat vita talium sacerdotum: tamen missas illorum debes audire." His dictis senex evanuit ab eo: & quod viderat, aliis revelavit. & post hoc devote missas audivit: & hanc vitam transitoriam & instabilem ad quietum terminum deduxit: quia a corruptibili vita ad incorruptibilem translatus est. Quod nobis concedat Iesus Christus Mariae filius.

*Sensus moralis*

CHARISSIMI: Iste Imperator est dominus noster Iesus Christus, in cuius imperio, scilicet in mundo, est sacerdos lubricus, id est Christianus perversus: quia sicut sacerdos habet animas parochialium custodire: sic & Christiani virtutes, quas in baptismo receperunt, habent regere ac diligenter custodire, ne polluantur. Iste malus sacerdos multos perdit, malo exemplo. Unde beatus Greg. Quot mala exempla coram subditis committunt, tot animas perdunt. Sic malus Christianus verbo & opere multos ad infernum trahit. Si talis fueris; fac sicut fecit ille parochianus: ambula per campos, id est per regna & castra, donec venias ad unum, quem diligit anima tua, scilicet [p. 41] illum senem. Senex, est Christus quem invenies per opera misericordiae: sed prius oportet bibere de rivulo: licet non extinguas sitim. Rivus iste, de quo bibimus, est baptismus: qui tantum sitim originalis peccati extinxit: sed si iterato incideris in peccatum, amplius per eum extingui non poteris donec procedas ad istum fontem. Fons iste est dominus noster Iesus Christus, sicut de seipso ait: Ego sum fons aquae vivae salientis in vitam aeternam[1]. Ioan. 4. Rivuli vel verae istius fontis, sunt verba sacrae scripturae: quae saepius procedunt per os foetidissimi canis, hoc est sacerdotis praedicatoris peccatoris. Qaerendum est ergo, cur scaturitio [sic] puri fontis per os foetidi canis & non alterius animalis manaverit? Responsio, saepius in sacra scriptura sacerdotes comparantur canibus & sicut in cane sunt quatuor bona, iuxta versus istos:

*In cane bis bina sunt & lingua medicina*:
*Naris odoratus amor integer, atq;* [sic] *latratus.*

Sic & sacerdotes idonei circa salutem animarum in foro praedicationis poenitentiae & confessionis, quatuor [sic] has propietates fideliter debet observare. Primo quod sint medici in lingua mulcendo, vel lingendo vulnera peccatorum: ne nimis aspere detergantur. Vulnera enim & ulcera canes lambunt. [p. 42] Secundo, sicut canis per odorem narium vulpem sive leporem investigat: sic sacerdos in odore confessionis vulpinas calliditates, id est haereticas perversitates sive falsitates, quae ad peccati detentationem, & leporinas timiditates, quo ad peccati detestationem aut veniae desperationem, & lupinam, & leoninam ferocitatem, quo ad veniae contemptum, & alia

[1] João 4: 14: “Sed aqua quam dabo ei fiet in eo fons aquae salientis in vitam aeternam”. Doravante, todas as citações da *Vulgata* têm como referência a *Latin Vulgate Bible*: <http://www.drbo.org./lvb/>. (n.t.)

huiuscemodi [sic] solerter: & subtiliter investigat. Tertio, sicut canis fidelissimum animal esse scitur, quia pro domino suo ac pro familia & eius animalibus ac contra malos homines, periculo se exponit: sic sacerdotes pro fide catholica & pro salute animarum non solum parochialium suorum, sed etiam omnium fidelium Christianorum corpus & animam debent expendere confidenter: iuxta verbum domini Ioan. 10. Bonus pastor animam suam ponit pro ovibus suis[2]. Item, Ioan. 1. Christus animam suam posuit pro nobis: ita & nos debemus animas pro fratribus ponere[3]. Quarto, sicut canis suo latratu fures prodit: & thesaurum domini sui eis tollere non permittit: sic sacerdos fidelis, est canis summi regis, qui latratu praedicationis, vigilantia iugis orationis furtum, id est invidias & diabolicas machinationes de thesauro domini sui, id est de anima proximi sui, quam [p. 43] summo thesauro, id est praetioso sanguine suo redemit dominus Iesus Christus propellere non desinit.

[2] João 10: 11: "Ego sum pastor bonus bonus [sic] pastor animam suam dat pro ovibus". (n.t.)
[3] 1ª Epístola de João 3: 16: "In hoc cognovimus caritatem quoniam ille pro nobis animam suam posuit et nos debemus pro fratribus animas ponere". (n.t.)

## CXXXVI
## QUOD VIGILARE DEBET PASTOR ANIMARUM

[499] Fur quidam ad domum cuiusdam divitis nocte venit, qui ascendens tectum domus per foramen prospicere cepit, si adhuc aliquis de familia divitis vigilaret. Quod hospes considerans, private uxori suae dixit. Interroga me alta voce qualiter haec bona quaesivi, quae habemus: nec desistes, donec finaliter tibi dicam. Tunc ait mulier: O bone domine, cum nunquam fuisti mercator: dic mihi qualiter tantam pecuniam, quam possides tunc congregasti? Cui ille: Noli stulta a me hoc quaerere. Illa autem magis ac magis quaerere non cessabat: tunc vir quasi coactus suis precibus ait: noli ista prodere, quae tibi dico: & veritatem [500] pandam. At illa: Absit hoc a me. At ille. Fur eram & nocturnis furtis omnia quae nunc habeo congregavi. Cui illae. Qui magister meus erat verbum me docuit, quod septies dicebam quando tecta hominum ascendebam. Ait mulier: Rogo te, dic mihi illud verbum, cuius virtute sine periculo furtum commisisti. Ait ille: Tibi dicam: sed alteri nullo modo dicas, ne forte possent bona nostra asportare. At illa, nullo modo attemptabo: Qui ait: haec sunt verba: fallax, fallax. His dictis, mulier obdormivit: vir autem finxit se dormire & sternutabat. Fur etenim cum audisset, gavisus est, & sumpto lune [sic] radio & septies dicto carmine laxatis manibus & pedibus per fenestram in domum cecidit: & magnum sonitum fecit, & fracto crure & brachio tacuit miserabiliter semivivus in terra: hospes quoque audito sono quaesivit quasi nesciret qualiter cecidisset. At ille: Verba falacia me deceperunt. Hospes quidem eum recepit: & summo mane in patibulo suspendi fecit.

### *Sensus moralis*

CHARISSIMI: Fur iste est diabolus, qui per malas cogitationes tactum [sic debe ser tectum] cordis tui ascendit: & foramen facit per malum [501] consensum: vir cum uxore est bonus praelatus ecclesiae desponsatus. Cui diabolus toto conamine nititur per peccatum bona sua furari: scilicet virtutes, quas in sacro baptismo recepit auferre. Sed bonus praelatus sanctae ecclesiae desponsatus debet continue vigilare, ut non sinat furem animae domum perforare. Iuxta illud verbum salvatoris: Vigilate, quia nescitis qua hora fur

est venturus[4]. Et contra eius malitias & nequitias intra se & uxorem, scilicet ecclesiam provideat quomodo diabolo sit resistendum: ut cadat a corpore eius: & nullo modo ei noceat. Vel etiam alio modo potest reduci. Fur iste erat lucifer pulcher: qui toto conamine ascendere volebat: ut alter Deus esset: et auferret ab eo eius dignitatem. Et dicebat illud Esa. [sic][5] Ascendam in caelum, & ero similis altissimo. Et etiam ibidem Ponam sedem meam in Aquilonem, et similis ero altissimo. Et postea ascendit paradisum: hoc est per suam pulchritudinem cecidit in infernum: & fregit crura sua, id est amisit sic suum decorem quem Deus sibi contulit, & suspensus est in patibulo infernali. A quo nos &c.

---

[4] Mateus 24: 42: "Vigilate ergo quia nescitis qua hora Dominus vester venturus est", e 25: 13: "Vigilate itaque quia nescitis diem neque horam". (n.t.)
[5] Isaías 14: 14: "Ascendam super altitudinem nubium et ero similis Altissimo". (n.t.)

# GESTA ROMANORUM

*"Estas são as palavras: 'falaz, falaz'.*
*Foram as palavras falazes que me enganaram."*

ANÔNIMO

## XI
## DO VENENO DO PECADO QUE NOS ALIMENTA TODOS OS DIAS

Alexandre governou e era bastante poderoso, e tinha como mestre a Aristóteles, que lhe ensinava todas as ciências. Quando a rainha de Aquilão soube disso, desde o nascimento de sua filha, começou a alimentá-la com veneno, e quando ela chegou à idade madura, era tão bela e agradável aos olhos dos homens que muitos se apaixonaram só pela sua aparência. Então a rainha mandou sua filha a Alexandre, para que fosse sua concubina. Ao ver a jovem, Alexandre apaixonou-se no mesmo instante por ela e com ela queria dormir. Quando Aristóteles percebeu suas intenções, disse-lhe:

— Não faça nada com ela porque, se tentar, morrerá de modo atroz, já que a alimentaram durante toda a vida com veneno[1]. E isso tanto é verdade, que posso prová-lo rapidamente. Aqui temos um criminoso condenado à morte, que por lei deve morrer. Que ele durma com ela, e se o que lhe digo estiver certo, vê-lo-á.

Assim ocorreu. O criminoso, ao beijar a princesa, caiu morto. Alexandre, ao ver isso, agradeceu seu mestre de um modo louvável por tê-lo salvo da morte, e a princesa e sua mãe foram mandadas para sua terra natal.

[1] O uso do plural no original, na fala de Aristóteles, não é justificável, e por isso traduzo o verbo no singular. (n.t.)

## *Sentido moral*

CAROS IRMÃOS: pode-se dizer que Alexandre é um cristão bom, forte e poderoso graças às virtudes que recebera no batismo, porque uma pessoa torna-se poderosa e forte quando permanece na caridade e na pureza da vida contra o diabo, o mundo e a carne. A rainha de Aquilão é a abundância das coisas que tenta matar o homem às vezes espiritualmente, porém com mais frequência de maneira corporal. A jovem envenenada é a luxúria e a gula, que se nutrem de alimentos deliciosos, que são o veneno para a alma. Aristóteles é sua consciência ou razão, que sempre murmura e contradiz as coisas, que são nocivas para a alma, e lhe impede de imiscuir-se. O criminoso é um homem perverso que desobedece a Deus e prefere buscar as delícias da carne ao invés dos preceitos divinos. Assim, todo o dia beija em pecado ou entrega-se à gula e à luxúria, e por causa disso, morre espiritualmente. Onde em *Sabedoria* se lê: "Quem toca no pez, acaba por se sujar..."[2]. Estudemos, portanto, para que assim possamos viver de uma maneira sóbria e alcançar a vida eterna.

[2] Encontrei a citação no *Eclesiástico* 13: 1, e não no *Livro da Sabedoria*, e a transcrevi textualmente do *Velho Testamento*. (n.t.)

## XII
## DO MAU EXEMPLO

Otho reinou, e em seu império havia um sacerdote libertino que, por esse motivo, agitou seus súditos que sentiram escandalizados. Um de seus seguidores nunca queria estar entre os demais quando o sacerdote celebrava a missa. Aconteceu que num dia festivo, à hora da missa, enquanto vagava sozinho pelo campo, sentiu uma sede tremenda, e começou a preocupar-se por sua vida se não a saciasse. Então, ao caminhar, encontrou um riacho de água puríssima. Ao vê-lo, começou a beber e beber com todas as forças. Entretanto, ao saborear mais a água, percebeu que enquanto mais bebia, mais sede tinha, e maravilhado disse consigo mesmo:

— Quero encontrar a fonte desta água para nela beber.

Mas enquanto caminhava, conheceu um velho elegante que lhe disse:

— Querido amigo, aonde vai? E ele respondeu:

— Tenho uma sede insaciável e encontrei um riacho e bebi de sua água, mas enquanto mais eu bebia, mais sede tinha, e por isso procuro sua fonte para nela beber e assim saciar minha sede. O velho disse:

— Lá está a fonte onde nasce o riacho. Mas, diga-me antes, por que não está na igreja com os outros cristãos ouvindo a missa? A isso, o homem respondeu:

— Na verdade, meu senhor, é que nosso sacerdote vive de uma maneira tão execrável que não acho que as missas que ele celebra sejam puras nem agradem a Deus.

A isso, o velho redarguiu:

— Seja o que disser! Aqui tem a fonte de onde sai esta água tão doce que você acabou de beber do riacho.

O homem virou-se e viu um cão pestilento com a boca aberta, e pela mesma boca e dentes emanava, maravilhosamente, toda a água do riacho. Quando o homem viu isso, ficou totalmente confuso e todo o seu corpo tremeu de espanto, e por causa do cheiro fétido não se atreveu mais a saborear a água, apesar da grande sede que tinha. O velho, intuindo seus pensamentos, disse:

— Não tema por beber da água desse riacho, não lhe fará mal.

E, ao ouvir isso, bebeu outra vez e saciou sua sede, e logo disse:

— Ó senhor, água tão doce nenhum humano jamais bebeu. O velho respondeu:

— Apenas perceba de que maneira esta água não se contamina nem muda de cor ou sabor. Caro irmão, assim é a missa celebrada por um sacerdote indigno. Então, apesar do desgosto que a vida desses sacerdotes lhe causa, ainda assim deve ouvir suas missas.

Dito isso, o velho desapareceu e o homem revelou aos outros o que havia visto e depois ouviu a missa com muita devoção e chegou ao fim desta vida transitória e instável já que trocou a vida corruptível àquela incorruptível. Que assim nos permita Jesus Cristo, filho de Maria.

### *Sentido moral*

CAROS IRMÃOS: Este imperador é Jesus Cristo, em cujo império, isto é, o mundo, há um sacerdote libertino, ou seja, um cristão perverso, porque, como sacerdote, tem sob custódia as almas dos fiéis com suas virtudes cristãs, que lhes foram dadas no batismo para serem governados e vigiados diligentemente, e para não se contaminarem. Por seu mau exemplo, este sacerdote perdeu muitos. Onde São Gregório diz: "tantos maus exemplos ante os fiéis tantas almas perdidas"[3]. Desta forma, um cristão mau com suas palavras e obras arrasta muitos ao inferno. Se isto acontecer, faça como aquele paroquiano: caminhe pelos campos, isto é, pelos reinos e campanhas até encontrar alguém que lhe agrade a alma, ou seja, aquele velho. O velho é Cristo que deverá encontrar pelas obras de misericórdia: mas antes é conveniente beber da água do riacho que não lhe deixa saciar a sede. A água deste riacho, da qual bebemos, é o batismo que sacia a sede do pecado original. Mas se voltar a pecar, não poderá saciar sua sede nele até que chegue novamente à fonte. A fonte é o nosso Senhor Jesus Cristo, como Ele mesmo disse: "Eu sou a fonte de água viva que jorrará até a vida eterna"[4]. Os riachos dessa verdadeira fonte são as palavras das Sagradas Escrituras que saem com frequência da boca de um cão pestilento, isto é, da boca dum sacerdote pecador. Agora, cabe perguntar: por que a água flui da fonte através da boca de um cão pestilento ao invés de outro animal? Normalmente, a resposta está nas Sagradas Escrituras,

[3] Não encontrei a citação original. (n.t.)

[4] Citação indireta de João 4: 13-14, "mas o que beber da água que eu lhe der jamais terá sede. Mas a água que eu lhe der virá a ser nele fonte de água, que jorrará até a vida eterna." (n.t.)

onde os sacerdotes se comparam aos cães porque estes possuem quatro vantagens, segundo estes versos[5]:

*No cão, duas vezes duas são as vantagens: sua língua medicinal*
*Seu olfato, seu amor integral e seu ladrido.*

Assim, os sacerdotes idôneos para a conservação das almas no foro da predicação da penitência e da confissão devem observar fielmente quatro propriedades. Primeiro, que sua língua seja medicinal ao acariciar ou lamber as feridas dos pecadores e que não seja muito áspera ao limpar, já que é bem sabido que os cães lambem suas feridas e úlceras. Segundo, como o cão fareja a raposa ou a lebre com seu olfato, assim um sacerdote, com o cheiro da confissão, deve farejar e perceber as destrezas vulpinas de maneira engenhosa e sutil, ou seja, as perversidades heréticas ou as falsidades para poder impedir os pecados. Também deve perceber a timidez leporina e a imprecação do pecado e o desespero da graça, e também a ferocidade da raposa e do leão para o desdém da graça. Terceiro, como se sabe que o cão é um dos animais mais fiéis, porque se expõe ao perigo para proteger seu dono, família e outros animais dos homens maus, assim os sacerdotes devem sacrificar-se audazmente pela fé católica, pela saúde das almas, não somente de seus paroquianos como também pelo corpo e alma de todos os fiéis cristãos segundo as palavras de São João: "O bom pastor expõe a sua vida pelas ovelhas"[6]. Da mesma maneira João: "(Jesus) deu sua vida por nós. Também nós devemos dar a nossa vida pelos nossos irmãos"[7]. Quarto, como o cão anuncia a presença do ladrão com o seu ladrido e não permite que o tesouro do seu amo seja levado, assim o sacerdote fiel é o cão do Rei Supremo que pelo latido da predicação, que é a vigilância inesgotável da oração contínua, não cessa de afugentar o roubo, ou seja, as invejas ou as maquinações diabólicas que atentam contra o tesouro do seu Senhor, ou melhor, a alma do ser mais próximo que Jesus Cristo redime através do seu maior tesouro que é o seu precioso sangue.

---

[5] *O Bestiário de Aberdeen*, do início do século XIII, compara os cães de um modo bastante parecido com nosso *exemplum*: "os cães cuja forma tem coisas comuns com os predicadores, já que sempre estão advertindo e sempre se mantendo moralmente corretos, afastam as insídias do diabo para que o tesouro do seu senhor não seja levado, isto é, as almas dos cristãos". *Cf. The Aberdeen Bestiary*. 19 verso. Texto disponível em: <http://www.abdn.ac.uk/bestiary/bestiary.hti>. (n.t.)

[6] João 10: 11. (n.t.)

[7] Citação parcial da 1ª Epístola de João 3: 16. (n.t.)

## CXXXVI
## SOBRE O QUE O PASTOR DAS ALMAS DEVE VIGIAR

Um ladrão qualquer entrou na casa de um homem rico, e ao subir pelo telhado começou a espiar através de um buraco para ver se algum dos criados estava vigiando. O dono da casa, ao percebê-lo, falou a sós com sua mulher:

— Pergunte-me em voz alta de que maneira adquiri todos os bens que temos e não desista até que eu lhe responda.

Então, a mulher lhe disse:

— Ó meu bom marido, já que você não foi mercador, de que maneira acumulou tanto dinheiro?

Mas ele lhe respondeu:

— Não me pergunte estas coisas, sua tola.

Mas a mulher insistia cada vez mais, até que seu marido, quase vencido pelas súplicas, respondeu:

— Prometa-me que não irá contar nada a ninguém, e lhe direi a verdade.

Ela prometeu que não seria capaz de fazer tal coisa e o marido continuou:

— Eu era um ladrão e adquiri tudo o que tenho pelos furtos noturnos, e meu mestre me ensinou uma palavra que eu dizia sete vezes quando subia no telhado das casas.

A mulher lhe disse:

— Diga-me qual era essa palavra que lhe permitiu roubar sem correr perigo.

— Eu lhe direi, mas não quero que a repita de modo algum porque se alguém souber dela, poderá nos tirar todos os bens.

Ela disse que não faria isso de modo algum e o marido continuou:

— Estas são as palavras: "falaz, falaz".

E com estes dizeres a mulher dormiu, enquanto o marido fingia dormir e roncar. Quando o ladrão ouviu isso, alegrou-se e agarrou um raio da lua[8], e

[8] Tanto no *Liber Kalilae et Dimnae* prologus tercius, IV como na *Disciplina Clericalis* XXIV, o dono da casa indica como a palavra mágica lhe permitiu agarrar um raio da lua para poder descer à casa incólume. Porém, a omissão deste comentário, por parte do senhor, faz que o comportamento do ladrão, ao descer a casa, seja incoerente. (n.t.)

recitando sete vezes as palavras, soltou as mãos e os pés, caiu pela janela da casa com um grande estrondo, fraturou uma perna e um braço e ficou sem se mover, meio morto no chão. O dono da casa ouviu o barulho, e como se não soubesse de nada, perguntou ao ladrão de que maneira ele havia caído ali, e este lhe disse:

— Foram as palavras falazes que me enganaram.

O dono da casa apanhou o ladrão e mandou enforcá-lo na manhã seguinte.

### *Sentido moral*

CAROS IRMÃOS: O ladrão é o diabo que pelos maus pensamentos sobe o telhado do seu coração e faz um buraco através de uma má conspiração. O homem e sua mulher é um bom prelado casado com a Igreja a quem o diabo, através do pecado, esforça-se em roubar todos os bens; isto é, subtrair todas as virtudes que recebeu no sagrado batismo. Mas o bom prelado casado com a Igreja deve estar atento todo o tempo para não permitir que o ladrão penetre na casa da alma. A este respeito, cabe a palavra do Salvador: "Vigiai, pois, porque não sabeis a hora em que virá o ladrão"[9]. E que o homem, junto de sua mulher, ou seja, a Igreja, encontre a maneira de lutar contra as malícias e os vícios e resistir ao diabo para que este caia do seu corpo de um modo ou de outro, e que ninguém possa prejudicá-lo. O ladrão era o belo Lúcifer que queria subir com toda a sua vontade para ele se tornar deus e roubar-lhe sua dignidade. E assim disse Isaías: "Subirei sobre as nuvens mais altas e me tornarei igual ao Altíssimo e também colocarei meu trono no norte e me tornarei igual ao Altíssimo"[10]. E depois subiu ao paraíso, e eis que por sua beleza caiu no inferno e fraturou o braço, isto é, perdeu o encanto que o próprio Deus lhe dera e fora enforcado na forca infernal. Ao qual nos etc.

---

[9] A citação se encontra em Mateus 24: 42: "Vigiai, pois, porque não sabeis em que dia virá o vosso Senhor". O texto latino substitui "Senhor" por "ladrão". (n.t.)

[10] Isaías 14: 14. Trecho ampliado. (n.t.)

# Dois segredos do avô

Jorge Miguel Cocom Pech

**O texto:** publicado na língua materna do autor, o *mayat'an*, o livro *Mukult'an in Nool* (*Segredos do avô*), resgata a antiga sabedoria e tradição oral maia, através de textos literários muito próximos à prosa poética. Ao longo deles, Cocom Pech narra quando, ainda criança, fora escolhido pelo seu avô, don Gregorio Pech, e iniciado em várias práticas, como a do sonho, do silêncio e de outros enigmas, para receber e transmitir as tradições ancestrais e histórias milenares nas quais reside toda a cosmologia do seu povo. Do avô, aprendeu a linguagem da Natureza, dona da sabedoria do mundo, que detém o segredo das flores e dos animais, dos ventos e da noite, e a transmitiu através de sua escritura. Duas narrativas que integram o livro são emblemáticas: o texto de abertura *Ka'a si'ijil t'an mayao'ob bejla'e'* (*Renascimento da palavra dos maias*) e o relato *Ukp'el k'atchi'o'ob* (*As sete perguntas*). Devido ao profundo alcance poético e filosófico da obra, foi traduzida para vários idiomas, como as línguas indígenas mam (falada na Guatemala), zapoteca ou náuatle (falada no México), além do italiano, francês, inglês, romeno, catalão, árabe e russo.

**Texto traduzido:** Pech, J. Miguel Cocom. *Muk'ult'an in nool/Secretos del abuelo*. México: UNAM, 2006.

**Agradecimentos:** ao poeta Cocom Pech, pela concessão dos direitos de publicação e revisão dos originais em maia e tradução.

**O autor:** Jorge Miguel Cocom Pech nasceu em Calkiní, México, em 1952. Narrador e poeta de origem maia, é também ensaísta, crítico literário e colunista em revistas e jornais mexicanos, professor licenciado em Pedagogia e engenheiro agrônomo, com especialização em sociologia Rural pela Universidade de Chapingo. É considerado um dos expoentes da literatura maia atual, autor dos livros *El Chilam Balam de Calkiní* (poesia, 1997), *El secreto de los pájaros* (1997) e a edição bilíngue *Mukult'an in Nool*/*Segredos del abuelo* (2001). Desde 1997 participa de encontros, colóquios e congressos relacionados com a língua e a cultura maia, tanto no México quanto no exterior.

**O tradutor:** Gleiton Lentz é tradutor e doutorando do curso de Literatura, pela UFSC. Dedica-se ao estudo e tradução da poesia simbolista italiana e hispano-americana. É autor do livro *Enquanto os tempos forem nublados estarás só* (poesia, 2006).

# Muk'ult'na in nool

*"Bik sajakchajkech. ¡Leti'e' u t'aan a pixan!*
*Leti'obe' u t'aan a wool."*

COCOM PECH

## KA'A SI'IJILT'AAN MAYAO'OB BEJLA'E'

¡Bajun k'u óol ti' yaan k-nojoch táatats'ilo'ob ken u ya'alo'ob: a puk'sí'ik'al u ajkanan t'aano'ob, ma' u sa'ajkabi, tumen t'aano'obe ma' ti'a'ano'ob te'elo' u ti'a'al u kajakkubao baililie'.

P'aat ich yáax k'íine', íik'o'ob a wóol ka u k'ik'itko'ob t'aano'obe' ich belo'ob yéetel ka'aj u bukintko'ob chaktak nickteo'ob, saktak nikteo'ob, k'antak nikteo'ob i'ix ch'oojtak nikteo'ob, tumen nikteo'ob u kí kímakyool t'aano'ob kulcheo'ob, xiwo'ob yéetel áak'ilo'ob.

P'aat ich *ja'ja'lil* t'ano'obe' ka u líiskubao'ob je bix péepeno'ob, tumen leti'obe', u yaalo'ob yum cháak, beey xíiximbal nikteo'ob ich belo'ob; p'aat ti'e k'íina', ka ich kóolo'b kí'i úuchuk k'ub nal, ich buuts'il poom yéetel payalchí, je'e bix u t'aan níibóolalil ti'e yáax tich'.

Ken k'uchuk u k'in kan lúubuk u le'ob kulche'ob tio'olal u yúumbal iik', p'áatake t'ano'oba' ku ts'uts'ko'ob yéetel muun óol u yoot'el lu'um, tumen mix bik'iin t'ano'obe' yóok'ol kaab biin u sutkuba'ob u muuknal máako'ob.

Ken k'uchuk u ak'ya'abil i'ix ka chan a wu'uyik u ts'u'uts'keech u síis iik'il k'iino'obe', p'aat u yeelel t'aano'ob ich k'aak'e', tumen yooxoj biin u tep' a wíinklil; chéen ba'ale' wáa ka wu'uyik u totowankil, ku sit'o'ob, ku yawto'ob, ku yáakano'ob yéetel ku k'ayko'ob ichil jobnel, yéetel le k'aayo' bey u k'aay sak pakal, ma' a kupajtik te ch'ench'enki'o'ob. Bik sajakchajkech. ¡Leti'e' u t'aan a pixan! Leti'obe' u t'aan a wool.

Ma’ a ta’akik, ma’ a balantik, ma’ a tookik u jáalk’abil a t’ano’ob, tumen a t’aan biin a ts’íitel u tia’al tuláakle’ ja’abi’loiob yéetel u tia’al tuláakle’ k’iino’ob, leti’obe’ chéen junp’éeli’ yéetel ma’ xulik’iin, ka lik’il u yáantal kuxtal yók’ol kaab.

Ka’a sí’ijil t’aane’ u ka’a yaal ku síij tu ka’ateen t’aan, ku ka’aput síijil u juum a kaal.

Lae u ka’a kaxtikuba’ob máanlil yéetel bejla’e’; lae suuta’ tu ka’ateen ichil k-maayao’on k’uyen je’e bix k-na’atik k’iine’, junp’éel yúuchul jo’op’olnaji yéetel le juum kaal i’ix u kunaj t’aan láak’tsilo’ob bejla’e’ k-nuupt’aantik u p’aat u jun xotomal yók’ol ba’ax tak bejla’e’ ts’aka’an ich sa’ansamalil tsikbal waa ich ki’ ki’ pikju’uno’ob, tumen mix bik’iin k-t’ano’ob yóok’ol kaab bíin u sutkuba’ob u muuknal ti’a’al máako’obe'.

Calkiní, Campeche, 1997

## UKP'EL K'ATCHI'O'OB

Je bix te'exe', tene' yanji xan in nool.

Lae chan t'ajt'aj ich sak ek' oot'el nuxi'a', kajakba ka'ach ti' xa'anil naj k'axa'an ichil ch'ol paak'al tu'ux ku sen ts'aik u yich u kulul che'o'ob je bix mango, sak ya', on, chakal ja'as, cayumito, tsalmuy yéetel u láak' kulche'o'ob. In nóole', sen báaj uts. Kun xi'iko'on xinxinbate' ku ts'aik to'on k-jant yéetel tuláakal u jajil u yóol u yiche kulche'o'oba'.

U meyaj yéetel k'iine jóoya' yéetel u pak' ixi'im, bu'ul yéetel ts'e'ets'ek jejelas ki'ibok nikteilo'ob.

U bela tun yéetel ak'abe', ku náaysik k-ol ikil u tsikbatik ba'alo'ob bey chen tu pol ku taale'.

Chilikbal tu k'an u julu' u t'inmajik tu chumukil naj tumen u manak' paakat x-la ts'ia sáasile' ku nuktik k-k'atchi', bey xan ku tsolik ti' to'on ba'ax ma' t-na'ataji'.

Junp'el ak'ab, tu wéenel in wet abiltsilo'obe', letie' tu kajal u jayab, tin k'atchi'taj:

U'uyej in nóol, ba'ax tun nikteilo'ob.

Ta u bats'ik u chumukil u winklil yéetel u sak pix ka tu nuktaj:

— Nikteilo'obe' u yich pak'alo'ob, je'ex u nek' a wicho'ob nikteilo'ob ichil loil u táan a wich. Tu yóo'lal nikteilo'ob, ki'ibok icho'ob jejelas u bon, pak'alo'obe' ku páaktiko'ob, ku páatiko'ob, ku ki'mak'untiko'ob u yool yéetel ku ts'akiko'ob u pixán winiko'ob.

Yéetele ba'ax tu ya'alaja' tin na'ataj jel u páajtal u nuktik tuláakal in k'atchi'e':

— U'uye's in nol, ba'ax tune muyalo'obo'.

Letie' tu nuktaj:

— Múuyale' u k'ab memek'ki kulche'ob jach uts' tu yich u ximbalo'ob tu bejil ka'an u kuchmajo'ob ja':

Sak, éek', wa jéjelas u bono'ob, tu xik'inalo'ob u kaxto'ob ik' ti'a'al u báaxal taakiko'ob k'iin tu mina'an xul u nak' ka'an.

Wa ka wil ba ki'il u yoolo'ob tan u baliko'ob u chan k'ank'an che'eji che'ej yich k'iine'!

Ka ts'ok u jopik u chaamal, tu chen tuubik u wowola' buts' yol ik'e' ka tu ch'ajoltaj u t'aan:

— Chichan wa nojoch sak múuyalo'ob, wa je bix yan k'iin beyo'ob tamane', u ko'oylo'ob chan x-ch'upalo'ob ki'i mak u yolo'ob yaniko'ob tu tsel k'iin. U ts'okol u pitik u chan nok'o'ob, ku bukintik u chowak ek'popos piko'obe', ku báaxal k'axko'ob yéetel k'iin.

Tu makaj u chi' junsutuk, tu yéensaj u yok, ka jop' u yunbal tan u ts'olik beya':

Ichil tse'jaxk'in, seten baj k'ilkab, tu seten báaxan chaake', muyalo'obe' tats' k'in ek'popos u nook'o'ob.

Ichil ja'ja'lile', yan éek múuyalo'ob ku kuchiko'ob choko ik'; óo'lal ken u yiluba'ob yéetel u láak' múuyal u kuchmajo'ob síis ik'e' ku k'a'an jats'k'uba'ob. Ikil tuun u jats'kuba'ob ku k'itiko'ob chowak táabo'ob yéetel motso'ob sak ch'oj u julo'ob. U ts'okol tune' ku sutkuba'o'ob bey bek'ech sumi ja'e, ku k'axal. Le tun u bek'ech sumil sáaspik'en ja'a, ku yakta, ku ts'okolé ku ch'íik u muk' u yokja'e ku bin u yalkab tu sit'tik u jem lu'umo'ob, tu k'ayo'ob tu beejil kaj, tu beejil k'áax jach ki'imak u yolo'ob...

Ts'ok in wilik a báaxal yéetel a ka' its'ino'ob u ts'okol u k'axal cháak. Teché ma' ta walik wa yaanen tumen t'uubulech tu yéetelo'ob a beetex yéetel ju'un chan kastelan chemo'ob. Ts'ok in wilik a na'akalexi, a bine'ex xinxinbal tak náachil kaajo'ob, a k'ajolte'ex yanal balo'ob; bey xan tin wilik a tsikbale'ex, a looxe'ex yéetel u jela'an balche'ilo'ob k'anab. Kun sunake'ex tun ta tuukule'exe', ju'uni kastelan chemo'ob m búululo'ob tu chun u kootil tankab.

Tin wotaj ta'an, ba'ale', ichil u ki'mak olale' tu jan ya'alaj:

Le ku tsi'itsik cháake', ku ka' suut u bon ka'an. K'iiné ki'imak u yol tu jul; tu samal cheej xan yéetel nikteilo'ob. Nikteilo'ob tune' ki' xan u yolo'ob ikil u xinxinbatalo'ob tumen xuxo'ob, tulixo'ob yéetel ch'ech'ej ch'ech'limo'ob. Wa ka ts'a ta wole', bin a wil u ki' ki' sit'il sit' muucho'ob tu leklekankalo'ob tu yok'ol susulki su'uk nats' ti' u chun pak'lo'ob.

Ka tin wu'uyaj seen baj jats'uts u nuktik in k'atchi'e, ka jop' in k'atik ti':

— In nool, kux tun xuxo'ob, ba'axo'ob.

Leti'e u ti'a'al u ki'makoltikene', tu tsolaj:

— Xuxo'obe', balche'ob jach beyo'ob u nuuktaki u sinikilo'ob lu'ume'; ba'ale' leti'obe' jook'a'an u xik'o'ob; sáaspik'en u xik'o'ob. Leti'obe' suka'an u béetik u yotocho'ob yéetel tikin ju'un: U ts'okol u wóoliskuntiko'ob tu beele', ku ch'uykintiko'ob ti' nukuch kulche'o'ob. Tu yóo'lal tunee

xuxo’oba, máake’, tu k’ajoltaj ju’un. Tu yéetel ju’une’ páajchaj u béetik u wala pikil ju’uno’ob; bey xan tu béetike’ bek’ech pikil ju’uno’ob ka bisik tu náajil xok u ti’a’al a ts’íib.

— In nol, kux tun ch’och’lino’ob, ba’axo’ob.

Leti’e tu ya’aiajten:

— Balche’ob xan ku xik’nalo’ob; beyo’ob u nuktaki xk’uluche’.

Leti’obe’ ti’ suk u tak’kuba’ob tu chun kulche’. U xíibile’ ku yawat je bix u yawate’ kis buts’ tu’ux ku bisaj máak kimen, wa chen ucha’an loob ti’. Ma’ u jak’al a wol ken a wu’uy u yawato’ob, mix ba’ ku beetiko’ob, chen bey u t’aanik u núupo’. Mix u jak’al a wol ken a wuy u yawato’ob yan ba’ax k’as ku táasik u yawato’ob, ma’ jaaji, chen tus.

Le ka tin wilaj ts’o’ok u bin u wenele’, ka tin ch’ajoltaj in k’atchi’tik:

— In nol, ba’ax tune’ tulixo’ob.

— Tulixo’obe’, u ch’ilibilo’ob che’ jejelas u bono’ob ku xik’ nalo’ob.

Sen báaj uts’ tu t’aan u t’uchulo’ob ti’ nikteilo’ob yéetel akakba ja’. Leti’obe’ ku páajtal u xiknalo’ob tumen ku ch’a’ik u muko’ob ti’ u chichich sáaspik’en xik’o’ob. Yan máaxo’ob ku tukliko’ob, wíinike’, ikil u cha’antik tulixo’ob, tu beetaj yéetel máaskab u ketebil. Leten jach bey u nojchi tulix ku man u xik’nal káano.

Ka ts’ok u nuktik tene’ ka tin k’atchi’taj:

In nol, kune mucho’obo’.

Let’ie ichil u ki’mak ólile’, tu lep’aj u yol u nukten:

— Mucho’obe’, aj ts’ayomo’ob ti’ uj, je bix máaso’ob yéetel kokayo’ob aj ts’ayomo’ob ti áak’ab.

Uj yéetel ek’o’obe’ ku yemelo’ob u yuk’o’ob jaxbi chukua’ tu cha’antikuba’ob ti’ akakba ja’ tu’ux ku kajtal mucho’ob.

Ken u yilo’ob tun tan u néentik u nojoch chaknul wíinklil uj ti’ akakba ja’e’, mucho’obe’ ku jan yanyantik ka ts’uts’ako’ob. U ts’okol u ki’ ts’uts’alo’ob tumene sak wolis áak’ab tak’ina’, mucho’obe’ ku machlantik u k’abo’ob, ku papaxk’abo’ob yéetel ki’ ki’ ólal tu k’ayo’ob: lek, lek, lek, lek, lek, lek, lek, lek, lek, lek, lek...

Tin kan ch’a’aj in wíik’e’ ka tin k’atchi’taj:

— ¿Kux tun ten, in nol, máaxen?

Leti’e’ mina’an u túuklike’, tu nuktaj ten beya’:

— Je bix tuláakal wíinik kuxukbal te' yok'ol káaba', teche' juntul kuxa'an k'atchi'ech... juntul x ma' jets'a'an k'atchi'ech... ta máan a kaxant mina'an ts'okoli nu'uktajo'ob.

# Dois segredos do avô

*"Não temas. Está é a linguagem de tua alma!*
*Estas são as palavras de teu espírito."*

COCOM PECH

## RENASCIMENTO DA PALAVRA DOS MAIAS

Quanta razão tinham nossos avós quando diziam: – Teu coração é o guardião das palavras, não sua cova, porque tuas palavras não estarão ali para alojar-se eternamente!

Deixa que na primavera os ventos de teu ânimo dispersem as palavras pelo caminho e se vistam com flores vermelhas, brancas, amarelas e azuis, porque as flores são alegres palavras das árvores, das relvas e das enredadeiras.

Deixa que no verão as palavras se levantem em borboletas, porque elas, como filhas de *chaak*[1], são as flores ambulantes dos caminhos; deixa, nesse tempo de aguaceiros, que nas *milpas*[2] as espigas sejam oferecidas, entre o fumo do copal[3] e a oração, como palavras de gratidão nas primícias.

Quando chegar o outono e as árvores desprenderem suas folhas ao vaivém do vento, deixa que estas palavras beijem com ternura a pele do chão, pois nunca as palavras sobre a terra foram o sepulcro dos homens.

Quando chegar o inverno, e sentires que o ar gelado de seus dias te beija, deixa a palavra arder nas lenhas, que seu calor será o abrigo de teu corpo; mas se sentes que as palavras bulem, saltam, gritam, rugem e cantam em teu

[1] Referência a Chaak, deus da chuva na mitologia maia. (n.t.)
[2] Termo de origem náuatle para terreno dedicado ao cultivo de milho e, às vezes, de outras sementes. (n.t.)
[3] Copal, resina vegetal outrora considerada sagrada pelos maias, usada para aromatizar templos e casas. (n.t.)

interior, e este canto é parecido ao trino do sacbakal[4], pomba branca, não o afogues em silêncios. Não temas. Esta é a linguagem de tua alma! Estas são as palavras de teu espírito!

Não guardes, não escondas, não impeças a liberdade a tuas palavras, porque por meio de tuas palavras haverás de escrever para todas as idades e para todos os tempos, que é um só e eterno, enquanto houver vida sobre a terra.

*Ka'a sí'ijil t'an* significa voltar a nascer a palavra, voltar a nascer a voz.

Este reencontro do passado com o presente; este voltar de novo que para nós, os maias, era e é sagrada concepção do tempo, é um fato que se inicia com as vozes e testemunhos de nossos irmãos que hoje assumimos o compromisso de deixar constância do que sobreviveu na tradição oral, através de textos literários, pois nunca as palavras sobre a terra foram o sepulcro dos homens.

Calkiní, Campeche, 1997

∽

[4] No original, *sak pkal* ou *sakpakal*, pomba branca considerada sagrada pelos antigos maias. (n.t.)

## AS SETE PERGUNTAS

Assim como vocês, eu tive um avô.

Esse velhinho, de pele morena e olhos vivazes, vivia na choça de uma horta onde abundavam árvores de mango, sapoti, abacate, mamey, caimito, pinha e outras frutas. Estas, ele nos oferecia com gosto em nossas frequentes visitas.

Eu, que lhe era muito apegado, costumava ficar a seu lado para ajudá-lo nos trabalhos da horta.

Durante o dia, ele se dedicava a irrigar e a cultivar milho, feijão e algumas flores de diversos tamanhos, cores e aromas.

Ao anoitecer, desde sua rede, que se achava no centro da casa e aluminada pela luz enfraquecida de um velho candeeiro, meu avô contava narrativas fantásticas, e respondia dúvidas e perguntas.

Uma noite, quando os outros netos dormiam, e ele começava a bocejar, eu lhe perguntei:

— Vô, o que são as flores?

Então, cobrindo metade de seu corpo com um lençol branco, respondeu:

— As flores são os olhos das plantas, como teus olhos são as flores no jardim de teu rosto. Através dessas flores, olhos coloridos com aromas, as plantas olham, atraem, alegram e curam a alma dos homens.

Compreendi que meu avô teria respostas para todas as minhas perguntas:

— Vô, o que são as nuvens?

Ele respondeu:

— As nuvens são galhos de árvores frondosas carregadas de água que gostam de passear pelos caminhos do céu.

Brancas, cinzentas ou de outras cores, voam no azul do infinito em busca de vento para brincar com o sol às escondidas.

Ah, se soubesses como se divertem em ocultar a carinha amarela do sol, que sorridente as contempla!

Depois de pegar um cigarro e fazer bolinhas de fumaça, acrescentou:

— As nuvens brancas, pequenas ou grandes, e às vezes em forma de borregos, são meninas travessas que adoram estar perto do sol. Com ele,

brincam também durante as chuvas, quando trocam seus vestidinhos brancos por longas saias de cor acizentada.

Depois de uma breve pausa, em que aproveitou para colocar os pés no chão e se balançar na rede, explicou:

— No verão, época de abundante calor e de aguaceiros, as nuvens sempre andam vestidas de cinza.

Nesse tempo, geralmente de dias chuvosos, as nuvens cinzas carregam-se de vento quente e, ao se depararem nas alturas com outras nuvens carregadas de vento frio, chocam-se e batem-se entre si, produzindo trovões e lançando fios e raízes gigantescas de luz cor prateada e azul elétrico; então, descem à terra transformadas em cristalinas fileiras de água, a qual se converte em arroios e charcos que correm e saltam sulcos e ribeiras, cantando alegremente pelas ruas do povoado e pelos caminhos do monte...

E, sem que houvesses te dado conta, vi que brincavas com teus primos sobre viagens de aventura, e que vocês imaginavam ser transportados por barquinhos feitos de papel que acabavam afundando às margens das cercas de pedra...

Quis interromper, mas ele acrescentou entusiasmado:

— Quando a chuva para, o céu volta a ficar azul e o sol brilha contente e sorri às flores, que recebem alegres a visita das vespas, das libélulas e das cigarras chiantes. Se olhares bem, os sapos e as rãs coaxam perto dos caules das plantas e brincam satisfeitos sobre as ervas inundadas pela água.

Foi então que, entusiasmado com as respostas de meu avô, comecei a lhe expõr minhas dúvidas através de perguntas:

— Vô, o que são as vespas?

Ele, complacente, me explicou:

— As vespas são insetos parecidos com as formigas grandes que andam no chão; são dotadas de asas transparentes e têm o costume de colocar suas casas, feitas de uma pasta seca de papel em forma de globos, nos caules das árvores grandes. Graças às vespas, o homem conheceu o papel, e com este material pôde fazer as folhas dos livros e cadernos onde tu escreves quando vais à escola e fazes o dever de casa.

— Vô, o que são as cigarras? — perguntei.

Ele disse:

— Também são insetos voadores, parecidos às baratas, porém maiores.

Têm o costume de se fixar nos caules das árvores. Os machos emitem um som parecido ao das ambulâncias. Quando escutares um deles, não deves te assustar, porque através desse som os machos chamam as fêmeas. Algumas pessoas acreditam que esse chiado ocorre porque as cigarras avisam que algo grave aconteceu, mas isso não é verdade.

Ao ver que meu avô havia esquecido o sono, continuei interrogando:

— Vô, o que são as libélulas?

— As libélulas são como palitos coloridos que voam e que gostam de pousar sobre a água dos charcos e nas pétalas das flores.

Seu poder de voo se deve ao fato de possuírem asas transparentes muito fortes, que lhes servem de impulso. Há aqueles que acreditam que o homem, ao observar detidamente as libélulas, valeu-se dos complicados e velozes movimentos dessas hábeis voadoras para inventar esses ruidosos aparelhos de metal que conhecemos como helicópteros.

A cada resposta de meu avô, eu fazia outra pergunta:

— Vô, o que são os sapos?

Ele, alegre e interessado, respondia pacientemente:

— Os sapos são os eternos apaixonados da Lua, assim como os grilos e os vagalumes são da noite.

Como a Lua e as estrelas gostam de chocolate[5], descem para bebê-lo, refletindo-se na água dos charcos, lugar favorito onde habitam os sapos.

Pelas noites, quando a Lua está completamente nua e sua imagem brilhante se agiganta sobre a água tranquila dos charcos, os sapos pedem à Lua para que ela os beije. E após receber essa terna carícia, oriunda dos raios prateados da moeda noturna, os sapos emocionados, pegando-se pelas mãozinhas, formam um círculo mágico e aplaudindo com alegria emitem este som: lek, lek, lek, lek, lek, lek, lek, lek, lek, lek...

Foi então que, suspirando profundamente, perguntei:

— Vô, e eu, quem sou?

Ele disse, secamente:

[5] Na antiga tradição maia, o chocolate tinha um significado medicinal, social e religioso. As sementes de cacau eram tão importantes que eram usadas não apenas para alimentação, mas também como moeda de troca. Delas, extraía-se uma bebida amarga chamada *xocoatl*, que também era oferecida a Ek Chuach, deus dos mercados, que, segundo a lenda, precisava alimentar-se de chocolate para garantir uma boa colheita ao povo maia. A bebida pode ser considerada o correlato da ambrosia no Velho Mundo. (n.t.)

— Assim como todos os homens, que habitamos a terra há muitíssimos anos, tu és uma pergunta vivente... tu és uma interrogação inquieta e ambulante... em busca de respostas sem fim.

❧

# Memória
## da Tradução

# Quinze poetas catalães
## Antologia

**O texto:** Em fevereiro de 1949, o poeta João Cabral de Melo Neto apresentou nas páginas da *Revista brasileira de poesia*, publicada pelo Clube de Poesia de São Paulo, uma breve antologia traduzida de "Quinze poetas catalães" da 1ª metade do século XX. A descoberta da literatura catalã pelo autor de *Morte e Vida Severina* foi fruto de seu período barcelonês, durante a década de 1940, quando fora diplomata na Catalunha. Ao caracterizar e definir a posição dos poetas selecionados para sua antologia como "uma posição de defesa da língua catalã", já que à época, durante a ditadura franquista, o uso do idioma fora banido do território espanhol, assim como o basco e o galego, o escritor não só ansiava estreitar os laços entre o Brasil e a Catalunha — como atestam algumas de suas cartas a Bandeira, Drummond e Lispector — mas também se mostrava preocupado em preservar e resgatar a língua catalã e promover sua literatura dentro da literatura de seu país, fato que explica a tradução ter sido publicada ao lado do original em catalão. Após seis décadas, republicamos a seguinte tradução em homenagem à sua memória, seja enquanto texto literário seja enquanto registro de tradução.

**Texto de referência:** "Quinze poetas catalães". *In.* Revista brasileira de poesia, fevereiro de 1949, pp. 29-43.

**Os autores:** Mariano Manent, Joan Oliver, Tomás Garcés, Rosa Leveroni, B. Rosselló-Pòrcel, Joan Teixidor, Salvador Espriu, Joan Vinyoli, Josep Romeu, Josep Palau, Joan Barat, Joan Perucho, Joan Triadú, Jordi Sarsanedas e Jordi Cots.

**O tradutor:** João Cabral de Melo Neto nasceu em Recife, em 1920, e faleceu no Rio de Janeiro, em 1999. Poeta e escritor, autor, entre outros livros, de *O cão sem plumas* (1950) e *de Morte e vida Severina* (1956), considerada a sua obra mais célebre, em 1945 ingressou na carreira diplomática, tendo atuado numa série de cidades europeias, entre as quais, Barcelona.

# QUINZE POETES CATALANS

*"Tota la meva vida es lliga a tu,*
*com en la nit les flames a la fosca."*

ANTOLOGIA

## [Mariano Manent]

### LLOANÇA DEL FANG

Lloaré el fang, per ço que hi fou la vida
i aquella sang que bull al nostre cos.
Mos ulls de fang pressenten el repòs
i la immortal claror de l'altra Vida.

Lloaré el fang, per ço com fou pastada
la nostra carn del fang inconsistent
i dins l'argila immóbil i colrada
el buf de déu entrà com la sement.

## [Joan Oliver (Pere Quart)]

### N. XIX
### (LES DECAPITACIONS)

Sens tija, sola
corol·la
que en la nit serena
vola
errivola
ànima en pena,
livida
(com son visatge
d'adéu
a la bella vida).
Maridatge
d'ala i neu,
fruit celeste,
(testa
sacra
de Madama
Anna Bolena
rediviva en simulacre)
cendra i flama,
lluna plena.

## [Tomás Garcés]

### LLEGENDA

Cavallers de barba blanca
per un aspre viarany.
Potser tornen de cacera,
potser van a guerrejar.
Canyes altes i florides,
Un bressol vora el canyar.
Entre flors de satalia,
el somriure de l'Infant.
Descavalquen, s'agenollen,
si el sabessin bressolar!
Amb la boira s'esvaïen
la cacera i el combat.

Neixen albes, cauen fulles,
passen aigües riu enllà.
Pels camins de la ribera,
sense brides, els cavalls.

**[Rosa Leveroni]**

**CANÇÓ**

Totes les albes ha encès
El clam ardent d'una flama.
Tots els estels han donat
un plor subtil de rosada.
El perfum posa carmi
al cor de la rosa blanca
i la daina, dins la font,
cercava un mirall de plata.
He sentit una cançó
i no sé qui la cantava:
semblava venir de lluny
entre sospirs com de branca
i deia ben dolçament:
Ai la trista enamorada!

**[B. Rosselló-Pòrcel]**

## A MALLORCA, DURANT LA GUERRA CIVIL

Verdege encara aquells camps
i duren aquelles arbredes
i damunst del mateix atzur
es retallen les meves muntanyes.
Allí les pedres invoquen sempre
la pluja difícil, la pluja blava
que ve de tu, cadena clara,
serra, plaer, claror meva!
Sóc avar de la llum que em resta dins els ulls
i que em fa tremolar quan et recordo!
Ara els jardins hi són com músiques
i em torben, em fatiguen com en un tedi lent.
El cor de la tardor ja s'hi marceix,
concertat amb fumeres delicades.
I les herbes es cremen a turons
de cacera, entre somnis de setembre
i boires entintades de capvestre.

Tota la meva vida es lliga a tu,
com en la nit les flames a la fosca.

## [Joan Teixidor]

### INFANT

Tots els jardins s'han fet per tu,
i les flors i les pedres.
No intentis saber més; mira
la llum penjada a l'arbre.

Quan seràs gran oblidaràs
aquesta pau divina.
I, sense esment, tindràs enyor
del que ara tens i et sobra.

**[Salvador Espriu]**

**MONOLAC DE ESTHER**

Quan et perdis endins
del desert de la tarda
i t'assedegui el blau
de la mar tan llunyana,
et sentiràs mirat
per la meva mirada.
Etern, príncep, Jacob,
tindràs sempre companya
que peregrini amb tu
per segles e paraules.
Suportaràs la mort,
com a l'ocell la branca.

Ai, enemic camí
de les hores i l'aigua,
galop d'altius arquers
contraris a l'estàtua
de sal de qui volgué
esdevenir de marbre!
Si et tombes, ele teus ulls
glaçaran esperances.

Poble trist, amb record
de ciutats molt cremades.
No t'aculll cap repòs
d'ombra bona, de casa.
Només somnis, al fons
de la meva mirada.

## [Joan Vinyoli]

### AL VENT DE TARDOR

Vent de tardor, vent solitari,
vent de la nit,
obscura força que es deslliga
de l'infinit i torna a l'infinit,
arremolina't dintre meu, conjura
contra el meu cor la teva força,
arrenca já l'escorça
del fruit que no madura.

**[Josep Romeu]**

**JUNY**

Més nobles que l'or, el blats
oscil·len, madurs, i onegen,
revenen i van al vent
en tardes sagrades, dolces,
Esperen avui la falç
per dar-se sumisos i amples.

Sabéssim l'amor del fruit
que serva la mel profunda
i cau, nodriment de Déu,
en fer-se madur i perfecte.!

**[Josep Palau]**

**SONET INTRAUTERÍ**

Des del teu mal, des de la teva entranya,
des de laes teves llàgrimes, vull ser una
veu — germinal.

Pensar-te des de tu, des del teu centre
dir-te, des de la flor suprema dels teus ulls.

Jo vull desnéixer en tu. Tot home vol desnéixer
en un amor, un si.

Ah! fes-me petit, fins que jo sigui pos
estremida, pol·len del teu ventre.

**[Joan Barat]**

**ANY NOU**

Mitja nit, cendra
I epíleg d'un tros de mi
I del temps: reprendre
uma sang i un camí
etern, sense comprendre.

## [Joan Perucho]

### ÉS PER AIXÓ QUE ESTIMO

Marbre o lluna glaçada,
errívola,
com pensatiu asfòdel navegues per un cel d'esperança
mentre tes mans ignoren les macilentes febres,
els horrors de la mort sobre el fang
o la injúria envilida
que sota encoratjadoras paraules
adrecen els homes a llurs amants secretes.

Jo voldria estimar-te
com el delicat insecte estima la petita memòria d'una flor
o com la terra estima el nùvol,
tombat serenament a una armoniosa presència
que perduri en la llum del teu cos
tan esvelt i tan jove.

Però somni que atança somni,
vida que alena vida
no perdona una boca, una inútil tortura;
no perdona un amor que arrela com un arbre
furiosamente alçat damunt d'un ventre
o una terra materna.

És per això que estimo
aquesta cançó que ara agonitza.

## [Joan Triadú]

### ENDIMION (Fragment)

Encara és um repòs de les ferides
que l'aire es llevi, pàtria, del seu son
cansat i taciturn, amic a penes
de les fràgils banderes, dels cabells
més àgils d'un amor, i del somriure
del nostre mar encès de pur matí,
vora la vida. Sempre m'acompanyen
els silencis amics i el cansament
més dolç del seu parlar, quan l'abraçada
pobla els arenys de fruit, ric d'una mort
bens guardada en els anys i de les lluites,
i em torna les banderes en el vent
de l'espattla segura i exaltada,
mentre els infants ara, amb ele ulls de nit,
aspiren la claror del cel salvatge,
i no respon una veu a llur crit,
però fugen ocells de benvinguda.

## [Jordi Sarsanedas]

### POSARÉ EL MEU AMOR . . .

Posaré el meu amor que és tan llarg com les venes
a la boca cendrosa d'aquell infant esquerp
entre la pau humil de les darreres cabres.
Vull besar aquella fam que li affina la passa
i posar un somni lleu en el crani rapat
i el reflexe darrer de la nostra mimosa.

**[Jordi Cots]**

**VIURE AMB FE CADA HORA SANTA . . .**

Viure amb fe cada hora santa,
com si a l'endema partíssim
cap a un país estranger,
sense comiats l'hora nostra.

I arrencar del cel la pluja,
i el temps dels teus ulls, amiga,
ocell, flor de neu, per mirar-te.

Oh el ritme greu de la Mort!
La Morte en els meus cabells,
segura com una rosa.

# QUINZE POETAS CATALÃES

*"Toda a minha vida se liga a ti,*
*como na noite, as chamas à treva."*

ANTOLOGIA

## [Mariano Manent]

### LOUVAÇÃO DO BARRO

Cantarei o barro, porque nele esteve a vida
e este sangue que ferve em nosso corpo.
Meus olhos de barro pressentem o repouso
e o clarão imortal de uma outra vida.

Cantarei o barro porque foi amassada
a nossa carne de barro inconsistente
e na argila curtida e inanimada
o sopro de Deus entrou como a semente.

## [Joan Oliver (Pere Quart)]

Poema **XIX**
de **AS DECAPITAÇÕES**

Sem caule, só
corola
que na noite serena
voa,
errante,
alma penada,
lívida
(como seu rosto
de despedida
à bela vida).
Casamento
de asa e neve,
fruto celeste
(cabeça
sacra
de Madame
Ana Bolena
rediviva em simulacro),
cinza e chama,
lua plena.

## [Tomás Garcés]

### LENDA

Cavaleiros de alvas barbas
na vereda a cavalgar.
Talvez regressem da caça,
talvez partam a guerrear.
Capinzal alto e florido,
um berço no capinzal.
Entre flores, rosas brancas,
o Infante sorrindo está.
Descavalgam, se ajoelham,
se o soubessem embalar!
Com a névoa se dissiparam
o combater e o caçar.

Nascem albas, tombam folhas,
águas no rio a passar.
Nos caminhos da ribeira,
cavalos, sem brida, já.

## [Rosa Leveroni]

### CANÇÃO

Mil auroras acendeu
o ardente grito da chama.
Dez mil estrelas nos deu
o pranto sutil do orvalho.
Punha o perfume carmim
na alma desta rosa branca
e uma cerva pela fonte
buscava o espelho de prata.
Percebi uma canção
e não sei quem a cantava;
entre suspiros de ramos,
como de longe, chegava,
dizendo bem docemente:
Ai da triste enamorada!

[B. Rosselló-Pòrcel]

## A MAIORCA, DURANTE A GUERRA CIVIL

Reverdecem ainda aqueles campos
e permanecem aqueles arvoredos
e sobre o mesmo azul
se recortam as minhas montanhas.
Ali as pedras invocam sempre
a chuva difícil, a chuva azul
que vem de ti, cordilheira clara,
serra, prazer, claridade minha!
Sou avaro do que me resta de tua luz
e que me faz estremecer quando te evoco!
Ali os jardins são agora como a música
e me turbam, fatigam com seu tédio lento.
Ali o coração do outono já murcha
em harmonia com fumeiros delicados.
E as ervas são queimadas pelos cerros
de caça, entre sonhos de setembro
e névoas tingidas de ocaso.

Toda a minha vida se liga a ti,
como na noite, as chamas à treva.

## [Joan Teixidor]

### MENINO

Todos os jardins se fizeram para ti
e as flores, as pedras.
Não tentes saber mais, contempla
a luz pendurada na árvore.

Quando grande, não te lembrarás
desta paz divina.
Mas uma obscura saudade haverá no desejo
do que agora te sobra.

**[Salvador Espriu]**

## MONÓLOGO DE ESTHER

Quando te perderes dentro
do deserto da tarde
e te der sede o azul
do mar tão distante,
sentirás que és olhado,
pelo meu olhar.
Eterno príncipe, Jacob,
terás sempre companhia
contigo peregrinando
através séculos, palavras.
Suportarás a morte
como o ramo ao pássaro.

Ai, inimigo caminho
das horas, das águas,
galope de altivos archeiros
contrários à estátua
de sal do que pensou
vir a ser mármore!
Si tu cais, os teus olhos
gelarão esperanças.

Povo triste, à lembrança
das cidades abrasadas.
Nenhum repouso te acolhe
de sombra doce, ou casa.
Apenas sonhos, no fundo
do meu olhar.

## [Joan Vinyoli]

### AO VENTO DE OUTONO

Vento de outono, vento solitário,
vento da noite,
força obscura que se desprende
do infinito e volta ao infinito,
rodopia dentro de mim, conjura
contra meu coração tua força,
arranca de uma vez a casca
do fruto que não madura.

## [Josep Romeu]

### JUNHO

Nobres, mais do que o ouro, as espigas
oscilam, maduras, e ondulam
e vêm e vão ao vento,
em tardes sagradas, doces.
Esperam agora a foice
para dar-se submissas, largamente.

Conhecêssemos o amor do fruto
que recolhe o mel profundo
e cai, alimento de Deus,
ao fazer-se maduro, completo!

**[Josep Palau]**

**SONETO INTRAUTERINO**

Desde teu mal, desde tua entranha, desde tuas lágrimas
quero ser uma voz — germinal.

Pensar-te desde ti, desde teu centro contar-te, desde a flor
suprema de teus olhos.

Quero desnascer em ti. Todo homem quer desnascer num
amor, num seio.

Ah! faze-me pequeno, pequeno, até que eu veja pó
enfebrecido, pólen de teu ventre.

## [Joan Barat]

### ANO NOVO

Meia-noite, epílogo
e cinza de um pouco de mim
e do tempo; outra vez empreender
um sangue e um caminho
eterno, sem entender.

## [Joan Perucho]

### É POR ISSO QUE ESTIMO

Mármore ou lua gelada,
errante,
como pensativo asfódelo navegas por um céu de esperança
enquanto tuas mãos ignoram as macilentas febres,
os horrores da morte sobe o lodo
ou a injúria vil
que sob encorajadoras palavras
dirigem os homens a suas amantes secretas.

Desejaria estimar-te
como o delicado inseto estima a pequena memória de uma flor
ou como a terra estima a nuvem
prostrado serenamente ante uma harmoniosa presença
que perdura na luz de teu corpo
tão esbelto e jovem.

Porém o sonho que aproxima sonho,
vida que alenta vida
não perdoa uma boca, uma inútil tortura;
não perdoa um amor que se enraíza como árvore
alçada furiosamente por cima de um ventre
ou de uma terra materna.

É por isso que estimo
esta canção que ora agoniza.

## [Joan Triadú]

### ENDIMIÃO (Fragmento)

É ainda um repouso às feridas
que o ar desperte, pátria, de seu sonho
cansado e taciturno, amigo apenas
de frágeis bandeiras, dos cabelos
mais ágeis de um amor, e do sorriso
do nosso mar — aceso de pura manhã,
ao lado da vida. Sempre me acompanham
os silêncios amigos e essa fadiga
tão doce de seu falar, rico de uma morte
bem guardada nos anos e das lutas
quando um abraço povoa as areias de frutos
e me devolve as bandeiras no vento
do ombro seguro e exaltado;
enquanto as crianças agora, com olhos de noite,
aspiram o clarão do céu selvagem,
sem que uma voz responda ao seu chamado
que serve apenas para afugentar os pássaros de boas-vindas.

## [Jordi Sarsanedas]

### COLOCAREI O MEU AMOR . . .

Colocarei o meu amor, tão longo como as veias,
na boca de cinza daquele menino esquivo
entre a paz humilde das derradeiras cabras.
Quero abraçar a fome que lhe dá aquele passo sutil,
pousar um sonho leve na sua cabeça rapada
e o reflexo da flor da nossa mimosa.

## [Jordi Cots]

### VIVER COM FÉ . . .

Viver com fé cada hora santa
como se amanhã partíssemos
para um país estrangeiro,
sem despedir a hora nossa.

E arrancar do céu a chuva,
e de teus olhos o tempo, amiga,
pássaro, flor de neve, para contemplar-te.

Oh o ritmo grave da Morte!
A Morte nos meus cabelos
resa como uma rosa.

Poema de
## Alejandra Pizarnik

Ilustração de
## Aline Daka

### Caminos del espejo

Y sobre todo mirar con inocencia.
Como si no pasara nada, lo cual es cierto.

Pero a ti quiero mirarte hasta que tu rostro
se aleje de mi miedo como un pájaro
del borde filoso de la noche.

Como una niña de tiza rosada en un muro
muy viejo súbitamente borrada por la lluvia.

Como cuando se abre una flor y revela
el corazón que no tiene.

Todos los gestos de mi cuerpo y de mi voz para
hacer de mí la ofrenda, el ramo que abandona
el viento en el umbral.

Cubre la memoria de tu cara con la máscara de la
que serás y asusta a la niña que fuiste.

La noche de los dos se dispersó con la niebla.
Es la estación de los alimentos fríos.

Y la sed, mi memoria es de la sed, yo abajo,
en el fondo, en el pozo, yo bebía, recuerdo.

Caer como un animal herido en el lugar
que iba a ser de revelaciones.

Como quien no quiere la cosa. Ninguna cosa.
Boca cosida. Párpados cosidos. Me olvidé.
Adentro el viento. Todo cerrado
y el viento adentro.

Al negro sol del silencio las palabras se doraban.

Pero el silencio es cierto. Por eso escribo.
Estoy sola y escribo. No, no estoy sola.
Hay alguien aquí que tiembla.

### Caminhos do espelho

*E sobretudo olhar com inocência.*
*Como se nada acontecesse, o que é certo.*

*Mas a ti quero olhar-te até que teu rosto*
*se afaste de meu medo como um pássaro*
*da borda afiada da noite.*

*Como uma menina de giz cor-de-rosa num muro*
*muito velho subitamente borrada pela chuva.*

*Como uma flor que se abre e revela*
*o coração que não tem.*

*Todos os gestos de meu corpo e voz para*
*fazer de mim a oferenda, o ramo que o vento*
*abandona no umbral.*

*Cobre a memória de tua cara com a máscara daquela*
*que serás e afugenta a menina que foste.*

*A noite dos dois se dispersou com a névoa.*
*É a temporada dos alimentos frios.*

*E a sede, minha memória é da sede, eu embaixo,*
*no fundo, no poço, eu bebia, recordo.*

*Cair como um animal ferido no lugar*
*que seria de revelações.*

*Como quem não quer a coisa. Nenhuma coisa.*
*Boca costurada. Pálpebras costuradas. Esqueci-me.*
*Dentro o vento. Tudo fechado*
*e o vento dentro.*

*Sob o sol negro do silêncio douravam-se as palavras.*

*Mas o silêncio é certo. Por isso escrevo.*
*Estou sozinha e escrevo. Não, não estou sozinha.*
*Há alguém aqui que treme.*

Aun si digo sol y luna y estrella me refiero a cosas
que me suceden. ¿Y qué deseaba yo? Deseaba
un silencio perfecto. Por eso hablo.

La noche tiene la forma de un grito de lobo.

Delicia de perderse en la imagen presentida.
Yo me levanté de mi cadáver, yo fui en busca
de quien soy. Peregrina de mí, he ido hacia
la que duerme en un país al viento.

Mi caída sin fin a mi caída sin fin en donde
nadie me aguardó pues al mirar quién
me aguardaba no vi otra cosa que a mí misma.

Algo caía en el silencio. Mi última palabra fue yo
pero me refería al alba luminosa.

Flores amarillas constelan un círculo de tierra
azul. El agua tiembla llena de viento.

Deslumbramiento del día, pájaros amarillos
en la mañana. Una mano desata tinieblas,
una mano arrastra la cabellera de una ahogada
que no cesa de pasar por el espejo.
Volver a la memoria del cuerpo,
he de volver a mis huesos en duelo,
he de comprender lo que dice mi voz.

*Ainda que diga sol e lua e estrela refiro-me a coisas*
*que me ocorrem. E o que desejava eu? Desejava*
*um silêncio perfeito. Por isso falo.*

*A noite tem a forma de um grito de lobo.*

*Delícia de perder-se na imagem pressentida.*
*Eu me levantei de meu cadáver, eu fui à procura*
*de quem sou. Peregrina de mim, fui em direção*
*àquela que dorme num país ao vento.*

*Minha queda sem fim à minha queda sem fim onde*
*ninguém me esperou pois ao olhar quem*
*me esperava não vi outra coisa senão a mim mesma.*

*Algo caía no silêncio. Minha última palavra foi eu*
*embora eu me referisse à aurora luminosa.*

*Flores amarelas constelam um círculo de terra*
*azul. A água treme cheia de vento.*

*Deslumbramento do dia, pássaros amarelos*
*na manhã. Uma mão desata trevas,*
*uma mão arrasta a cabeleira de uma afogada*
*que não cessa de passar pelo espelho.*
*Voltar à memória do corpo,*
*hei de voltar aos meus ossos em luto,*
*hei de comprender o que diz minha voz.*

"E a sede, minha memória é da sede, eu embaixo, no fundo,
no poço, eu bebia, recordo."

Do livro *Extracción de la piedra de locura*, 1968. Tradução de Gleiton Lentz.

## Índice das **Ilustrações**

**William Blake** (pp. 158-161)
*The body of Abel found by Adam and Eve,* c.1825
Têmpera sobre painel
TATE GALLERY, LONDRES

*The Ghost of Abel*, 1822 (gravuras 1 e 2, cópia A)
LESSING J. ROSENWALD COLLECTION
LIBRARY OF CONGRESS, WASHINGTON, D.C.

**John Anster Fitzgerald** (p. 164)
Detalhe de *The Stuff that Dreams are made of*, 1858
Óleo sobre tela
COLEÇÃO PARTICULAR, LONDRES

**Gustave Moreau** (p. 175)
*Le Poète voyageur,* s.d.
Óleo sobre tela
MUSÉE GUSTAVE MOREAU, PARIS

**Sundus Abdul Hadi** (p. 187)
*Inanna in Damascus*, 2008
Acrílico sobre tela
THE SAATCHI GALLERY, LONDRES

**Pompeia** (p. 208)
Detalhe de *The Couple*, retrato de Paquius Proculus e sua mulher, c. 30 d.C.
Afresco romano
MUSEO ARCHEOLOGICO NAZIONALE, NÁPOLES

**Bonampak** (p. 223)
Detalhe de *Los Músicos*, Templo dos Murais, c. 790 d.C.
Afresco maia
MUSEO NACIONAL DE ANTROPOLOGÍA E HISTORIA, MÉXICO

**Joan Miró** (p. 237)
Detalhe de *La poétesse*, 1940
Guache e óleo sobre papel
THE COLIN COLLECTION, NOVA IORQUE

**QUADRINHOS:**
**Aline Daka** (p. 269)
*A sede*, 2010
Nanquim e aquarela sobre papel

**CONTRACAPA:**
**Fedra Rodríguez Hinojosa**
*Sliding Doors*, 2010
Fotografia

a
r
(n.t.)
e

Visite nosso Suplemento de Arte virtual:
Artistas da edição: Lílian Santos Gomes e Dorothea Tanning.

**www.notadotradutor.com/galeria**

(n.t.) (n.t.) (n.t.)